

ALBERANÍ ARAÚJO DE MEDEIROS

**ESCOLA INCLUSIVA: REPRESENTAÇÕES DE
PROFESSORES DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE UMA
CIDADE DO INTERIOR DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO NORTE**

Orientadora: Maria Odete Emygdio da Silva

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

**Lisboa
2013**

ALBERANÍ ARAÚJO DE MEDEIROS

**ESCOLA INCLUSIVA: REPRESENTAÇÕES DE
PROFESSORES DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE UMA
CIDADE DO INTERIOR DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO NORTE**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Odete Emygdio da Silva.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

**Lisboa
2013**

A educação inclusiva promove-se assim, a diferenciação pedagógica inclusiva está presente no trabalho que se desenvolve deste modo. Cada um faz de acordo com as suas capacidades, todos aprendem com todos.

SILVA (2011, p.32)

Dedico este trabalho em primeiro lugar

A Deus, nosso criador;

À minha mãe Corina Araújo

Ao meu pai Francisco Gregório

Aos meus filhos Igor e Isabele;

*A Albanisa, minha esposa, pelo companheirismo
em todos os momentos.*

AGRADECIMENTOS

A DEUS, pela sua sensível presença em todos os momentos de minha vida.

A minha **Orientadora Professora Doutora Maria Odete Emygdio da Silva** pela oportunidade de vivenciar experiências tão ricas. Por sua orientação segura, atenção, confiança e compromisso. Pela sua maneira simples e inteligente de ser. Agradeço a amizade e apoio em todos os momentos.

Aos **meus pais Corina e Francisco** que mesmo não tendo debruçado sobre os livros, souberam tão bem me incentivar ao estudo, como meta para o desenvolvimento pessoal.

Aos **meus filhos, Igor e Isabelle**, força maior de incentivo na caminhada para que ficasse o exemplo da conquista do saber.

A **minha esposa Albanisa**, que não mediu esforços em incentivar a enfrentar essa batalha e soube compreender as horas de ausência.

A todos **os professores do mestrado** que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação.

As colegas **Aura, Rúbia e Sônia** por compartilharem comigo esta jornada.

Aos **amigos e a minha família**, pessoas queridas que mesmo sem estarem perto, estiveram muito presentes.

A Professora **Cecília Leotina** pelo apoio a pesquisa no meio rural.

A todos os **colegas de trabalho**, por acreditarem na pesquisa.

A **todos os colegas de estudos** que proporcionaram uma relação de amizade e que participaram em grupos de estudos.

As **Faculdades Integradas de Patos – FIP** pelas oportunidades oferecidas.

A **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa** pelo acolhimento como aluno do mestrado.

ÍNDICE DE QUADRO

1. DISTRIBUIÇÃO POR FAIXAS ETÁRIAS DOS PROFESSORES
2. TEMPO DE DOCÊNCIA
3. FORMAÇÃO ACADÊMICA
4. FORMAÇÃO ESPECIALIZADA
5. EXPERIÊNCIA COM ALUNOS COM NEE
6. ANO/SÉRIE QUE LECIONA
7. PARTICIPAÇÃO EM ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA
8. DISTRIBUIÇÃO POR FAIXAS ETÁRIAS DOS DIRETORES
9. TEMPO DE DIREÇÃO
10. FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS DIRETORES
11. FORMAÇÃO ESPECIALIZADA DOS DIRETORES
12. EXPERIÊNCIA DOS DIRETORES COM ALUNOS COM NEE
13. PARTICIPAÇÃO DOS DIRETORES EM ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA
14. CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS URBANAS EM ESTUDOS
15. CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DO MEIO RURAL
16. SÍNTESE GLOBAL DAS ENTREVISTAS AOS DIRETORES

RESUMO

A inclusão de pessoas com Necessidades Educacionais Especiais - NEE surge como um novo paradigma para atender as exigências da sociedade e valorizar o outro em suas particularidades. Este estudo, de natureza qualitativa, teve como objetivo compreender representações de professores e de diretores no ensino fundamental I sobre a inclusão, no ensino regular, de alunos considerados como tendo necessidades educacionais especiais. Estes sujeitos lecionam em seis escolas de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte. Como instrumentos para a coleta de dados, utilizamos uma entrevista semi estruturada, realizada com os professores e diretores participantes e a pesquisa documental. Os resultados obtidos levam-nos a concluir que: a inclusão pode configurar-se como um processo excludente pelas práticas dos professores; a inclusão de alunos com NEE depende da acessibilidade da escola; os professores se sentem angustiados por não saberem como trabalhar com os alunos com NEE em simultâneo com os outros alunos da turma; essa insegurança decorre da falta de capacitação para trabalhar com estes alunos; a inclusão acontece porque é obrigatória por lei.

Palavras-chave: Educação inclusiva, Necessidade Educacional Especial, representação social.

ABSTRAT

The inclusion of people with Special Educational Needs emerges as a new paradigm to attend the needs of society and value the other in its particularities. This study, of qualitative nature, had as objective to understand representations of teachers and directors in the elementary teaching about inclusion, in the regular teaching, of students considered as having special educational needs. These subjects teach in six schools of a small town in of Rio Grande do Norte State. As instrument for data collecting, we utilized a semi-structured interview, achieved with participant teachers and directors and the documental research. The obtained results lead us to conclude that inclusion can configure as an excluding process by the teachers' practice; the inclusion of students with SEN depends on the school accessibility; the teachers feel themselves afflicted for they do not know how to work with the SEN students simultaneously with the other class students; this insecurity occurs for the lack of qualification to work with these students; the inclusion happens because it is determined by law.

Key-words: Inclusive Education, Special Educational Needs, Social Representation.

ABREVIATURAS

LDB – Lei de Diretrizes e Base.

NEE – Necessidade Educacional Especial.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

EMATER – Empresa de Assistência e Extensão Rural

UFRN – Universidade Federal de Rio Grande do Norte.

EA – Escola Ativa

SEMECE – Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte

PNEs – Portadores de Necessidades Especiais

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	12
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	14
1.1. Inclusão e Educação Inclusiva: um novo paradigma de escola ..	14
1.2. Atitudes e Percepções sobre a Inclusão: a importância das Representações	19
2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	28
2.1. Problemática e Questão de Partida	29
2.2. Objetivos	29
2.2.1. <i>Geral</i>	29
2.2.2. <i>Específicos</i>	30
2.3. Caracterização do Estudo	30
2.4. Operacionalização de Conceitos	31
2.5. Instrumento de Recolha e Tratamento de Dados	31
2.5.1. <i>Pesquisa Documental</i>	31
2.5.2. <i>Entrevista</i>	32
2.6. Procedimentos para Recolha e Tratamento de Dados	33
2.7. Caracterização dos Sujeitos	35
2.7.1. <i>Caracterização dos professores</i>	35
2.7.2. <i>Caracterização dos Diretores</i>	38
2.8. Caracterização das Escolas	39
2.8.1. <i>De meio urbano</i>	40
2.8.2. <i>De meio rural</i>	41
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	42
3.1. Síntese das Entrevistas aos Diretores das Escolas	42
3.2. Síntese das Entrevistas aos Professores	48
3.3. Escola Inclusiva: que representações têm os diretores e professores?	57
4. REFLEXÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

APÊNDICES

Guião das entrevistas	ii
Ficha de caracterização dos professores e diretores	iii
Síntese das entrevistas	iv
Análise das entrevistas	xiii
Protocolo das entrevistas com os diretores	xxxvi
Protocolo das entrevistas com os professores	xlvi

INTRODUÇÃO

A obtenção de igualdade de oportunidades de direitos das pessoas com NEE ou deficiências passa pelo direcionamento de uma consciência de que somos seres humanos e devemos respeitar as limitações do outro. A incorporação desses direitos está assegurada nos textos constitucionais em todas as esferas da administração pública, seja Municipal, Estadual ou a União.

A legislação brasileira, através da Lei de Diretrizes e Base da Educação, datada de 1996, já previa a inclusão de alunos com NEE ou deficiências nas salas do ensino regular, apenas assegurando os direitos que a Constituição Federal de 1988 já garantia a todos os cidadãos brasileiros.

Mas se a inclusão educativa é um direito que a legislação enquadra, a sua prática levanta algumas dificuldades às escolas. Nesse contexto, procuramos compreender o pensamento dos professores e diretores em relação à Inclusão de Alunos considerados com NEE no ensino regular na cidade de Caicó, interior do estado do Rio Grande do Norte.

A pesquisa que realizámos teve, assim, como objetivo geral, compreender representações sobre a inclusão no ensino regular, de alunos considerados como tendo necessidades educativas especiais, a partir do discurso de professores e diretores do ensino fundamental I, que lecionam em escolas de uma cidade do interior do estado atrás referido.

Para esclarecer melhor os conceitos da inclusão, buscamos na pesquisa documental alguns autores que defendem a inclusão de alunos com NEE nas escolas do ensino regular (Silva, 2011a, 2011b, 2009, 2008; Jesus, 2009; Ramos, 2008; Sanches & Teodoro, 2006; Mantoan, 2006, 2008; Rodrigues, 2006) e para conceituar as representações sociais utilizamos referências de (Silva 2009; Meksenas 2007; Rangel 2004; Moscovici 2003 e Correia 2003).

Como instrumentos para a coleta de dados, utilizamos a pesquisa documental e a entrevista semi estruturada, realizada com professores e diretores de escolas de meio urbano e de meio rural. Para o seu tratamento utilizamos a análise de conteúdo, fundamentando-nos em autores como (Bardin 2009, Franco 2008, Macedo & Carrasco, 2005).

A pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva na análise dos dados, retratando a realidade existente.

Justifica-se a sua realização pela necessidade de poder contribuir com o desenvolvimento educacional na prática em sala de aula, principalmente sobre as representações que têm os professores a respeito da inclusão de alunos com deficiência

e/ou NEE no ensino regular. O trabalho está dividido em quatro capítulos distintos e correlacionados.

O primeiro é a fundamentação teórica sobre a inclusão e a educação inclusiva, onde se aborda as atitudes e percepções da inclusão e a importância das representações sociais. O segundo capítulo focaliza os procedimentos metodológicos utilizados para atingir os objetivos propostos bem como a caracterização das escolas e dos sujeitos envolvidos na pesquisa, buscando compreender a construção social da realidade. O terceiro capítulo apresenta resultado da pesquisa. Na análise e discussão dos dados estão especificadas as sínteses das entrevistas, as atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE, as atitudes dos alunos e as dificuldades sentidas não só com a inclusão, como também as estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE. No quarto e último capítulo estão as considerações finais, que apontam para a reestruturação nas modalidades de ensino na escola pública, e as mudanças que vêm ocorrendo nas ofertas da escola inclusiva nos últimos anos. Pode-se ainda perceber as dificuldades de trabalhar a inclusão na sala de aula do ensino regular, mas mesmo assim, é possível modificar os padrões tradicionais da escola.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Inclusão e Educação Inclusiva: um novo paradigma de escola

A educação brasileira tem sido marcada por reformas educacionais que exigem novas habilidades para trabalhar as diferenças em sala de aula. Os processos de mudanças que ocorrem nas práticas educacionais de inclusão hoje garantem as pessoas que apresentam necessidades educacionais especiais o direito de integrar a sociedade, dispondo das mesmas prerrogativas de igualdade. As incessantes mudanças estão inseridas na construção da própria história de segregação de pessoas com deficiência que muito preocupava a todos e que a partir da Declaração de Salamanca em 1994 foi que começou a ser visto como sendo realidade. Para Honora

Podemos entender que a Declaração de Salamanca foi um marco muito importante no que se refere à educação dos alunos com necessidades educacionais especiais. O que, anteriormente a esta declaração era regra, ou seja, educação especial, institucionalizada, passou a ser exceção. Pela Declaração de Salamanca, foi fundamentado o direito de que alunos com deficiência ou não pudessem estudar juntos. A educação especial começa a dar espaço à Educação Inclusiva. (2008, p. 22)

O novo paradigma da educação está pautado no processo de construção do conhecimento e da socialização dos alunos no mesmo espaço escolar, contribuindo para a aceitação dos considerados desiguais e dinamizando as escolas para que sejam abertas para as diferenças, passando a ser o espaço onde as crianças brinquem e aprendam convivendo com as Necessidades Educacionais Especiais do outro e fortalecendo o conceitos de que somos capazes de compartilharmos os mesmos espaço escolares e sociais, facilitando a convivência de uns com os outros. Ainda na visão de Honora:

No Brasil, existem algumas leis voltadas para a necessidade da pessoa com deficiências; no entanto, mesmo depois de decretadas, as leis são implantadas de modo lento e parcial, sendo ignoradas por grande parte da população e principalmente por alguns órgãos públicos (2008, p.29).

A história da educação dos deficientes sempre passou por um processo de marginalização e é historicamente resoluto de um conjunto de ações políticas, sociais, econômicas, culturais, ideológicas e religiosas que convencionam os limites do que seja normal para a sociedade. A incorporação dos direitos constitucionais no âmbito da União, Estados e dos Municípios que são assegurados na Constituição de 1988 e na LDB 9.394/96 passa por um distanciamento entre o que está efetivamente assegurado nos textos constitucionais e no que vem sendo traduzido na prática educativa e nas políticas das prioridades governamentais.

A educação tem avançado muito nas últimas décadas do século XX, principalmente na obtenção de igualdade de oportunidade das pessoas com NEE, necessariamente pela tomada de consciências dos profissionais e pela sociedade em geral, no sentido da incorporação desses direitos às pessoas com deficiências. Muito embora haja as dificuldades de como trabalhar com as diferenças pela falta de preparação que a maioria dos profissionais da educação sente em conviver com pessoas com NEE. Para Silva (2011) “tem evidenciado dificuldades que os professores, dizem sentir, algumas das quais, analisamos em tempos e contextos diferentes, são curiosamente semelhantes, o que nos faz pressupor a necessidade de formação nestes domínios” (p. 24).

A história das deficiências tem passado por grandes avanços, principalmente o preconceito da diferença, se compararmos ao histórico da inclusão de pessoas com NEE, desde o período hebraico, ou mesmo da Idade Média. Reportando a esse período da história, Ramos (2010), diz que: “a partir da Idade Média, evidencia a deficiência como uma manifestação do mal, um castigo, uma provação” (p. 23)

Na Idade Média, as deficiências eram explicadas frequentemente pelas crenças sobrenaturais, demoníacas e superstições. O homem era submetido a poderes invisíveis, com práticas de magias e de relações voltadas para uma construção demoníaca que faziam parte do cotidiano dos Portadores de Necessidades Especiais - PNEs. Assim, acreditavam na construção dos fazeres diabólicos com os deficientes, e o homem passa a ser submetido a poderes invisíveis tanto do bem, quanto do mal, e eram tratados isoladamente. Ao analisar os diferentes conceitos de inclusão de pessoas com Necessidades Educativas Especiais – NEE, torna-se visível a evolução da educação nos diferentes tempos da sua história. No levantamento histórico feito por Honora (2008), é esclarecido que:

Durante a Idade Média, já sob a influência do Cristianismo, os senhores feudais amparavam os deficientes e os doentes em casas de assistência por eles mantidos. Progressivamente, no entanto, com a perda de influência do feudalismo, veio à tona a ideia de que os portadores de deficiência deveriam ser colocados no sistema de produção ou assistidos pela sociedade, que contribuía compulsoriamente para tanto (p.13).

Isso vale ressaltar que o preconceito vem desde os hebreus quando atribuíam às deficiências as punições divinas e sempre muito ligadas às crenças da igreja, onde mantinha o domínio sobre as pessoas e a concretização dos discursos voltados para a exclusão das pessoas com deficiências. É nesse sentido que a autora ainda ressalta que as deficiências eram: uma espécie de punição divina, e impediam qualquer pessoa com deficiência de ter acesso a serviços religiosos (p.12).

Enquanto isso, já os hindus tinham uma visão diferenciada sobre os deficientes visuais, quando consideravam uma pessoa de sensibilidade mais aguçada, tendo em vista a

deficiência. Eles possibilitavam o ingresso dessas pessoas nas atividades religiosas, muito embora o termo inclusão não tivesse uma conotação de fazer tomar parte, mas sim, facilitava a inserção de pessoas com NEE em alguma atividade ligada à igreja.

Já os Antenienses foram influenciados por Aristóteles, que protegia os deficientes e doentes, aos quais era facultada a possibilidade de assumir alguma atividade proveitosa para manter-se seu alto sustento.

A inclusão há muito é debatida no âmbito da educação e passou a ser um desafio para todos os segmentos da sociedade, principalmente para os profissionais da educação, tornando-se elo de entendimento e reconhecimento do outro, para assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com a diferença. Nessa perspectiva, a inclusão de pessoas portadoras de deficiências deixa de ser uma preocupação a ser dividida entre governantes, especialistas e um grupo delimitado de cidadãos, e passa a ser uma questão fundamental da sociedade.

A inclusão começa a ser eclodida como movimento social, na segunda metade da década de 80, nos países desenvolvidos. No Brasil, tomou impulso na década de 90, com a difusão das ideias da Declaração de Salamanca (1994) e com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.º 9394, em 20 de dezembro de 1996, que define Educação Especial, no capítulo V, no artigo 58, como: A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando (1997, p. 26).

É este artigo que define educação especial em termos da lei e regulamenta atualmente a prática da inclusiva que, para Ramos (2008)

Cada dia que passa é feita novas descobertas e também se buscam novas nomenclaturas; contudo, pelo fato de a inclusão se tratar de um conceito novo, nesse campo ainda se encontra dificuldades em lidar com os nomes, os quais correm os riscos de virar rótulos, se mal aplicados (p.11).

A inclusão de pessoas com deficiências e/ou necessidades educacionais especiais é uma proposta de políticas educacionais consolidadas na perspectiva de se apresentar como um avanço na educação que vem sendo superado ao longo da história no Brasil, desde 1988 através da Constituição Federal. Relata-se que a educação é um direito de todos e dever do estado e da família, com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania, e a escola por sua vez, tem a obrigação de atender a todos.

Seguindo os princípios de igualdade, acesso e permanência, liberdade de aprender e ensinar (artigos 205 e 206) e em 1989, através da Lei Federal 7.853, que dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiências, a sua integração social. No artigo 2º, parágrafo

único da linha “a”, diz que: “a inclusão, no sistema educacional da Educação Especial como modalidade educativa que abranja a educação precoce, a pré-escolar, as de 1º e 2º graus, a supletiva, a habilitação e reabilitação profissionais, com currículos, etapas e exigências de diplomação própria”. Honora (2008) relata sobre as Leis existentes desde a década de 1980, dizendo que:

No Brasil, existem algumas leis voltadas para a necessidade da pessoa com deficiência: no entanto, mesmo depois de decretadas, as leis são implantadas de modo lento e parcial, sendo ignoradas por grande parte da população e principalmente por alguns órgãos públicos (p. 29).

A discussão sobre políticas inclusivas habitua-se e centrar-se nas alianças da organização sócio-política necessária na busca dos direitos individuais do público a que se destina. Os importantes avanços produzidos pela democratização da sociedade, e viabilizados pelos movimentos de direitos humanos, apontam a emergência da construção de espaços sociais menos excludentes e de alternativas para o convívio na diversidade. A capacidade cultural, em poder lidar com as diferenças que o compõe, tornou-se uma espécie de aprendizado no estágio de transformação, especialmente desde a Declaração de Salamanca, quando foi fundamentado o direito da educação inclusiva. Honora (2008), explica que: Adotem o princípio de educação inclusiva em forma de lei ou de política, matriculado todas as crianças em escolas regulares, a menos que existam fortes razões para agir de outra forma (p.23)

É nesse contexto que impulsionado pelo movimento mundial sobre o direito de toda a educação de qualidade e, principalmente, a construção de um processo, nos quais as pessoas excluídas da sociedade buscam de oportunidades para toda a inclusão escolar, tem se mostrado como o novo foco de interesse dentro da educação especial no Brasil. Isso diante das condições oferecidas pelos movimentos para que a inclusão se concretizasse. Como afirma Almeida (2008):

A Declaração de Salamanca e o enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educacionais Especiais (1994) buscaram reafirmar o direito a educação de todos os indivíduos tal como escritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), renovando a garantia dada pela comunidade mundial na Conferência Mundial sobre Educação para todos (1990) de assegurar este direito, independentemente das diferenças individuais (p.62).

Por isso, a palavra inclusão não significa proporcionar a integração ou a normatização. Seu significado está mais próximo à possibilidade de fazer parte, conviver dentro do mesmo espaço. Citando Mantoan (2006) “os termos “integração” e “inclusão”, embora tenham significados semelhantes, são empregados para expressar situações de

inserção diferentes e se fundamentam em posicionamentos teórico-metodológicos divergentes” (p.17).

O processo de integração escolar passa a ser entendido como sendo a inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns. A justificativa dessa proposição político-educacional centra-se na necessidade de transformar os sistemas de ensino, a partir de uma concepção de ensino e aprendizagem que efetivamente respeite as diferenças dos alunos.

A educação inclusiva exige atenção às necessidades especiais, não considerando apenas dos portadores de deficiência, mas levando em consideração todas as crianças, pois trabalhar a diversidade de forma dinâmica para que as crianças portadoras de necessidades especiais saiam do processo excludente e participem de classes do ensino regular, de modo que possa se socializar e desenvolver o ensino aprendizagem juntos aos demais. Como enfatiza Honora (2008), que a Declaração de Salamanca prioriza que:

(...) o princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas dos alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos, através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, o uso de recursos e parcerias com as comunidades (p. 24).

A inclusão dos alunos com NEE em classes comuns torna-se benéfico ao alunado, principalmente para os estudantes sem deficiência, pois a grande maioria descobre a humanização solidária e passam desde cedo a ser cooperativo, tornando-se mais compreensivos, indulgentes e ter créditos nas relações com os outros. Para Silva (2011a)

A inclusão implica novas práticas docentes. Implica também que a escola, no seu conjunto, perspective a inclusão não apenas como um direito, mas também como um benefício, porque contribui para que todos “cresçam” de modo a viverem e a conviverem mais adequadamente com a diferença que caracteriza cada um de nós (p.131).

Por isso, é que a inclusão escolar é entendida como benéfica pelo fato de atender a todas as pessoas, independente de suas habilidades e/ou dificuldades. As escolas são constituídas para que todos os que dela participam possam desenvolver ações formadoras de pessoas conscientes de seus direitos e deveres.

Vivemos as rupturas e inovações de paradigmas éticos, científicos e culturais produzido pela atual sociedade. Para Alves (2005), “os professores devem ser estimulados a um crescimento profissional contínuo e nunca esquecer que pode ser um facilitador, embora seja sempre um docente” (p. 46).

Para que busque essa significativa aprendizagem é necessário saber quais as expectativas do professor e suas ansiedades em relação à diferença. É preciso saber, também, o que esse professor necessita e o que ele almeja.

1.2. Atitudes e Percepções sobre a Inclusão: a importância das representações

Nesta nova realidade escolar, as crianças consideradas com necessidades educativas especiais terão a oportunidade de terem um ensino o mais próximo possível do que são dadas as crianças “normais”, além de serem incluídas noutras atividades e convívio social.

Dessa forma, não se trata de pensar tão somente a educação para deficiente, mas para equiparar a prática educativa e a organização da escola no respeito à diferença do outro. Mantoan (2006) ainda comenta que “mesmo sob a garantia da lei, podemos encaminhar o conceito de diferença para a vala dos preconceitos, da discriminação, da exclusão, como tem acontecido com a maioria de nossas políticas educacionais” (p. 25).

Ainda há muitas dificuldades a serem superadas para que a inclusão seja de fato e de direito, uma conquista da educação brasileira. No entanto, os números de matrículas de alunos com NEE estão aumentados nas escolas comuns, estas precisam de ações mais no sentido de compatibilizar suas intenções com propostas de trabalho pedagógico e com o aperfeiçoamento do processo educativo de todos os alunos.

Mudanças substanciais na organização pedagógica do ensino comum constituem um desafio. O grande mérito das políticas de inclusão, agora é consolidar e afirmar o direito de todos à educação, invertendo o foco da “deficiência” para a eliminação das barreiras físicas, pedagógicas no ensino regular.

Estas políticas buscam tornar o acesso à escola do ensino regular mais acessível à participação e ao mesmo tempo em que assegura a permanência de todos os alunos na escola, independentemente de suas individualidades. No ponto de vista prático, a educação inclusiva possa reaver a garantia a qualquer criança e o acesso ao Ensino Fundamental, nível de ensino obrigatório a todo cidadão brasileiro.

A inclusão como prática da escola implica em promover a escolarização de crianças com necessidades educativas especiais em classes comuns, juntamente com seus colegas sem necessidades mais diferenciadas. Nessa perspectiva é que Fortunati (2007) coloca que:

Com o direito à inclusão do aluno portador de necessidades educativas especiais em classes regulares, também se impõe ao currículo do curso normal a inclusão

de estudos que permitam ao futuro professor reconhecerem e entender as diferentes carências de seus alunos (p.91).

Portanto, a formação é um processo de construção de identidades profissionais com base nas experiências pessoais, sociais e culturais dependendo da situação que o educador enfrenta na sala de aula com os alunos portadores de necessidades especiais educativas.

Na escola inclusiva, o processo educativo é entendido como uma ação social em que todas as crianças com necessidades especiais e distúrbio de aprendizagem têm o direito à escolarização, cabendo à escola responder a necessidade de ensino aprendizagem de todos os alunos. Este deve ser articulado de acordo com as necessidades dos educandos. Mantoan (2006) acrescenta em seu discurso que:

As condições que dispomos hoje para transformar a escola nos autorizam a propor uma escola única e para todos, em que a cooperação substituirá a competição, pois o que se pretende é que as diferenças se articulem e se componham e que os talentos de cada um sobressaiam (p.35).

Sendo assim, o professor passa a construir uma representação social junto aos alunos, o que possibilitará às pessoas a percepção de seus próprios pensamentos, suas ideias, o sentido de mundo, suas atitudes em relação ao ensino aprendizagem, construindo e reconstruindo novas representações junto ao aluno. Para Correia (2003) “dessa forma se compreenderá a crescente importância atribuída ao estudo das representações, enquanto fatores susceptíveis de influenciar ou modificar uma determinada realidade” (p. 23).

Neste sentido, as rerepresentações sociais são organização do pensamento prático que serve como modelo na sociedade e que constrói uma comunicação entre o grupo ou indivíduo onde se encontra inserida, para a compreensão e domínio do meio social e material. Partindo dessa concepção, podemos perceber que os professores, em sua maioria, passam por uma preocupação muito grande quando tomam conhecimento de assumir a sala de aula com alunos com algum tipo de deficiência, isso pode ser captado nos processos de formação das representações sociais que a encorajam e objetivam o pensamento social existente. Ainda segundo Correia (2003)

Há que acreditar na mudança de concepção do papel do professor, assim como ponderar a questão, não em termos de como as deficiências podem ser curadas, mas na perspectiva de como é possível desenvolver práticas adequadas, potencializando o desenvolvimento de acordo com as características de cada aluno (p. 31).

A grande preocupação do professor em incluir o aluno em situação de deficiência e/ou com necessidades educacionais especiais no ensino regular é justamente como

trabalhar com esses alunos, sem que tenha sido preparado durante a graduação e/ou que tenham feitos cursos para poder fazer essa inclusão.

As concepções dessas mudanças implicam em uma nova postura na sala de aula, onde os professores detentores de uma visão mais tradicional salientam que a entrada das novas pedagogias contribuiu para a queda na qualidade de ensino. Fernandes (2000) nos fundamenta dizendo que:

A pressão para a mudança origina novas concepções de educação e formação, agora necessárias ao longo da vida e não circunscritas a um período determinado, e altera o conceito de escola, uma organização dinâmica, portadora de sentido e não um espaço físico, despersonalizado e tutelado a distancia pelo poder central (p. 32-33).

Para compreendermos a educação da pessoa com deficiência deve ser em uma dimensão bem ampla, ou seja, a partir da concepção sócio-cultural, não só educativa, mas com o objetivo de desenvolver suas potencialidades, respeitando-as e aprimorando sua participação na sociedade sem destacar suas dificuldades.

A inclusão não é apenas o processo de inserção de pessoas com necessidades especiais, ou distúrbio de aprendizagem na rede regular de ensino, em todos os seus níveis, pois vai, além disso, a escola é quem deve adequar-se aos seus alunos, visando, sempre, à inserção na sociedade, proporcionando o ensino aprendizagem, a socialização e a permanência na escola. Pois nas escolas regulares, para trabalhar com os alunos com necessidades educativas especiais, em seu ensino comum, os professores necessitam de formação adequada. “A educação inclusiva envolve um processo de preparação do professor que considera as diferenças e as dificuldades dos alunos na aprendizagem escolar como fontes de conhecimento sobre como ensinar e como aperfeiçoar as condições de trabalho nas salas de aula”. (Brasil, 1995, p.17).

A formação de docentes para atuar na perspectiva de educação inclusiva, tem como objetivo o desenvolvimento do sujeito autônomo, e como finalidade de profissionais a refletirem constantemente sobre sua prática pedagógica, bem como avaliar o seu desempenho e fazendo os questionamentos necessários sobre a sua atuação, compartilhar experiências e novas idéias com seus colegas sobre a sua prática, pondo fim na prática individualista da formação e do exercício profissional.

Compartilhar experiências é essencial para a formação contínua em educação, porque os conhecimentos teóricos não são o suficiente. É necessária a participação nas mudanças sociais, como individuo que não apenas seja transmissor de conhecimentos, mas que aprimore seus conhecimentos tanto pessoal como profissionalmente. A formação do professor deve ser contínua e diferenciada com o objetivo de ampliar as competências, a fim

de fortalecer suas potencialidades profissionais em todas as dimensões políticas, sociais e educacionais.

Esse processo de construção deve partir da sua prática e dos conhecimentos prévios que esta prática possibilita. Segundo Leite (1999), os professores devem ser “colocados em um contexto de aprendizagem e aprender a fazer fazendo: errando, acertando, tendo problemas a resolver, discutindo, construindo hipóteses, observando, revendo, argumentando, tomando decisões, pesquisando” (p. 28).

Nessa perspectiva, não basta só o professor buscar modificar suas práticas, mas também a escola, a família e o contexto onde as crianças com NEE ou deficiências estão inseridas. Deve haver uma articulação entre a escola, as famílias, e os seus professores, pois um depende do outro. O investimento que a escola faz em seu professor, converte-se para os próprios alunos que da instituição necessita. Para Mantoan (2008)

Com base nos princípios da escola inclusiva, a formação dos professores só poderá acontecer inscrita no espaço coletivo, que possibilitará uma mudança de cultura na escola, criando mecanismos para o desenvolvimento de uma cultura colaboradora, em que a reflexão sobre o próprio trabalho pedagógico seja um de seus componentes (p. 144).

Na escola, o professor tornar-se-á educador/educando, nesse espaço que deve ser criativo e de aprendizagem. O desafio do educador na escola é construir um ambiente educativo, onde possa trabalhar e formar as concepções de inclusão na aprendizagem. Ainda que exista uma demanda para o professor deter um conhecimento sobre as formas de intervir nas mais diferentes situações e com as mais diversas necessidades da criança, deve-se resgatar a noção de que o professor também é um ser humano e que muitas vezes não possuirá todas as respostas aos desafios encontrados.

Nesta perspectiva, a representação que o professor formula em relação ao aluno está estritamente ligada a sua prática educativa. Para Ferracine (1990, p.58), “a primeira atitude a caracterizar o professor consiste em tomar contato com a realidade circunstante”.

É nesse contexto que se considera que a representação feita pelo professor em relação ao seu aluno é importante, ela definirá as relações entre eles e dará sentido às aprendizagens a serem vivenciadas. E esta representação é restritamente ligada a prática, e deve ser notável e não apenas suposta. A representação social na educação inclusiva deve-se ao fato de conviver nas relações entre eles, e entre o grupo em que estão inseridos na sociedade.

Para Silva (2009),

Á educação inclusiva está subjacente a atitude com que se perspectiva tal como a prática pedagógica dos professores e a organização e gestão da escola e das turmas. No que diz respeito à atitude, o modo como se perspectivam e

prospectavam as necessidades especiais é determinante para o percurso dos alunos (p.148).

As representações sociais influenciam diariamente nas atitudes, nas tomadas de decisão e nas práticas sociais. Elas não são aparentes, estão relacionadas às mudanças sociais, aos discursos e a alterações da dinâmica de relações entre pessoas de grupos sociais. Esse dinamismo faz-se presente no processo ensino aprendizagem e nas relações sociais.

As representações sociais nos permitem construir um sentido/significado do discurso, tornando as relações mais complexas de entendimento. Elas trazem em si uma história de cada sujeito, suas individualidades. Construindo esse sentido, as representações sociais nos possibilitam entender parte do que pensa a sociedade. É necessário instigar o sujeito para favorecer ao entendimento dos fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. É nesse sentido que Rangel (2004) nos esclarece dizendo que:

Encontra-se, portanto nesse enfoque, mais um argumento a este ensaio, no qual se reconhece, na teoria da representação social, a oportunidade de contribuir ao ensino-aprendizagem, cujas dificuldades têm implicações em problemas sociais significativos, gerados pelo fracasso e pela exclusão escolar e social (p.14)

Dessa forma, pode-se pensar no processo de representação da origem aos diálogos entre os indivíduos de um grupo social. É o ponto de vista, ideias e imagens dos sujeitos sobre o que há de efetivo e que os cerca às quais estão vinculadas as suas práticas sociais. A representação social, que se caracteriza como um saber social, conduz ao estudo do fenômeno de ordem cognitiva, orientada pelas marcas sociais e as condições de suas gêneses as quais estão relacionadas à construção de saber conviver juntos na diversidade. Assim, as práticas decorrem inúmeras formas de comportamentos, idéias e construções, dentre as quais a construção social de conceitos fundamentais a sociedade, ser humano, conhecimento, imagem e significações do outro.

Para Poizat (2004)

A noção de deficiente de situação faz referencia a uma abordagem dinâmica e social, abandonando uma concepção estática e unicamente médica do deficiente que aparece daqui em diante como expressão de um equilíbrio interno entre três elementos em movimento: individual, situacional e contextual (p.45).

Elementos esses, conservados pela não informação a respeito da temática inclusão, bem como das deficiências. Muitas vezes propagados pela mídia de forma exploratória e desnecessária. É necessária a atualização do conhecimento de conteúdos ligados à área da Educação Especial e das práticas educativas, contribuindo para as novas relações entre o professor e o aluno com NEE. Assim, acreditamos nas inúmeras

possibilidades das pessoas com deficiências ou NEE se integrarem às demais. Para isso, é necessária a dedicação, especialmente, do professor da classe comum do ensino regular.

No campo da educação especial, vêm acontecendo algumas mudanças, inclusive na legislação. Isso é reflexo de anos de conquistas. A Educação Inclusiva exige do professor uma mudança de postura, no sentido de redefinir seu papel, que é fundamental no desenvolvimento de seu aluno. O educador deve aprender a considerar o seu aluno, suas limitações e desenvolver suas práticas a partir disto: ouvindo novas situações, acompanhando as etapas de desenvolvimento, não direcionando aos seus interesses. De acordo com Correia (2003) “como se tem vindo a verificar por estes diferentes contributos, a formação tem impacto na evolução de atitudes, comportamentos e representações, podendo levar à modificação de crenças e ajudar a novos procedimentos no sentido da eficácia” (p. 99).

O grande desafio do profissional que trabalha com a educação inclusiva é necessariamente articular e planejar o que ele tem que ensinar à criança, dando suas contribuições para o desenvolvimento do ensino aprendizagem.

Como o processo de inclusão de pessoas com necessidades especiais causa extraordinárias mudanças e, por vezes, desconforto na sala de aula, pois a formação dos professores da rede regular de ensino não é adequada para esse fato. É necessário um período de adaptação, para que haja num futuro breve uma devida busca por novos conhecimentos que possibilitem a esse professor um trabalho adequado às novas exigências.

Kronbauer e Simionato (2008) enfatizam em seus estudos a preocupação que “estamos todos, com certeza, partilhando dessa angústia: os professores diante de seus alunos, os gestores em suas redes de ensino, os formadores de professores, os pesquisadores com suas dúvidas e perguntas” (p. 14).

A Inclusão de pessoas com NEE ou deficiências constitui-se prática da modalidade da Educação. Ao movimento pela inclusão social está ligado a ideia de uma sociedade, na qual a diversidade na sala de aula é respeitada. A construção de uma sociedade inclusiva passou a ser considerada como peça fundamental para o desenvolvimento e a manutenção da democracia, pois a educação inclusiva é parte essencial desse processo, sendo o professor responsável por esses contributos de integração na sala.

Para Sanches & Teodoro (2006),

Hoje, pretende-se que aprendizagem se faça com ajuda do professor, mas também com o grupo e no grupo dos pares, no contexto ao qual pertence cada um dos indivíduos a educar, valorizando saberes e experiências de todos, com o seu nível de funcionalidade (p. 80).

Vemos que essas modificações são necessárias não só no corpo da escola, devendo existir um trabalho com toda comunidade, inclusive com o maior apoio de instituições especializadas locais, além de contar com parcerias entre outros órgãos que tenham interesse em contribuir com a educação.

As representações de professor/aluno se devem às formas de interação social a que é proporcionado na sala de aula, permitindo que o sujeito fale, interaja e mostre a sua potencialidade de vivência em grupo. Ou seja, segundo Silva (2008),

Responder a todos os alunos no contexto do grupo-turma, diferenciando de um modo inclusivo a intervenção, obriga à implementação de estratégias que facilitam que o ensino e a aprendizagem sejam perspectivados com e para todos os alunos. A aprendizagem cooperativa é um bom exemplo de como é possível organizar a turma em grupos heterogêneos, independentemente da estrutura cooperativa que se tome como referência para essa organização (p. 02).

É importante resgatar estes valores para contribuir para uma maior consciência de processo de socialização e poder comparar com o que ocorre, face às modificações ocorridas nos últimos anos. Talvez esses agrupamentos contribuam para esclarecer a prática real da educação e o alcance dos programas de melhoria de ensino ao nível de sala de aula na educação inclusiva. Para isso, é que Meksenas (2007) diz que “vemos que a educação nasce como processo comunitário de ensinar e aprender, ligado com as necessidades de cada grupo social” (p. 20).

Mas, para que aconteça, faz-se necessário a participação do professor dentro desta representatividade de ensino aprendizagem, buscando sempre inovar o processo de ensino, de modo que possa atender as necessidades de cada aluno de forma global na sala de aula, porém esclarecendo, Fernandes (2000) diz que “para empreender qualquer mudança no sistema educativo é necessário contar com a participação e empenhamento dos professores, com a sua sensibilidade e capacidade de inovar, hoje considerada uma componente essencial da competência profissional do professor” (p. 79).

Por isso, é que a representação que o professor faz em relação ao seu aluno é necessária. Ela dará significação à forma das relações entre professores e alunos, contribuindo para as experiências a serem vivenciadas. Para Silva (2009), “a teoria das representações sociais busca compreender o real em um determinado fenômeno social, tentando entender como um grupo de indivíduos constrói um conjunto de saberes que uma vez hierarquizado acaba determinando suas condutas” (p. 154).

Quando falamos em representações sociais, partimos de outras premissas. Acreditamos que elas são elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade desenvolvida e as relações recíprocas do

contexto das práticas sociais e históricas da humanidade e que se generaliza pela linguagem estabelecida.

Os professores, ao fazerem sentenciar tomando posições nos grupos sociais do qual participam, têm por base as representações sociais do grupo, que não são apenas opiniões ou imagens, mas teorias coletivas sobre o real. A permanência de atitudes e percepções no que diz respeito ao desafio de incluir alunos com deficiência nas escolas, presentes nas práticas sociais, revela a existência de uma teoria do senso comum que vai se formando e se transformando.

As representações sociais dos professores sobre a inclusão podem revelar ao discurso a respeito da diversidade e manifestar-se em mudanças superficiais que podem manter o centro destas representações. Moscovici (2003), falando sobre o que difere uma Representação Social, afirma que:

As representações se mostram semelhantes a teorias que ordenam ao redor de um tema (as doenças mentais são contagiosas, as pessoas são o que elas comem, etc.). Uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante (p. 209).

Podemos compreender que as representações sociais partem das teorias levantadas pela sociedade, onde expressam seus sentimentos e opiniões do que pensam a respeito de um tema.

Rangel (2004) define dizendo que “a representação social é uma forma de conhecimento prático, de senso comum, que circula na sociedade. Esse conhecimento é construído de conceitos e imagens sobre pessoas, papéis, fenômenos do cotidiano.” (p. 66)

As propostas educacionais nacionais enaltecem a realização de um trabalho visando o aluno, a promover as habilidades, atendendo suas necessidades sociais, políticas, profissionais e educacionais. Para isso, o professor precisa saber o contexto que está inserido para poder dispor dessa representação junto à comunidade escolar. Para esclarecer melhor Garcia (1999) diz que:

É necessário que os professores estejam sensibilizados para conhecer as características socioeconômicas e culturais do bairro, as oportunidades que oferecem para ser integrado no currículo, as expectativas dos alunos, etc. Este tipo de conhecimento também inclui o conhecimento da escola, da sua cultura, dos professores e das normas de funcionamento (p. 91).

Para que isso possa ser concretizado dentro da comunidade escolar o professor tem que associar suas teorias pedagógicas às práticas de inclusão na sala de aula para trabalhar em conjunto: professores, coordenadores, gestores e comunidade escolar dentro do contexto que permita uma maior aproximação com aluno, onde passa a conhecer de

perto e trabalhar suas necessidades. Ao fazer essa relação da teoria com prática Neto (2007) assinala:

(...) não há como separar teoria e prática. A própria teoria é indissociável da prática, ou talvez seja melhor dizer: a teoria já é uma prática. Ao mesmo tempo, não há prática ou, pelo menos, prática que faça sentido, que seja percebida como tal- sem uma teoria no “interior” da qual ela, a prática faça sentido (p. 20).

O processo de inclusão das crianças que são identificadas como portadoras de alguma necessidade especial, no contexto escolar, tem sido amplamente enfatizada nas políticas públicas voltadas para a educação, em que o objetivo é que essas teorias das políticas públicas saiam para a prática, definindo suas representações junto à comunidade escolar, onde enfatizam uma socialização dos mesmos e contribuam para o ensino aprendizagem no mesmo espaço escolar.

Elas são associadas ao imaginário e constrói o simbólico da atividade representativa de sujeitos que dividem uma mesma condição ou experiência social. Assim, é pensar no nosso direcionamento profissional e nossa conduta pessoal que também nos leva a pensar no outro enquanto proposta de incluir e garantir condições de saber trabalhar as necessidades de aprendizagens.

2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Com a experiência de atuação na sala de aula no ensino regular, vivenciando o momento de transformação que ora passa a educação brasileira no contexto educacional do ensino fundamental, faz-se necessário refletir que as práticas educacionais ainda estão distantes de atingir a teoria que norteia a inclusão de alunos com NEE no ensino comum. É nesta visão que Mantoan (2006) relata que: “os caminhos propostos por nossas políticas de educação continuam insistindo em ‘apagar incêndios’. Elas não avançam como deveriam, não acompanham as inovações e não questionam a produção da identidade e da diferença nas escolas” (p. 31)

Na verdade, o desejo de defender a causa da pesquisa é para entender e poder contribuir com o desenvolvimento educacional na prática em sala de aula, principalmente sobre as representações que têm os professores a respeito da inclusão de alunos com deficiência e/ou NEE no ensino regular. Pois, sabemos da necessidade e da emergência de se enfrentar as dificuldades da inclusão escolar e de colocar em ação aos meios pelos quais tornam-se concretos. Para que isso aconteça, é necessário estudos que condicionem essas teorias às mudanças na prática. No entanto, mesmo sabendo que existe uma diversidade de estudos sobre a inclusão que pode contribuir para a fundamentação do trabalho, mas ainda há necessidade de mais pesquisas há serem feitas.

Portanto, busca-se estudar dentro de uma realidade local. É nesse entendimento que Bartalotti (2006) nos incentiva a pesquisa que “com base nessa idéia, consolidando por uma prática socialmente instituída e por um conhecimento científico academicamente aceito, legitimam-se os ‘lugares especiais para pessoas especiais’, concepção que vem se mostrando muito difícil de ser mudada” (p. 15).

O direito de todos à educação surge novos debates, provoca os que estão dentro e fora das escolas, instituindo-os a fazer uma revisão de suas concepções e parâmetros organizacionais. Por isso, a necessidade de estar sempre ampliando o conhecimento acerca do assunto, como forma de aquisição do saber e garantia da permanência na sala de aula.

A busca da inclusão de alunos com deficiência e/ou necessidade educacional especial tornou-se, atualmente, um termo central nas discussões em vários âmbitos da sociedade. E é nessa percepção que a pesquisa busca no discurso dos professores a prática da inclusão. Para realizar esta investigação, elegeu-se como lócus o município de Caicó, estado do Rio Grande do Norte e a representação que os professores têm acerca da inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular. É nesse pensamento que Silva (2009) explica que “as representações são responsáveis por comportamentos e

atitudes dos indivíduos da coletividade, sofrendo mudanças a partir do convívio em situações vivenciadas no grupo” (p. 39).

2.1. Problemática e Questão de Partida

A problemática que se coloca gira em torno das dúvidas sobre as representações que diretores e professores têm de inclusão, a partir da pesquisa empreendida com os mesmos, dinamizando o discurso com a vivência da prática, já que são os professores que estão diariamente acompanhados dos alunos com NEE em sala de aula. Em outro momento, são os diretores que dentre seus limites de gestão passam a administrar situação fecundas de um novo modelo de educação, como o de inserir alunos com NEE no ensino fundamental comum, para que haja o processo de ensino aprendizagem e ao mesmo tempo possa se integrar aos demais para que a inclusão possa acontecer de fato.

Assim, torna-se mais evidente entendermos o que pensam os professores e diretores mediante a problemática levantada. Ludke (2007) esclarece que: “o problema de pesquisa acadêmica tradicional não está no rigor e na sistematização em si mesmos, mas naquilo que neles é solidário, sobretudo como distanciamento em relação à prática, aos problemas cotidianos vividos pelos professores” (p. 50)

Face a esta problemática que nos inquieta, é que formulamos a seguinte questão de partida:

Que representações têm seis professores e três diretores do ensino fundamental I (que lecionam em escolas do meio urbano e em estabelecimentos situados em meio rural), de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, sobre a inclusão no ensino regular de alunos considerados com necessidades educativas especiais?

2.2. Objetivos

2.2.1. Geral

Compreender representações de professores e de diretores no ensino fundamental I sobre a inclusão, no ensino regular, de alunos considerados como tendo necessidades educativas especiais, que lecionam em seis escolas de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte.

2.2.2. Específicos

- Indagar como os entrevistados percebem a inclusão de alunos com NEE.
- Destacar as atitudes mais significativas que os entrevistados se auto-atribuem e atribuem aos seus colegas, aos alunos com e sem NEE e à população em geral.
- Identificar dificuldades dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos, à organização da sala de aula e à prática pedagógica que desenvolvem.

2.3. Caracterização do Estudo

Dada a questão de partida que delineamos a partir da problemática, consideramos que a pesquisa a desenvolver deveria ser de natureza qualitativa, mas concretamente um estudo de caso múltiplo.

Foram utilizados, como instrumentos para a coleta de dados, uma entrevista semiestruturada, realizada com os professores e diretores participantes. A pesquisa realizada foi de abordagem qualitativa descritiva na análise dos dados.

Segundo Neves & Domingues (2007), “A pesquisa qualitativa requer uma maior aproximação do pesquisador ao campo de trabalho” (p. 54), e ainda explica que: “normalmente utilizamos abordagem qualitativa quando se consideram relevantes os fatores sociais, políticos, ideológicos, além das técnicas, que cercam os sujeitos estudados. Neste tipo procuramos apreender dimensões tais como a subjetividade e a individualidade...” (p. 56).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa é mais participativa, e é fundamental na busca do entendimento com mais profundidade nas descrições, interpretações e comparações. No entanto, é a que pode ser caracterizado como sendo um ensaio de esclarecer as representações dos professores e diretores através dos resultados das informações colhidas nas entrevistas. Como Neves & Domingues (2007) salientam:

A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticos. O ambiente natural é a fonte direta para coleta dos dados e o pesquisador é o instrumento – chave (p. 56).

Um estudo com a abordagem qualitativa, no entendimento de Laville & Cristian (1999) “apoia-se, com a precedente, em uma categorização dos elementos.” (p. 224). Dessa forma, contribuem para a metodologia qualitativa o estudo de caso apoiado nos discursos dos sujeitos entrevistados.

O estudo de caso não pode ser considerado uma técnica que realiza a análise do indivíduo em toda sua unicidade, mas é uma tentativa de abranger as características mais importantes do tema que se está pesquisando, bem como seu processo de desenvolvimento (Pádua, 2007, p. 74).

Dessa maneira, a pesquisa contribuiu para o entendimento do contexto das representações sociais que os entrevistados tinham em relação aos alunos com NEE, e o estudo de caso tornou-se uma evidência por nos levar a algumas reflexões diante as realidades respondidas pelos entrevistados.

2.4. Operacionalização de Conceitos

Relativamente aos conceitos mais presentes nesta pesquisa, entendemos por:

Educação inclusiva – a que promove o sucesso para todos e com todos os alunos, nos seus contextos naturais de pertença, tendo em conta a diversidade em termos físicos, cognitivos, culturais, raciais e religiosos (Silva, 2008, p.69);

Necessidades educativas especiais - as deficiências, as dificuldades de aprendizagem e a sobredotação, as crianças que trabalham e as crianças de rua, as crianças pertencentes a populações nômadas, a minorias étnicas ou culturais, a grupos desfavorecidos ou marginais (Declaração de Salamanca, 1994, p.17);

Representação Social – é remeter-se ao conhecimento produzido no senso comum. Porém, não a todo e qualquer conhecimento, mas a uma forma de conhecimento compartilhado, articulado, que se constitui em uma teoria leiga a respeito de determinados objetos sociais (Santos & Almeida, 2005, p21).

2.5. Instrumentos de Recolha e Tratamento de Dados

Levando em consideração a pesquisa, fez-se necessário defenir os instrumentos da investigação: Pesquisa documental e a entrevista. A análise de conteúdo permitiu o seu tratamento.

2.5.1. Pesquisa Documental

A Pesquisa de documentos consistiu na consulta de informação dos materiais coletados e os que as escolas também disponibilizaram para o enriquecimento do trabalho. Todas as escolas são orientadas por documentos normativos e os orientadores de livre acesso aos docentes e a toda a equipe da escola, que servem de suporte para as práticas pedagógicas.

Os documentos normativos são os destinados pelas políticas de educação oferecidas pelo Ministério da Educação e/ou Secretária Municipal de Educação, para que sejam seguidos pela gestão escolar e toda a equipe educacional, pois são estes documentos que estabelecem regras e diretrizes para o desenvolvimento das atividades docentes.

Já os documentos orientadores são elaborados pela escola para o cumprimento das atividades docentes. No caso dos Projetos Políticos Pedagógicos – PPP, o Regimento da Escola, O Conselho Escolar, que serve como base fundamental para os docentes se apropriarem para a elaboração do Plano de Ação.

A pesquisa documental foi importante para podermos nos situar na realidade e nos aprofundarmos no assunto em questão, e nessa visão é que Lopes (2006) diz que: “é a pesquisa realizada com base na documentação direta (questionários, entrevistas, formulários, etc) ou indireta (resultante da extração de produtos oriundos de publicações oficiais ou privados encontrados nos arquivos) de uma ou várias fontes”. (p. 220)

Nesse contexto, apresentaram-nos os documentos originais que são dos arquivos das escolas para as consultas que realizámos.

2.5.2. *Entrevista*

A realização da entrevista semi-estruturada e de cunho qualitativo com os professores participantes foi o instrumento utilizado para identificar as representações que os professores têm sobre deficiência e/ou dos alunos com NEE matriculados no ensino regular. Para Bardin (2009), “(...) entrevistas semidirectivas (também chamadas com plano, com guia, com grelha, focalizadas, semi-estruturadas), mais curtas e mais fáceis: seja qual for o caso, devem ser registradas e integralmente transcritas (incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador)” (p. 89).

Assim, buscou-se uma aproximação direta com os sujeitos envolvidos na pesquisa, por meio de uma entrevista elaborada para tal fim e planejada de forma minuciosa, adequando-se ao conteúdo dos roteiros e formulários aos dados que desejávamos levantar quanto à representação dos professores e diretores sobre a inclusão de alunos considerados com necessidades educacionais especiais. Para Neves & Domingues (2007), compreendem que a: “entrevista é a obtenção de informação de um determinado assunto do problema. Trata-se de uma prática discursiva, em que se constroem versões da realidade” (p. 62).

Para a realização da entrevista, tivemos em conta: uma grelha que foi o norteamento da elaboração do guião de entrevista que serviu de instrumento para a recolha

de informações na realização de uma entrevista propriamente dita, que na concepção de Bardin (2009), “esta grelha de análise reúne os resultados e é susceptível de fazer surgir um sentido suplementar” (p. 65).

Com base na grelha foi elaborado o guião que serviu de procedimento para o desenvolvimento da entrevista, que de acordo com Bardin (2009) “lidamos com uma fala relativamente espontânea, _ com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orchestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa” (p. 89).

2.6. Procedimentos para Recolha e Tratamento de Dados

Para o desencadeamento do estudo, inicialmente foi elaborado um projeto de pesquisa a partir da inquietação enquanto profissional atuante da sala de aula sobre representações de professores e diretores do Ensino Fundamental I da cidade Caicó, interior do Rio Grande do Norte. Haja vista que no desenvolvimento de todo o curso presencial das disciplinas do mestrado, fomos aperfeiçoando os conceitos relativamente a inclusão, no que diz respeito aos discursos dos professores quanto à inclusão de alunos no ensino regular.

Na fase inicial do projeto de pesquisa buscámos a problemática que adequasse as necessidades de aprofundar no tema para que pudesse subsidiar na prática do cotidiano em sala de aula. Para Ludke (2007), temos que: “ver a pesquisa como uma espécie de facilitadora da prática reflexiva.” (p.41)

Em um segundo momento, foi realizado um levantamento bibliográfico para fundamentação da pesquisa, apoiando-se nos conceitos que desejaríamos alcançar acerca da temática. Revisando Laville & Cristian (1999) é entendido que: “a documentação do pesquisador consiste principalmente em livros e artigos; mas também pode ser de relatório de pesquisa não publicadas, teses, enciclopédias e dicionários especializados, resenhas de obras, inventários de diversas naturezas” (p.113)

Desta forma, Laville & Cristian (1999) nos orienta que: “numerosos instrumentos bibliográficos existem para guiar o pesquisador por essa documentação” (p.113) e foi feito criteriosamente a escolha do acervo bibliográfico sobre representações sociais e inclusão de alunos com NEE para o desenvolvimento da pesquisa.

Em um terceiro momento foi feita uma revisão de literatura acerca do assunto em que se tornou cada vez mais evidente a necessidade da pesquisa sobre o tema, quando foi traçado o mapeamento das teorias. Para Laville & Cristian

Uma vez realizada a revisão de literatura, o pesquisador chega ao fim do primeiro dos dois movimentos principais de um itinerário de pesquisa, o que conduz das interrogações iniciais a uma hipótese. Com efeito, já o 1) concientizou-se de um problema e o trabalho e o traduziu em forma de pergunta; 2) fez uma revisão de literatura para melhor considerá-lo, resta agora, tirar as consequências de seu problema inicial (1999, p.123).

Logo após e em quarto momento veio a organização do roteiro para a realização da entrevista. O guião para a realização das entrevistas foi submetido à apreciação por um juiz, tendo sido introduzidas algumas alterações.

Ainda nesse momento, contactamos a secretaria Municipal de Educação através da secretária para que fossem enviados ofícios às escolas, comunicando aos referidos diretores que iríamos realizar uma pesquisa com os mesmos e com os professores, sendo assim atendido à solicitação.

Em seguida, houve a contactação pessoal com as seis escolas, sendo quatro do meio urbano, devido à demanda das escolas serem maiores, e duas do meio rural pelo fato do meio rural possuir o menor número de escolas, onde tivemos a oportunidade de explicar com clareza a finalidade da pesquisa e na oportunidade fizemos o levantamento de critérios na escolha dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Sendo utilizados como critérios os professores efetivos do quadro do município que possuíam e/o que já possuíram alunos com deficiência em sala de aula, muito embora alguns vivenciaram a experiência em um outro momento que não eram a sala de aula, seguindo a orientação de Laville & Cristian diz que:

...em ciências humanas não descarta todo recurso direto às pessoas: estas se mostram frequentemente a fonte melhor adaptada às necessidades de informação do pesquisador. O que leva a algumas considerações sobre a escolha dessas pessoas que serão observadas ou interrogadas, selecionadas às vezes, alguns indivíduos, ou então população inteira, ou ainda parte dessas (1999, p. 168)

A quinta fase foi a coleta dos dados com uma entrevista semiestruturada, na qual tivemos a oportunidade de uma prévia conversa sobre o objetivo da pesquisa e em seguida gravamos a fala dos envolvidos no processo da recolha dos dados. As entrevistas foram agendadas e gravadas de forma dinâmica, tendo tido duração de quarenta a sessenta minutos, porque mesmo as entrevistas sendo semiestruturadas, foram transformadas em um diálogo com o entrevistado. Em seguida, as entrevistas foram ouvidas e transcritas. Bardin (2009) nos orienta que:

Entrevista não diretivas de uma ou duas horas, que necessitem de uma prática psicológica confirmada, ou entrevista semidiretivas (também chamadas com plano, com fáceis: seja qual for o caso, devem ser registradas e integralmente transcrita (incluído hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador. (p. 89)

Desde o início houve a preocupação de selecionar as informações e constatar o conjunto de referência fundamental para o embasamento teórico da pesquisa. O estudo foi

realizado em seis escolas municipais, com seis professores e três diretores. Apenas permite entender algumas questões ligadas a inclusão na perspectiva desses atores entrevistados.

Os dados foram colhidos através de gravações de entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro previamente elaborado, que facilitou as entrevistas e consequentemente a transcrição e análise das falas dos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa. Macedo & Carrasco (2005) dizem que: “por intermédio de procedimentos de descrição exaustiva e intensa do conteúdo das entrevistas, é possível organizar o material produzido com todo o rigor científico transformando-o de material verbalizado em categorias temáticas, possíveis de análise e interpretação” (p. 213). E em seguida foi feita a análise que segundo Franco (2008), “a análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”. (p. 23)

Assim, foi feito o procedimento de transcrição das entrevistas, depois de ouvidas foram transcritas para serem analisadas as representações que tinham os diretores e professores a respeito da inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular.

2.7. Caracterização dos Sujeitos

A população entrevistada é constituída por um total de 06 professores e 03 diretores, que no ano letivo referente ao estudo, trabalham de 1º ao 4º ano do ensino regular, no ensino fundamental, sendo a grande maioria com alunos de inclusão, com deficiência e/ou NEE. Toda a população entrevistada é do sexo feminino, compreendida entre o meio urbano e o meio rural. Não foi feita a escolha de gênero, por se tratar da grande maioria dos professores e diretores da rede municipal de ensino de Caicó serem do sexo feminino.

2.7.1. Caracterização dos professores

PROFESSORES	19 A 29 ANOS	30 A 39 ANOS	40 A 49 ANOS	50 A 59 ANOS
MEIO URBANO	-	02	01	01
MEIO RURAL	01	-	01	-
TOTAL	01	02	02	01

QUADRO I - DISTRIBUIÇÃO POR FAIXAS ETÁRIAS

A idade da população estudada varia entre 19 e 59 anos. Um indivíduo posiciona-se na faixa etária com menos de 29 anos e trabalha no meio rural. Dois (02) professores do meio urbano estão entre 30 a 39 anos. De 40 a 49 anos, situam-se 02 inquiridos, sendo que

01 desenvolve suas atividades no meio urbano e outro, no meio rural. Na faixa etária de 50 a 59 anos, enquadra-se apenas uma professora no meio urbano.

Observa-se que a faixa etária predominante dos professores situa-se entre 19 a 59 anos. Em média, os inquiridos têm entre 30 a 49 anos. Verifica-se também que a população inquirida do meio rural é considerada mais nova, em relação aos professores pesquisados do meio urbano.

TEMPO DE SERVIÇO	05 A 10 ANOS	11 A 15 ANOS	16 A 20 ANOS	21 A 25 ANOS
MEIO URBANO	02	01	01	-
MEIO RURAL	01	-	-	01
TOTAL	03	01	01	01

QUADRO II – TEMPO DE DOCÊNCIA

Dividiu-se o tempo de serviço em quatro categorias: de 05 a 10 anos, de 11 a 15 anos, de 16 a 20 anos e de 21 a 25 anos.

Efetua-se que estamos diante de uma população que se classifica da seguinte forma: 03 professores de 05 a 10 anos de docência, sendo que são 02 do meio urbano e 01 do meio rural, o que se estima entre 11 a 15 anos, dispomos apenas 01 profissional que trabalha no meio urbano. De 16 a 20 anos, temos 01 professor no meio urbano e de 21 a 25 anos foi inquirido 01 professor do meio rural.

Verifica-se que o maior nível de experiência profissional situa-se entre 05 a 10 anos, considerando que é a categoria de maior número de professores com tempo de serviço.

Percebe-se também que nos inquiridos, o maior tempo de serviço que corresponde de 21 a 25 anos de docência está localizado no meio rural do município.

GRADUAÇÃO	MEIO URBANO	MEIO RURAL	TOTAL
PEDAGOGIA	03	01	04
GEOGRAFIA	01	-	01
SEM FORMAÇÃO SUPERIOR	-	01	01

QUADRO III - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Os professores pesquisados na área de formação que apresenta o maior número de graduados são no curso de pedagogia, englobando um total de 04 professores, sendo que 03, totalizando o maior número, trabalham no meio urbano. Depois aparece geografia com uma professora no meio urbano e uma sem formação de nível superior que trabalha no meio rural.

FORMAÇÃO ESPECIALIZADA	MEIO URBANO	MEIO RURAL	TOTAL
PSICOPEDAGOGIA	02	01	03

GEOGRAFIA E GESTÃO AMBIENTAL	01	-	01
SUPERVISÃO ESCOLAR	01	-	01
NÃO POSSUI FORMAÇÃO ESPECIALIZADA	-	01	01

QUADRO IV - FORMAÇÃO ESPECIALIZADA

Do total de professores inquiridos que apresentam formação especializada nos diferentes domínios:

A área de formação especializada mais preferida foi psicopedagogia com 03, sendo 02 no meio urbano e 01 no meio rural. Uma professora do meio urbano possui formação especializada em Geografia e Gestão Ambiental e outra é especializada em Supervisão Escolar, atuando em sala de aula. E uma professora do meio rural não apresenta formação especializada.

	SIM	NÃO
MEIO URBANO	04	-
MEIO RURAL	01	01
TOTAL	05	01

QUADRO V - EXPERIÊNCIA COM ALUNOS COM NEE

A experiência com os alunos com Necessidade Educacional Especial abrange um total de 05 professores, sendo que apenas 04 lecionam no meio urbano e 01 no meio rural, ficando 01 professor que não vivenciou o trabalho com alunos com NEE no meio rural, totalizando 01 dos 02 inquiridos.

SÉRIE/ANO	MEIO URBANO	MEIO RURAL	TOTAL
MULTISSERIADO	-	02	02
1º	01	-	01
2º	01	-	01
3º	-	-	-
4º	02	-	02

QUADRO VI - ANO/SÉRIE QUE LECIONA

Dos quatro professores inquiridos no meio urbano, lecionam um no 1º ano, um no 2º ano e dois no 4º ano, diferenciando no meio rural que dos dois professores pesquisados, trabalham com o multisseriado, ou seja, um trabalha na mesma sala de aula com 1º, 2º e 3º anos e o outro professor com 4º e 5º anos no mesmo horário de aula.

RESPOSTAS	MEIO URBANO	MEIO RURAL	TOTAL
SIM	02	01	03
NÃO	02	01	03

QUADRO VII - PARTICIPAÇÃO EM ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Relativamente à participação em algum curso de formação continuada, 03 professores não participaram de nenhum curso. Duas professoras do meio rural participaram da Semana de Inclusão, promovida pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Campus de Caicó, e duas no meio urbano participaram do curso Educar na Diversidade; educação continuada em Educação Especial promovido pela APAE; e do Curso de Libras promovido pela Secretária Municipal de Educação e Cultura - SEMECE.

2.7.2. Caracterização dos Diretores

DIRETORES	19 A 29 ANOS	30 A 39 ANOS	40 A 49 ANOS	50 A 59 ANOS
MEIO URBANO	-	-	02	-
MEIO RURAL	-	01	-	-
TOTAL	-	01	02	-

QUADRO VIII - DISTRIBUIÇÃO POR FAIXAS ETÁRIAS DOS DIRETORES

A população estudada varia entre 19 e 59 anos. Dois diretores posicionam-se na faixa etária entre 40 e 49 anos e trabalham no meio urbano. Um (01) diretor do meio rural está entre 30 a 39 anos.

Observa-se que a faixa etária predominante dos diretores pesquisados se situa entre 40 e 49 anos. Em média, os inquiridos têm entre 30 a 49 anos.

TEMPO DE SERVIÇO	05 A 10 ANOS	11 A 15 ANOS	16 A 20 ANOS	21 A 25 ANOS
MEIO URBANO	01	01	-	-
MEIO RURAL	01	-	-	-
TOTAL	02	01	-	-

QUADRO IX - TEMPO DE DIREÇÃO

Dividiu-se o tempo de serviço dos diretores em quatro categorias: de 05 a 10 anos, de 11 a 15 anos, de 16 a 20 anos e de 21 aos 25 anos.

Estamos diante de uma população que se classifica da seguinte forma: 02 diretores de 05 a 10 anos a frente da direção, sendo que 01 é do meio urbano e 01 do meio rural, o que se estima entre 11 a 15 anos, dispomos apenas 01 profissional que trabalha no meio urbano. De 16 a 25 anos de direção, não tivemos inquiridos entrevistados.

GRADUAÇÃO	MEIO URBANO	MEIO RURAL	TOTAL
PEDAGOGIA	02	01	03

QUADRO X - FORMAÇÃO ACADEMICA

Os diretores pesquisados, a área de formação que apresenta unanimidade no número de graduados é no curso de pedagogia, englobando um total de 03 diretores.

FORMAÇÃO ESPECIALIZADA	MEIO URBANO	MEIO RURAL	TOTAL
PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA	01	01	02
NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO	01		01

QUADRO XI - FORMAÇÃO ESPECIALIZADA

Do total de diretores inquiridos apresentam formação especializada em apenas duas áreas de domínios:

A área de formação especializada mais preferida foi psicopedagogia Institucional e Clínica com 02, sendo 01 no meio urbano e 01 no meio rural. Uma diretora do meio urbano possui formação especializada Novas Tecnologias na educação, atuando no meio urbano.

	SIM	NÃO
MEIO URBANO	02	-
MEIO RURAL	-	01
TOTAL	02	01

QUADRO XII - EXPERIÊNCIA COM ALUNOS COM NEE.

Das diretoras entrevistadas apenas duas têm experiência com os alunos com Necessidade Educacional Especial e atuam no meio urbano. A diretora do meio rural nunca trabalhou com alunos com Necessidade Educacional Especial.

RESPOSTAS	MEIO URBANO	MEIO RURAL	TOTAL
SIM	02	01	03
NÃO	-	-	-

QUADRO XIII - PARTICIPAÇÃO EM ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Os 03 diretores entrevistados já participaram de Curso de Formação Continuada, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Campus de Caicó e do Curso de educação continuada em Educação Especial promovido pela APAE. As duas diretoras do meio urbano participaram do curso Educar na Diversidade; e do Curso de Libras promovido pela Secretária Municipal de Educação e Cultura - SEMECE.

2.8. Caracterização das Escolas

A decorrência do estudo foi em escolas municipais da cidade de Caicó - RN, com uma abrangência de quatro escolas do meio urbano e duas do meio rural. Compreendendo que o espaço urbano é favorável ao maior número de escolas, pontuamos uma escola no centro da cidade e três em bairros periféricos antigos, onde a atividade econômica é diversificada entre o comercio, fábricas, artesanato, pesca e funcionários públicos.

Os professores que responderam conosco na pesquisa lecionam no Ensino Fundamental I e contribuíram para a contextualização da problemática da referida pesquisa.

Os diretores inquiridos posicionam seus trabalhos nas mesmas escolas pesquisadas.

2.8.1. De meio urbano

Escolas	Nº Aluno	Nº Profs	Nº Aux.	Nº alunos apoiados	Nº salas	Funcionam
ESCOLA 1	352	16	19**	02	07	02 TURNOS
ESCOLA 2	192	11	25**	02	05	02 TURNOS
ESCOLA 3	114	14	12**	02	05	02 TURNOS
ESCOLA 4	355*	23****	21**	03***	06	03 TURNOS

QUADRO Nº XIV - CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS URBANAS

LEGENDA:

* Do total de alunos matriculados, apenas 80 são do Ensino Fundamental I.

** Do total de auxiliares de cada escola, corresponde aos funcionários do apoio pedagógico, secretários, auxiliares de serviços gerais e professor de informática.

*** Pelo fato da escola funcionar com o fundamental II, os 03 alunos correspondentes são matriculados no Ensino Fundamental I.

**** Destes professores, apenas 04 trabalham com o Ensino Fundamental I do 2º ao 5º ano.

Nas escolas 1 e 2 do meio urbano, existem poucos espaços, com salas pequenas, com pouca iluminação. A escola 1 não dispõe de recreios por falta de espaço, e foi decidido em consonância com os pais. A merenda é servida na própria sala de aula.

Já as escolas 3 e 4 possuem salas pequenas, bem iluminadas e têm recreios com intervalos de 15 minutos. As escolas 2, 3 e 4 dispõem de:

- Uma cantina em funcionamento, onde são servidos aos alunos dois lanches por turno.
- Apenas a escola quatro conta com o apoio a educação especial (com dois professores) sendo um por turno, na sala de apoio funcional.
- Todas as escolas pesquisadas são constituídas por um conselho escolar composto por funcionários e comunidades.

As escolas municipais de Caicó, que estão inseridas nos bairros, vivenciam um grande contraste social na demanda de sua clientela. Não sendo diferente da escola quatro que se situa no Centro e, por sua vez, a grande maioria dos alunos são oriundos dos bairros periféricos, segundo informação da direção.

A estrutura física da escola 1 é precária e não existe acessibilidade em algumas salas para os alunos cadeirantes.

2.8.2. De meio rural

Os alunos de inclusão por Necessidades Educacionais Especiais apoiados nas escolas pesquisadas no meio rural recebem apoio apenas dois, sendo um em cada escola e estão matriculados no ensino regular e não possuem professores auxiliares na escola.

Sendo uma realidade entre as duas escolas e por possuírem características parecidas, mesmo sendo localizada em comunidades diferentes, a maioria das famílias sobrevivem da agricultura de subsistência pela criação de caprinos, ovinos e suínos em pequenas quantidades. Muitos desses animais são adquiridos através de programas governamentais, por órgão como a EMATER e projetos elaborados pelas Associações Comunitárias.

A renda por pessoa gera em torno de R\$ 120,00 (cento e vinte reais), o que induz a participação de 90% das famílias nos programas federais, tais como a Bolsa Família.

ESCOLA	Nº DE ALUNOS	Nº DE PROFESSORES	Nº DE AUXILIARES	Nº DE ALUNOS APOIADOS	Nº DE SALAS	FUNCIONAM
ESCOLA 5	130**	12*	11***	01	05	02 TURNOS
ESCOLA 6	24	03	02***	01	03	01 TURNO

QUADRO Nº XV – CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DO CAMPO

LEGENDA:

* Deste número de professores, apenas três lecionam no ensino fundamental menor, equivalente do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, no multisseriado com o projeto da Escola Ativa que é um programa do Governo Federal que visa a uma metodologia diferenciada para atender a alunos de diferentes níveis em uma mesma sala de aula.

É importante ressaltar que esta escola implantou, em 2002, o programa da Escola Ativa, o qual busca promover a autonomia do processo de ensino aprendizagem, além de caracterizar-se como modelo de escola interativa com a comunidade e com as atividades produtivas desenvolvidas pelos alunos e familiares.

** Do total de alunos, apenas sessenta são do ensino fundamental menor, ou seja, das séries iniciais.

*** Do número de auxiliares, está incluso o diretor, supervisor, professores de sala de leitura e os funcionários de apoio e merendeiras. Enquanto que na escola, seis dispõem apenas de dois funcionários para o apoio da limpeza e merenda.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1. Síntese das Entrevistas aos Diretores das Escolas

Emergiram seis categorias das falas das três entrevistadas:

- A inclusão de alunos com NEE;
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE;
- Atitudes dos alunos relativamente à inclusão dos seus colegas com NEE;
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE;
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do ensino regular;
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores de educação especial;

Categorias/Subcategorias	NDR*
A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	3
- Só acontece porque é obrigatória por lei;	3
- Necessita de ajuda de especialistas;	3
- Depende da acessibilidade da escola;	2
- Nem sempre é bem compreendida pelo professor;	2
- Ainda é excludente;	1
- Não é possível no ensino regular;	1
- Depende da confiabilidade do professor;	1
- É comum.	1
ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	3
- De angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno com NEE;	3
- Deixa a desejar.	2
ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.	3
- Nem sempre são de aceitação;	2
- Depende de como são preparados para receber os seus colegas com NEE.	2
DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	3
- A falta de recursos;	2
- O atraso nas aprendizagens dos outros alunos;	1
- Não têm correspondência com os decretos do governo federal;	1
- Estão relacionadas com as dificuldades do aluno;	1
- A falta de capacitação dos professores;	1
- Saber adequar material adequado à problemática do aluno.	1
ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.	3
- Articular com outros atores;	3
- Adaptar a sala de aula de acordo com as necessidades dos alunos;	2
- Aproveitar os recreios para que os alunos brinquem uns com os outros;	2
- Trabalhar em grupo;	1
- Adaptar o material para a socialização das aulas;	1
- Atender às necessidades dos alunos;	1
- Adequar metodologia que facilite a aprendizagem;	1
- Adequar currículos;	1
- Utilizar atividades diferenciadas em sala de aula.	1

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL	3
- Trabalho multiprofissional;	2
- Decorrem de um trabalho especializado;	2
- São desconhecidas;	2
- São planejadas a cada bimestre.	1

QUADRO XVI - SÍNTESE GLOBAL DAS ENTREVISTAS AOS DIRECTORES

Legenda: * NDR – Número de Diretores que as referiram

Emergiram das entrevistas aos Diretores seis categorias: **a inclusão de alunos com NEE; atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE; atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE; dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE; estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do ensino regular; estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores de educação especial.** Estas categorias estão presentes na fala dos três Diretores entrevistados.

Relativamente à primeira, **a inclusão de alunos com NEE**, a mesma foi constituída a partir das subcategorias:

- **Só acontece porque é obrigatória por lei**, presente no discurso de três entrevistados e exemplificados por excertos que nos dizem que: “alguns consideram que a inclusão é obrigatória e por isso que aceitam... pois muitos não acreditam que acontece ensino aprendizagem em sala de aula” (D1) (Apêndice nº 12); e ainda “por pensarem que são obrigatórios, eles aceitam os alunos com NEE em sala de aula, mas muitos não acreditam que acontece o ensino aprendizagem” (D2) (Apêndice nº13); ou “alguns professores pensam que é obrigatório e por isso tem que aceitar os alunos com NEE em sala de aula” (D3) (Apêndice nº 14);
- **Necessita de ajuda de especialistas**, que emergiu da fala dos três Diretores, que se lhe referiram do seguinte modo: “acham que o professor não pode dar um diagnóstico, mas pode observar as características do aluno e encaminhar para os especialistas” (D1) (Apêndice 12); até porque:

O professor não pode caracterizar no sentido de diagnosticar, porque a tarefa do professor é pedagógica, mas todo professor com curso de licenciatura estuda em psicopedagogia o desenvolvimento humano, então ele pode identificar como está ocorrendo às dificuldades do aluno que não está conseguindo superar e se perpetua ao longo da idade, então o professor pode contribuir para identificar a NEE, porque as pessoas com NEE não só são as que têm dificuldades de aprender, mas as que têm altas habilidades de desenvolvimento (D2) (Apêndice 13).

Isto é, “deve ser diagnosticado por um médico e/ou por uma equipe multiprofissional” (D3) (Apêndice 14);

- **Depende da acessibilidade da escola**, na medida em que “a escola está adaptada para receber alunos com NEE” (D1) (Apêndice 12); isso “por que temos acessibilidade na escola e aceitamos todos que nos procuram e não rejeitamos nenhum aluno” (D3) (Apêndice 14);
- **Nem sempre é bem compreendida pelo professor, subcategoria que se encontra** explicitada na opinião de dois Diretores, com as seguintes opiniões:

As informações são repassadas através de encontros pedagógicos, reuniões e capacitações, mas isso acontece para os professores que têm alunos com NEE e no ano seguinte quem assume a sala de aula é justamente o professor que não foi capacitado” (D1) (Apêndice 12);
Alguns têm conhecimento porque já estudaram sobre o assunto e outros já fizeram cursos, mas a maioria não tem conhecimento, pois educação especial passou a ser uma modalidade dentro da escola regular e tem professor que busca informações e outros não (D2) (Apêndice 13);

Emergiram de falas individuais, as seguintes subcategorias:

- **Ainda é excludente**, ou seja:

Estão obrigados a receber, mas também não oportunista o aluno com NEE a permanecer com sucesso na escola, apesar de estarmos no momento de transição da escola inclusiva, percebemos que ainda é excludente, por falta de instrumentos necessária para que a inclusão aconteça, mesmo assim estamos fazendo as adequações necessárias para que a inclusão aconteça (D2) (Apêndice 13);

- **Não é possível no ensino regular**, no entendimento do entrevistado:

Eles pensam a inclusão como sendo algo difícil, alegando que a escola não é adaptada, que a família não ajuda e, que os professores não são preparados, por isso, não há condições de fazer a inclusão no ensino regular de alunos com NEE (D2) (Apêndice 13);

- **Depende da confiabilidade do professor**, “identificar uma criança com NEE vai depender mais da confiabilidade do professor do que da própria formação” (D2) (Apêndice 13);
- **É comum**, “eles consideram normalmente, apenas a maioria pensa que precisa de capacitação para trabalhar com alunos de NEE” (D3) (Apêndice 14).

A segunda categoria **atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE** formou-se a partir das seguintes subcategorias:

- **De angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno com NEE** presentes nos discursos de três diretores entrevistados, segundo os quais, “... angustiado porque não somos preparados para trabalhar o diferente (Apêndice 12) (D1);

No primeiro momento é de angústia e tem todo direito de se angustiar pela falta de capacitação, mas depois que lutar aprende a caminhar e com isso, muitos conseguem superar e quando termina o ano letivo o professor vai ser o professor

diferente dos outros, mais preparados, pois cada aluno é um caso diferente (Apêndice 13) (D 2);

Ficam angustiados quando sabem que vão ter alunos com NEE porque não são preparados para trabalhar com esses tipos de alunos (Apêndice 14) (D 3);

- **Deixa a desejar** citado na fala de dois dos entrevistados, que referem que

Os professores ficam apavorados que mesmo tendo o material, eles não conseguem trabalhar a inclusão, na verdade eles devem desprender da rotina e dinamizar as aulas, adaptando para o desenvolvimento da inclusão em sala de aula” (Apêndice 12) (D1);

“com certeza sempre vai acontecer rejeição, acredito que vai amenizando na medida em que vão favorecendo a inclusão, então os professores irão compreender mais, pois somos nós que temos que brigarmos com a sociedade para que a inclusão aconteça (Apêndice 13) (D 2)

A terceira categoria **atitudes dos alunos relativamente à inclusão dos seus colegas com NEE** formou-se a partir das seguintes subcategorias:

- **Nem sempre são de aceitação**, já que

Depende de quando o aluno entra na escola, se esse aluno estuda desde o ensino infantil, então eles se socializam mais rápido e aceitam normalmente, mas quando entra mais tarde na escola causa certa rejeição até que eles se acostumem com a diferença, depois aceitam normalmente (Apêndice 13) (D2).

Ou “no início rejeitam e colocam até apelido, mas depois vão se acostumando e socializando normalmente” (Apêndice 14) (D3)

- **Depende de como são preparados para receber os seus colegas com NEE, referido** no discurso de dois diretores exemplificando que: “brincam e se tornam até amigos” (Apêndice 12) (D1): mas

Depende de como é trabalhado a criança, pois muitas vezes a rejeição já vem de casa, a família é quem passa essa rejeição, demora levar para um diagnóstico ou quando a criança copia as atitudes dos adultos, muitas vezes os adultos são quem não querem que as crianças se aproximem das crianças com NEE para não tirar a atenção (Apêndice 13) (D2).

A quarta categoria **dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE** se constitui a partir das subcategorias:

- **A falta de recursos** foi citada no discurso de dois diretores, que relacionaram o seguinte: “os recursos existentes são insuficientes, porém os professores não são preparados para adaptarem os materiais às necessidades de cada aluno” (Apêndice 12) (D1); enquanto isso,

A gente sabe que o decreto foi de 2008 para ser implementada em 2009 e os recursos materiais chegaram a partir de 2010, então sabemos que não dispomos dos recursos materiais e nem humanos suficientes para fazer a inclusão acontecer (Apêndice 13) (D2);

- **O atraso nas aprendizagens dos outros alunos** foi referido por apenas um diretor exemplificando que é “por que os professores alegam que às vezes acontece o atraso de aprendizagem dos demais alunos pelo motivo de voltarem à atenção apenas para os alunos com NEE” (Apêndice 12) (D1);
- **Não têm correspondência com os decretos do governo federal**, presente no discurso de um entrevistado que relatou que:

Desde a última diretriz da educação especial que é datada de setembro de 2008, o governo federal decreta e os estados e municípios acatam para trabalhar de acordo com os decretos, mas há um distanciamento entre os decretos e a realidade das escolas, portanto não estão sendo trabalhados como deveria, desde a portaria de avaliação, os recursos materiais, a oferta de cursos e a instalação de sala multifuncional, por isso tudo isso são medidas para que a implementação da legislação entre em vigor (Apêndice 13) (D2);

- **Estão relacionadas com as dificuldades do aluno**, pois “quando é incluído desde cedo, não dificulta a aprendizagem dos alunos ditos normais e nem dos alunos com NEE, pois o índice de discriminação é menor” (Apêndice 13) (D2);
- **A falta de capacitação dos professores** foi relacionada por apenas um diretor mencionando que: “os professores não são preparados para desenvolver suas atividades com os alunos com NEE” (Apêndice 14) (D3)
- **Saber adequar material adequado à problemática do aluno** constitui uma preocupação para um entrevistado, para quem “o material não é adaptado para trabalhar em sala de aula com alunos de NEE” (Apêndice 14) (D 3)

A quinta categoria **estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do ensino regular** fundamenta-se a partir de subcategorias que emergiram de indicadores que apontam:

- **Articular com outros atores**, referidos pelos três diretores entrevistados, seja “através de reuniões, de encontros pedagógicos e cursos de capacitação” (Apêndice12) (D 1), seja através da socialização “nos cursos de capacitação, enquanto que outros professores buscam através do estudo” (Apêndice13) (D 2) ou por que “é através dos encontros pedagógicos, realizados pela Secretária Municipal de Educação, que é repassado apenas a teoria e a prática fica por conta do professor em sala de aula que busca ajuda na equipe pedagógica” (Apêndice 14) (D3);
- **Adaptar a sala de aula de acordo com as necessidades dos alunos**, presente no discurso de dois entrevistados, para quem “é feito algumas adaptações na sala de aula utilizando estratégias como colocar o aluno com NEE na frente, próximo ao quadro, falando sempre em frente ao aluno” (Apêndice 12) (D 1) e ou

A sala de aula que tem aluno com NEE tem que ser organizada de acordo com as adequações curriculares, como por exemplo, as adequações de grande porte que é de responsabilidade do ministério da educação, da secretaria de educação e da própria sala de aula que é de responsabilidade exclusiva dos professores (Apêndice 13) (D 2);

- **Aproveitar os recreios para que os alunos brinquem uns com os outros** presente na resposta de dois dos inquiridos, referenciando que:

Não existe diferença entre os espaços dos recreios de alunos, ditos normais e alunos com NEE, hoje percebemos que os alunos ditos normais já verem o aluno com NEE diferente de antes, eles socializam-se e brincam normalmente e tratam de forma amistosa (Apêndice 13) (D2).

Portanto, “é normal e brincam juntos com os outros alunos. Não deixar isolados dos outros, procurarem sempre inclui-los nas atividades juntos aos colegas” (Apêndice 14) (D3).

Mencionado individualmente pelos entrevistados:

- **Trabalhar em grupo**, isto é, “agrupar os alunos para não diferenciar as atividades dos alunos com NEE, com certeza, contribuirá para o ensino aprendizagem dos alunos” (Apêndice 14) (D3);
- **Adaptar o material para a socialização das aulas**, expresso que “quando são repassadas as informações referentes à legislação fazemos adaptações no material para trabalhar em sala de aula e buscamos dinâmicas para a socialização” (Apêndice 12) (D1);
- **Atender às necessidades dos alunos**, o que significa que

A sala de aula deve ser organizada para atender as necessidades de cada aluno, de forma que possa socializar a turma com trabalhos em grupos, brincadeiras, dinâmicas para que contribua tanto para o ensino aprendizagem como para a socialização (Apêndice 12) (D1).

- **Adequar metodologia que facilite a aprendizagem**, ou seja, “O professor deve adequar uma metodologia com estratégias para cada tipo de NEE que facilite a aprendizagem em sala de aula” (Apêndice 13) (D 2)
- **Adequar currículos porque**

As adequações têm que ser feitas em nível de currículos, em nível de conteúdos, em nível de avaliação, por tanto todas essas adequações deve ser organizada para atender as necessidades desses alunos, quando a escola faz essas adequações contribuirá para adequá-las o desenvolvimento educacional da criança (Apêndice 13) (D2)

- **Utilizar atividades diferenciadas em sala de aula** “fazendo atividades diferenciadas, utilizando uma metodologia adequada para os alunos com NEE” (Apêndice 13) (D 2)

A sexta e última categoria relacionada aos diretores que são as **estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores de educação especial** foi composta a partir das seguintes subcategorias:

- **Trabalho multiprofissional**, presente no discurso de dois entrevistados que responderam o seguinte: “as instituições de educação especial são preparadas e trabalham com material todo adaptado às necessidades de cada aluno, portanto possui um corpo de funcionário multiprofissional para trabalhar apenas a parte clínica com os alunos com NEE” (Apêndice 12) (D1) e também “no caso da APAE faz o acompanhamento clínico, mas os alunos são matriculados nas escolas do ensino regular” (Apêndice 14) (D3);
- **Decorrem de um trabalho especializado** que, no entender de dois diretores,

A escola especial permaneceu apenas com o atendimento especializado, com o apoio das atividades complementares dentro da instituição especial. A escola especial é para encaminhar esse aluno para a escola regular, para isso teve que mudar sua metodologia de trabalho para oferecer um suporte para o desenvolvimento do aluno e não oferecer a escolarização (Apêndice 13) (D2)

E assim “são capacitados para trabalharem de acordo com a necessidade de cada aluno” (Apêndice 14) (D3);

- **São desconhecidas** “por ser uma instituição de educação especial, no caso da APAE, eles são treinados para trabalhar a inclusão com profissionais da área, como fisioterapeuta, psicólogos, psicopedagogos etc.” (Apêndice 12) (D1), portanto,

Os professores da educação especial, antes da política atual, trabalhavam de outra forma, porque a educação especial não era oferecida pela escola regular e hoje ela é modalidade da escola regular, pois as adequações foram tanto para a escola comum como para a escola especial, pois tivemos que organizar para que os alunos fossem encaminhados para a escola comum (Apêndice 13) (D2);

- **São planejadas cada bimestre, para um inquirido,**

A instituição de ensino especial no caso da APAE, a cada bimestre são chamados para conversar sobre os alunos de inclusão, saber como está acontecendo à inclusão, como está o desenvolvimento do aluno, mas partindo da escola regular não vemos essa articulação (Apêndice 13) (D2).

3.2. Síntese das Entrevistas aos Professores

Emergiram seis categorias das falas das seis entrevistadas:

- A inclusão de alunos com NEE;
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE;
- Atitudes dos alunos relativamente à inclusão dos seus colegas com NEE;

- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE;
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do ensino regular;
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores de educação especial; como podemos perceber no quadro que segue.

Categorias/Subcategorias	NPR*
A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	06
- Depende da acessibilidade da escola	06
- Necessita da ajuda de especialistas	06
- Não é consensual	04
- Sendo obrigatória por lei, nem sempre é conhecida pelos professores	03
- Permite a aprendizagem de todos	03
- Só acontece, porque é obrigatório por lei	02
- É necessária	02
- É um avanço	01
- Ensina os alunos a respeitar todos	01
- Não é desconhecida pelos professores	01
ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	06
- De angústia por medo de não saber trabalhar com os alunos	03
- De insegurança por falta de preparação	03
- De preocupação	03
- De medo	03
- Nem sempre são perceptíveis.	02
- Estão correlacionadas com a atitude da equipe pedagógica	01
ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.	06
- Nem sempre são de aceitação	04
- De entreajuda	03
- De aceitação	01
- De interação	01
DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	06
- A Falta de recursos didáticos em sala de aula	06
- A inexistência de capacitação para os professores	04
- As superficialidades na articulação entre os órgãos de gestão	02
- A falta de especialistas que façam o diagnóstico dos alunos	01
- Atenua-se de o professor utilizar trabalho em grupo	01
- O número de alunos por turma	01
- Trabalhar com o aluno com NEE	01
- Identificar as deficiências	01
- A falta de conhecimento	01
- Estão relacionadas com as necessidades do aluno	01
ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.	06
- Trabalhar em grupo	04
- Articular com outros atores	04
- A Organização da sala de aula	03
- A integração no meio social	03
- Brincadeiras em comum	02
- Adaptações nas práticas pedagógicas	02
- Distribuição de tarefas em sala de aula	01
- Organização das brincadeiras	01
- Adaptar atividades de acordo com as necessidades dos alunos	01
- Levar os alunos com NEE a participar das aulas	01

- Atendimento individualizado	01
- Acompanhamento nas práticas pedagógicas	01
- Visitas de estudo em comum	01
- A socialização das leituras	01
- A realização de atividades escolares e extra-escolares	01
- A socialização do cumprimento da legislação	01
- Dispor a sala em círculo	01
- Atribuir funções nas visitas das escolas	01
ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL	06
- Articulação com a instituição de educação especial.	03
- São desconhecidas pelo entrevistado	03
- Atender as necessidades de cada aluno	01
- Estruturação da escola para o atendimento aos alunos com NEE	01
- O Planejamento adequado	01
- A organização da Turma	01

QUADRO Nº XVII - SÍNTESE GLOBAIS DAS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES

Legenda: * NPR – Número de Professores que as Referiram

Emergiram das entrevistas aos Professores seis categorias: **a inclusão de alunos com NEE; atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE; atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE; dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE; estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do ensino regular; estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores de educação especial.** Estas categorias estão presentes na fala dos seis Professores entrevistados.

Relativamente à primeira, **a inclusão de alunos com NEE**, a mesma foi constituída a partir das subcategorias:

- **Depende da acessibilidade da escola**, presente no discurso de seis entrevistados por excertos que nos dizem: “porque temos acessibilidade e recebemos todos os alunos que nos procuram” (Apêndice 15 e 19) (P1 e 5) isso “porque a escola tem acessibilidade com rampas de acesso e sala de recursos” (Apêndice 16) (P2) e assim “atendemos a todos que nos procuram por iguais” (Apêndice 17) (P3), pois na escola

Recebemos todos que nos procuram e tentamos atender as suas necessidades, além da escola já ser adaptada arquitetonicamente, deve ser organizada para atender as necessidades, como por exemplo, a parte física da escola, e a arquitetura tem que dá condições de locomoção para as crianças (Apêndice 18) (P 4).

E é nessas condições que “a escola sempre está trabalhando o grupo social e recebe todas as crianças que procuram, tendo em vista a escola ser adaptada arquitetonicamente para receber crianças com deficiência e/ou NEE” (Apêndice 20) (P 6).

- **Necessita da ajuda de especialistas** citado nos discursos dos seis professores entrevistados, que nos relatam: “não é papel de professor caracterizar deficiente e/ou

NEE, ele pode pedir ajuda ao especialista” (Apêndice 15) (P1) e ou “não é papel de o professor caracterizar dificuldades e/ou NEE” (Apêndice 16) (P2), pois, “os professores estão para atender as crianças e não para diagnosticar” (Apêndice 17) (P3), por isso “o professor não pode definir qual o tipo de deficiência, mas pode conversar com os pais e com a escola para encaminhar para uma instituição especializada (Apêndice 18) (P4), mas, “o professor pode perceber que o aluno tem algum problema e encaminhar para o especialista” (Apêndice 19) (P5) e assim, “só quem deve diagnosticar os alunos com NEE são os especialistas” (Apêndice 20) (P 6)

- **Não é consensual**, que está emerso no discurso de quatro entrevistados, que referiram o seguinte: “muitos acreditam que os alunos têm possibilidade de aprenderem juntos, mas muitos professores ainda incluem por razões legais” (Apêndice 15) (P1), isso “porque pensam que a inclusão não contribui para o desenvolvimento do aluno” (Apêndice 16) (P2). No entanto,

Alguns pensam que a socialização de alunos com deficiência e/ou NEE ajuda no desenvolvimento social e até cognitivo, mas a maioria não vê a inclusão com bons olhos, porque não querem adaptar as ações pedagógicas que venham a atender as suas necessidades” (Apêndice 18) (P4).

“por pensarem que são obrigatórios, eles aceitam os alunos com NEE em sala de aula, mas muitos não acreditam que acontece o ensino aprendizagem (Apêndice 19) (P5).

- **Sendo obrigatório por lei, nem sempre é conhecida pelos professores**, explicito nas respostas de três dos entrevistados que nos dizem que: “alguns conhecem, mas a grande maioria não. A prioridade (da socialização da informação) é apenas para professores que têm alunos com deficiência em sala de aula” (Apêndice) (P1). Contudo, “está garantido por lei o acesso das crianças com NEE na escola” (Apêndice 17) (P3). Mesmo assim, “alguns professores conhecem a lei e outros buscam informações de como trabalhar através de cursos de capacitações promovidos pela Secretaria Municipal de Educação e através de leituras” (Apêndice 18) (P4).

A inclusão de alunos com NEE também

- **Só acontece porque é obrigatória por lei**, subcategoria que decorreu da referência de dois dos professores, que referiram que “é por questões legais, porque se não fosse obrigatório os professores não aceitariam a inclusão” (Apêndice 16) (P2) por isso, “a grande maioria inclui por razões legais” (Apêndice 20) (P6).
- **É necessária**, presente no discurso de dois dos professores entrevistados, que nos dizem que: “eles pensam que a inclusão é necessária” (Apêndice 15) (P1) e isso é “para a aprendizagem e a participação de todos na vida social (Apêndice 17)(P 3).

Mencionadas apenas por um entrevistado, discursos que nos referem que

- **É um avanço**, “porque tem como propósito principal facilitar a transição dos estudantes da escola especial à escola comum” (Apêndice 17) (P3);
- **Ensina os alunos a respeitar todos**, na medida em que “os alunos ajudam ao colega e os mesmos aprendem a respeitar o companheiro” (Apêndice 17) (P3);
- **Permite a aprendizagem de todos, isto é**, “as crianças com NEE têm condições de aprenderem juntos com as crianças do ensino regular” (Apêndice 20) (P6);
- **Não é desconhecida pelos professores** “porque é socializada através de cursos de capacitação (Apêndice 16) (P2).

A segunda categoria, **atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE**, foi formada a partir das seguintes subcategorias:

- **De angústia por medo de não saber trabalhar com os alunos**, referida por três dos entrevistados que nos dizem: “senti-me angustiada e insegura com medo de não saber trabalhar com o aluno” (Apêndice 16) (P1) e ainda “ficam angustiados por preocupação em saber as dificuldades para poder ver em que poderia contribuir para o potencial do aluno” (Apêndice 16) (P2)
- **De insegurança por falta de preparação**, na perspectiva de três professores para quem “a maioria pensa que a inclusão é algo que não contribui para que o aluno avance e, com isso, sentem-se inseguros” (Apêndice 16) (P2), ou “os professores sentem insegurança por não terem sido capacitados para lidar com as diferenças” (Apêndice 17) (P3) ou ainda “não sabem trabalhar com as crianças com NEE” (Apêndice 18) (P4)
- **De preocupação**, mencionada por dois dos entrevistados, referindo que estão “preocupados em saber quais as dificuldades para contribuir com o potencial do aluno” (Apêndice 16) (P2); “na nossa escola aceitamos, mas a preocupação é com as outras escolas, pois, já vi depoimentos de professores dizendo que não aceitam” (Apêndice 19) (P5)

Há também atitudes

- **De medo**, presente na fala de três inquiridos, que podemos exemplificar com o excerto do discurso de P1, que nos refere que os professores “têm medo, porque não estão preparados” (Apêndice 15) (P1);
- **Nem sempre são perceptíveis**, já que “o professor rejeita, mas não deixa transparecer” (Apêndice 15e 20) (P1 e 6);
- **Estão correlacionadas com a atitude da equipe pedagógica**, mencionada apenas por um dos professores.

A terceira categoria, **atitudes dos alunos relativamente à inclusão dos colegas com NEE**, decorreu das subcategorias:

- **Nem sempre são de aceitação**, segundo quatro entrevistados, que explicitam deste modo: “aceitam, mas, em alguns casos não respeitam, apelidando” (Apêndice 15) (P1) ou “em muitos casos pode acontecer uma rejeição” (Apêndice 16) (P2) ou ainda “de início existe diferença, mas dependendo da ação do professor, as demais crianças terminam acolhendo” (Apêndice 18) (P4), e também, “no início rejeitam e colocam apelidos, mas depois passam a aceitar normalmente” (Apêndice 20) (P6);
- **De entreaajuda, para** três dos professores: “muitas vezes eles procuram até ajudar as crianças com deficiências” (Apêndice 16) (P2); “ajudam no desenvolvimento das tarefas” (Apêndice 18) (P4); “eles ajudam a locomoverem esses alunos de um espaço para outro” (Apêndice 19) (P5).

Individualmente, mencionou-se que há atitudes:

- **De aceitação**, “os alunos não têm rejeição alguma, são muitos carinhosos com os mesmos e brincam normalmente e acolhem com carinho” (Apêndice 17) (P3);
- **De interação**, isto é, “as crianças aprendem com as diferenças, e a diferença está nos solidários, e as outras crianças tanto ensinam como aprendem com os colegas, a língua de sinais, nome de animais etc.” (Apêndice 18) (P4).

Com relação à quarta categoria, **dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE**, esta se fundamentou a partir das seguintes subcategorias:

- **A falta de recursos didáticos em sala de aula**, presente na fala de seis dos entrevistados, referenciando que: “a maioria dos professores não são capacitados e os recursos são quase inexistentes” (Apêndice 15) (P1); “o professor deve deixar de trabalhar apenas o livro didático e passar a inserir outros recursos didáticos adaptados” (Apêndice 16) (P2); “o material não é satisfatório” (Apêndice 17) (P3); “o material não é satisfatório para atender as necessidades da escola e o professor não pode assumir esse compromisso sozinho” (Apêndice 18) (P4); “os materiais não existem” (Apêndice 19) (P5); “o material existente não é satisfatório por não ser adaptado para trabalhar a inclusão” (Apêndice 20) (P6);
- **A inexistência de capacitação para os professores**, de acordo com quatro professores que nos dizem que: “nem todos tiveram acesso aos cursos de capacitação que foram ministrados pela Secretaria Municipal de Educação, dependendo da necessidade de cada criança os professores não estão preparados” (Apêndice 17) (P3); “quando o professor não tem conhecimento e não sabe se comunicar com o aluno, como por exemplo, os DA” (Apêndice 18) (P4); “professor ainda precisa se preparar muito para trabalhar com a inclusão” (Apêndice 19) (P5); “a falta de capacitação prática para desenvolver o trabalho em sala de aula...” (Apêndice 20) (P6);

- **As superficialidades na articulação entre os órgãos de gestão** estão explícitas na fala de dois professores, ressaltando que é:

Muito superficial, pouco acrescenta os encontros para essa articulação com os órgãos de gestão e a instituição de educação especial. Esses encontros devem propor sugestões de atividades para o professor desenvolver na sala de aula, para que o aluno possa continuar frequentando (Apêndice 18) (P4).

Segundo P5, as articulações “existem, mas não é suficiente, pois demora muito acontecer e quando acontece é com a equipe pedagógica da escola” (Apêndice 19);

- **A falta de especialistas que façam o diagnóstico dos alunos** foi destacada por um dos inquiridos para quem “as deficiências precisam de um parecer de um especialista” (Apêndice 15) (P1);
- **Atenua-se de o professor utilizar trabalho em grupo**, de acordo com P1, “acho que pode até ajudar através dos trabalhos em grupos onde um ajuda ao outro” (Apêndice 15);
- **O número de alunos por turma que** “pode dificultar o trabalho” (Apêndice 15) (P1);
- **Trabalhar com o aluno com NEE** para outro dos inquiridos “é saber o que vai trabalhar para melhorar a sala de aula” (Apêndice 18) (P4);
- **Identificar as deficiências** está presente em apenas um dos relatos dizendo que “não é difícil, porque no dia a dia vão sendo identificadas as deficiências, só não podem ser diagnosticadas” (Apêndice 16) (P2);
- **A falta de conhecimento** “quando o professor não tem conhecimento da dificuldade do problema do aluno” (Apêndice 19) (P5) outra das preocupações relatadas;
- **Estão relacionadas com as necessidades do aluno** “às vezes atrapalha dependendo da necessidade do aluno...” (Apêndice 19) (P5)

A quinta categoria, **estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do ensino regular**, formou-se a partir das seguintes subcategorias:

- **Trabalhar em grupo**, que para quatro inquiridos se expressa como: “acho que os alunos com NEE devem ser inseridos igualmente com outros alunos, isso contribui para o ensino e aprendizagem de ambos” (Apêndice 15) (P1); “com a ajuda dos colegas que já sabem ler e o professor” (Apêndice 17) (P3); “trabalha o aluno igual aos demais, apenas procurando trabalhar sempre em grupos, onde uns ajudam aos outros. Pois, o grupo ajuda na socialização do aluno e, com certeza, contribuirá no ensino aprendizagem do aluno” (Apêndice 19) (P5),

Trabalhar nos grupos proporciona a socialização entre as crianças. Devemos incluir juntos aos demais alunos através de grupos. Não devemos trabalhar de forma isolada, dando sempre atenção especial ao aluno e mostrar que ele é capaz de desenvolver as tarefas juntos aos demais alunos (Apêndice 20) (P6);

- **Articular com outros atores** representa para quatro professores “encontros bimestrais realizados por instituições de educação especial no caso da APAE” (Apêndice 15) (P1); “estamos sempre em contato com os supervisores, coordenadores, professores e secretaria de educação e APAE para favorecer a inclusão” (Apêndice 16) (P2); “através de encontros pedagógicos e cursos de capacitação e alguns encontros com os coordenadores da APAE. (Apêndice 17) (P3); “... nos encontros promovidos pela secretária Municipal de educação, nas semanas pedagógicas e na semana do deficiente promovido pela UFRN. (Apêndice 19) (P5);
- **Organização da sala de aula**, segundo três professores, é outra preocupação expressa como “a sala de qualquer forma deve ser organizada para atender as necessidades de todos os alunos” (Apêndice 16) (P2); “quanto à organização deve ser de maneira que atenda a cada necessidade dos alunos em sala de aula” (Apêndice 17) (P3); “o professor desenvolve sua metodologia levando em consideração as suas necessidades, como por exemplo, o DA deve ser colocado em lugar estratégico e falar em frente para ele e utilizar a libra quando necessário” (Apêndice 18) (P4);
- **A integração no meio social**, “de acordo com as necessidades dos alunos” (Apêndice 15) (P1); “o professor procura desenvolver suas práticas de forma que venha atender as dificuldades de todos” (Apêndice 18) (P4); “colocando os alunos para fazer parte do colegiado estudantil, nos comitês de recepção, de informação para que eles possam se sentir capazes e parte integrante do meio social” (Apêndice 19) (P5) é outra das subcategorias que identificamos a partir do discurso de três entrevistados;
- **Brincadeiras em comum** “todos brincam juntos” (Apêndice 17) (P3), tal como

É realizado com todos juntos, sem distinção, até porque o recreio é um momento de socialização, e vemos que as crianças portadoras de NEE e/ou deficiências brincam com as demais normalmente, apenas ficamos observando para não colocar as crianças em riscos (Apêndice 18) (P4),

Formou-se do discurso de dois dos inquiridos;

- **Adaptação nas práticas pedagógicas** foi exposto por dois entrevistados, relatando que: “o professor adota práticas criativas na sala de aula, fazendo as adequações metodológicas” (Apêndice 18) (P4); “são feitas algumas adaptações, e trabalham muito em grupo, até porque a metodologia da escola ativa nos orienta e observo que eles aprendem muito com os colegas” (Apêndice 19) (P5);

As subcategorias:

- **Distribuição de tarefas em sala de aula**, isto é, “é tratá-los igual e atribuir funções em sala de aula” (Apêndice 19) (P5);

- **Organização das brincadeiras** para “que eles possam participar e sintam-se incluídos. (Apêndice 19) (P5);
- **Adaptar atividades de acordo com as necessidades dos alunos**, ou seja, fazer “algumas adaptações nas atividades, dependendo das necessidades do aluno (Apêndice 15) (P1);
- **Levar os alunos com NEE a participar das aulas**, “fazer com que eles participem das aulas e sintam-se incluídos na turma” (Apêndice 15) (P1);
- **Atendimento individualizado** porque “é normal com o apoio individualizado aqueles que têm dificuldades de aprendizagem e/ou NEE” (Apêndice 17) (P3);
- **Acompanhamento nas práticas pedagógicas**, já que no entender do entrevistado, “é normal, como é realizado com as demais crianças, só que tem um acompanhamento individual” (Apêndice 17) (P3);
- **Visita de estudo em comum**, ou seja, “os alunos com NEE vão normalmente junto com os outros colegas” (Apêndice 17) (P3);
- **A socialização das leituras**, isto é, “o professor mobiliza a socialização e o processo de participação quando vai para a sala de leitura e o trabalho é feito por igual aos demais” (Apêndice 18) (P4);
- **A realização de atividades escolares e extra-escolares**, que “é a mesma estratégia utilizada com os outros alunos em todas as atividades realizadas dentro e fora da escola... fazemos questão que as crianças com deficiências participem” (Apêndice 18) (P4);
- **A socialização do cumprimento da legislação**, “socializada nas capacitações, através de palestras promovidas pela Secretária Municipal de Educação” (Apêndice 20) (P6);
- **Dispor a sala em círculo**, “arrumar a sala em forma de círculo onde o aluno possa sentir-se parte integrante da sala de aula e de preferência ficando próximo ao quadro e ao professor” (Apêndice 20) (P6);
- **Atribuir funções nas visitas das escolas**, ou seja, “atribuir funções aos alunos de inclusão, colocando para fazer parte dos comitês de recepção, de orientação e meio ambiente e, assim, fazemos com que ele sinta-se importante no meio em que está inserido” (Apêndice 20) (P6).

Foram subcategorias que emergiram de falas individuais.

A sexta categoria, **estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores de educação especial**, foi estabelecida a partir das seguintes subcategorias:

- **Articulação com a instituição de educação especial** sucede-se na fala de três inquiridos falando que: “quando a família tem conhecimento de que o aluno tem

deficiência, acredito que é feito um trabalho coletivo: família e instituição” (Apêndice 15) (P1); “no caso da APAE só trabalham com os diagnósticos e acompanhamento clínico especializado, buscando incluir os alunos no meio social, através de oficinas, psicólogos e assistentes sociais” (Apêndice 17) (P3); “o trabalho é desenvolvido com o pessoal capacitado e os especialistas para orientar... precisa-se de maior integração familiar nas instituições de educação especial” (Apêndice 18) (P4);

- **São desconhecidas pelo entrevistado**, já que três professores referem que “por ser de instituições especiais, eles têm ajuda de especialistas para fazerem o acompanhamento desses alunos” (Apêndice 15) (P1), porque “eles fazem mais um acompanhamento clínico, com profissionais especialistas para atender as crianças com deficiências e/ou NEE e trabalham as atividades adotadas de acordo com as necessidades dos alunos e o trabalho é desenvolvido com terapia” (Apêndice 19) (P5), e “por ser uma instituição especial como APAE, eles trabalham com o diagnóstico das crianças e atendem a parte clínica com multiprofissionais especialistas, e o ensino aprendizagem acontece nas escolas do ensino regular” (Apêndice 20) (P6);
- **Atender as necessidades de cada aluno** emergiu da fala de um entrevistado, considerando que “por ser de instituição especial os professores são capacitados teoricamente e, na prática, para desenvolver atividades adequadas para cada deficiência” (Apêndice 20) (P6);
- **Estruturação da escola para o atendimento aos alunos com NEE** - “a escola está bem estruturada com sala multifuncional para receber os alunos com NEE, os professores estão sempre buscando aprender a trabalhar com a realidade dos alunos” (Apêndice 16) (P2)
- **O Planejamento adequado** ou a “elaboração é voltada para cada aluno com sua necessidade específica” (Apêndice 17) (P3);
- **Organização da turma** porque “eles são capacitados e trabalham de acordo com as necessidades apresentadas, pois dispõe de material adequado (Apêndice 18) (P4).

3.3. Escola Inclusiva: que representações têm os diretores e professores?

Da análise feita aos entrevistados, professores e diretores destas escolas, que conclusões podemos tirar? Que concordâncias? Pretendia-se compreender representações sobre a inclusão, no ensino regular, de alunos considerados como tendo necessidades educacionais especiais, a partir do discurso de seis professores e três diretores do Ensino Fundamental I, que lecionam em seis escolas de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, considerando as escolas do meio urbano e em estabelecimentos situados em meio

rural. Buscou-se destacar as atitudes mais significativas que os entrevistados se auto-atribuíam aos seus colegas, aos alunos com e sem NEE e à população em geral. Através das categorias estabelecidas, ficaram subdivididas em subcategorias, que suscitam a fala dos entrevistados.

A inclusão de alunos com NEE

O entendimento na subcategoria sobre **a inclusão de alunos com NEE**, compreendido pelos professores entrevistados, acham que **depende da acessibilidade da escola**, por isso, o professor entende que a inclusão é quando:

Recebemos todos que nos procuram e tentamos atender as suas necessidades, além da escola já ser adaptada arquitetonicamente, deve ser organizada para atender as necessidades, como por exemplo, a parte física da escola, e a arquitetônica tem que dá condições de locomoção para as crianças (Apêndice 18) (P 4).

No que diz respeito à inclusão que **depende da acessibilidade da escola**, e é entendida pela maioria dos diretores entrevistados, como sendo apenas o acesso arquitetônico do prédio e pelo fato da escola não rejeitar a matrícula do aluno com NEE. Alegando que “a escola está adaptada para receber alunos com NEE” (D1) (Apêndice 12); isso “porque temos acessibilidade na escola e aceitamos todos que nos procuram e não rejeitamos nenhum aluno” (D3) (Apêndice 14);

Dentre este contexto, fica evidenciada a visão de Glat (2007), quando explica que “historicamente o termo acessibilidade se restringia à remoção de barreiras arquitetônicas e adaptações de logradouros para os indivíduos com deficiências físicas e dificuldades locomotoras” (p.54).

A visão de alguns autores é que na escola têm acontecido alguns avanços, no entanto, a mudança não está apenas nas adaptações arquitetônica, e sim em toda a conjuntura escolar para poder haver condições de atender aos alunos com NEE no ensino regular. E é nessa expectativa quando Almeida (2008) afirma que: “a inclusão surge como uma modificação global na sociedade, exigindo não apenas uma mudança nos métodos educacionais ou nas estruturas físicas dos ambientes, mas também uma mudança de atitude de toda a sociedade”. (p. 11)

O processo de inclusão ainda não é entendido pela maioria dos profissionais que atua na educação, pois ainda são detentores de antigas ideologias de que as crianças com NEE não aprendem no ensino regular e, em muitos casos, os professores não querem aceitar crianças com Necessidade Educacional Especial no ensino regular. E só é receptível por que tem os direitos assegurados pela legislação e pela Constituição Federal Brasileira

de 1988, em seu artigo 206, quando assegura a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Isso é percebido pelos diretores quando é feita a distribuição das turmas com os seus respectivos alunos no início do ano. “por pensarem que são obrigatórios, eles aceitam os alunos com NEE em sala de aula, mas muitos não acreditam que acontece o ensino aprendizagem” (D2) (Apêndice nº13).

Em 1996, na Lei de Diretrizes e Base no artigo 3º e inciso I dá-se a garantia de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Para Selau & Hammes (2009),

A inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais na escola comum ganha, no ordenamento legal, espaço de destaque. A garantia de acesso e permanência de todos os alunos na escola vem sendo defendida, desde a lei soberana, por uma série de dispositivos jurídicos que contemplam o tema da educação infantil ao ensino superior (p. 48)

A preocupação com a **necessidade de ajuda de especialistas** para diagnosticarem as deficiências dos alunos com Necessidade Educacional Especial foi evidenciada pelos profissionais em todas as escolas, considerando as observações feitas pelos professores para as devidas providências realizadas com especialistas que sejam capacitados, pois “acham que o professor não pode dar um diagnóstico, mas pode observar as características do aluno e encaminhar para os especialistas” (D1) (Apêndice 12); pois, “os professores estão para atender as crianças e não para diagnosticar” (Apêndice 17) (P3), E é nesse contexto que Selau & Hammes (2009) explica que:

Cabe ressaltar que, os sistemas classificatórios correm-se o risco da formação de preconceitos sociais em relação aos portadores de necessidades especiais, com a criança de rótulos que ao invés de permitir o delineamento de programas, levam a diagnósticos errados de crianças de grupos que possuem falta de experiências sociais, (pois focalizam o indivíduo), permitem discriminações sociais... (p. 80).

Nos discursos dos professores e diretores, procurou-se identificar as dificuldades dos professores relativamente à inclusão de aluno com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos, à organização da sala de aula e à prática pedagógica que desenvolvem.

A inclusão ainda **não é consensual** na visão dos professores quando demonstram divergências nas respostas, por não acreditarem no processo de ensino aprendizagem das crianças com NEE no ensino regular. Quando expressam que “por pensarem que são obrigatórios, eles aceitam os alunos com NEE em sala de aula, mas muitos não acreditam que acontece o ensino aprendizagem” (Apêndice 19) (P5)

Para alguns docentes, o processo de inclusão mesmo **sendo obrigatório por lei, nem sempre é conhecido pelos professores**, porque a maioria dos cursos de capacitações são oferecidas aos professores que no ano em curso possuem alunos em sala

de aula com NEE. Por isso, “alguns conhecem, mas, a grande maioria não. A prioridade (da socialização da informação) é apenas para professores que têm alunos com deficiência em sala de aula” (Apêndice 15) (P1). E ainda é confirmado pelos diretores na subcategoria **nem sempre é bem compreendida pelo professor**.

As informações são repassadas através de encontros pedagógicos, reuniões e capacitações, mas isso acontece para os professores que tem alunos com NEE e, no ano seguinte, quem assume a sala de aula é justamente o professor que não foi capacitado (D1) (Apêndice 12).

A inclusão de alunos com NEE também **só acontece porque é obrigatório por lei**, pois fica evidenciado pelos diretores, que caso não fosse obrigatório, os professores não aceitariam os alunos com NEE alegando as dificuldades de trabalhar a inclusão.

Mas, alguns dos professores também entendem que é **necessária** “para a aprendizagem e a participação de todos na vida social” (Apêndice 17) (P 3). Apesar das dificuldades enfrentadas pelas escolas em oferecer condições de permanências das crianças com NEE nas escolas do ensino regular, para que o aluno possa frequentar dignamente a sala de aula. Para um dos diretores a inclusão **ainda é excludente**, pois:

Estão obrigados a receber, mas também não oportunista o aluno com NEE a permanecer com sucesso na escola. Apesar de estarmos no momento de transição da escola inclusiva, percebemos que ainda é excludente, por falta de instrumentos necessários para que a inclusão aconteça, mesmo assim estamos fazendo as adequações necessárias para que a inclusão aconteça (D2) (Apêndice 13).

Por isso, que a inclusão ainda é considerada como sendo algo difícil de ser realizado nas escolas devido às inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mesmas, portanto passa a ser uma preocupação dos diretores, alegando que **não é possível no ensino regular** devido ao descompromisso da família com os alunos de NEE, as próprias adaptações da escola para receber o aluno de inclusão no ensino regular e ainda a falta de preparo dos profissionais para trabalhar com as crianças de NEE, pois **depende mais da confiabilidade do professor** do que da sua própria formação para identificar as dificuldades dos alunos.

É perceptível pelos diretores a preocupação dos professores ao se depararem em sala de aula com alunos de NEE, pois **é comum**, “eles consideram normalmente, apenas a maioria pensa que precisa de capacitação para trabalhar com alunos de NEE” (D3) (Apêndice 14). Já alguns professores consideram que **é um avanço**, “porque tem como propósito principal facilitar a transição dos estudantes da escola especial à escola comum” (Apêndice 17) (P3). Para Rodrigues (2006),

... A inclusão significa um avanço educacional, com importantes repercussões políticas e sociais, visto que não se trata de adequar, mas de transformar a

realidade das práticas educacionais em função de um valor universal que é o desenvolvimento do ser humano (p. 173).

Quando o processo de inclusão se efetiva na escola, ajuda a contribuir para o desenvolvimento da criança e **ensina os alunos a respeitar todos** no mesmo espaço escolar, então, **permite a aprendizagem**. E a inclusão **não é desconhecida pelos professores**, “porque é socializada através de cursos de capacitação (Apêndice 16) (P2).

Mas, a angústia de muitos profissionais está relativamente ligada à prática educacional de como trabalhar o processo de inclusão na sala de aula comum, nessa modalidade de ensino, pois nem todos os professores têm acesso às capacitações oferecidas pelo município.

Atitudes dos Professores relativamente à Inclusão de Alunos com NEE

Na segunda categoria, foram destacadas as **atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE**, sendo referenciadas pelos diretores e professores as observâncias das preocupações com as atividades docentes no tocante à inclusão de alunos com NEE. No que se refere à subcategoria **de angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno com NEE**, é observado unanimemente pelos profissionais da educação, diretores e professores, a angústia vivenciada pelos docentes em trabalhar com alunos de Necessidade Educacional Especial, quando se refere que ao discurso dos diretores que não estão em sala de aula, mas observa as inquietações dos professores.

Diante das dificuldades em trabalhar com a inclusão no ensino regular, pelo fato de que nem todos os professores estarem preparados para a nova realidade educacional, em que os alunos de NEE passam a integrar a modalidade de ensino comum, os diretores consideram que a **inclusão deixa a desejar**.

Diante das alegações de falta de conhecimento para o desenvolvimento do trabalho docente, é que os professores conduzem um sentimento **de insegurança por falta de preparação**, tendo em vista ser algo novo nessa modalidade de ensino, e deveria haver capacitação para todos os profissionais que atuam na sala de aula para terem condições de oferecer uma educação de qualidade. Por isso, é que: “os professores sentem insegurança por não terem sido capacitados para lidar com as diferenças” (Apêndice 17) (P3). Com isso, gera-se o sentimento **de preocupação** quanto à aceitação de alunos com NEE nas escolas, como afirma a professora quando diz que: “na nossa escola aceitamos, mas a preocupação é com as outras escolas, pois já vi depoimentos de professores dizendo que não aceitam” (Apêndice 19) (P5). Isso acontece pelo **de medo** de não estarem capacitados para o

desenvolvimento de suas ações pedagógicas. Para que o processo de inclusão se efetive concretamente nas escolas será necessário o empenho de toda equipe para contribuir na superação das dificuldades dos professores, que **estão correlacionadas com a atitude da equipe pedagógica**. É nesse contexto que é exigida a integração de todos que fazem o espaço escolar, para juntos poderem superar as situações de dificuldades e a metodologia de como trabalhar com os alunos de NEE.

Atitudes dos Alunos relativamente à Inclusão dos seus Colegas com NEE

A aceitação dos alunos ditos normais dos alunos com NEE estão relacionadas aos diversos fatores que contribuem para a aceitação, e quando se afirma que **nem sempre são de aceitação**, é, porque de início causa algum impacto pela convivência com as diferenças. É por isso que há a necessidade de colocar o aluno com NEE desde cedo na escola, para poder garantir o espaço da sociabilidade com os demais colegas. Segundo Jesus (2009), o objetivo principal da inclusão é de não permitir que alguém fique fora das escolas regulares desde a educação infantil (2009, p. 16).

Mas, o processo de inclusão **depende de como são preparados para receber os seus colegas com NEE**, pois em muitos casos a rejeição acontece devido a diversos fatores sociais, entre eles a não aceitação do diagnóstico pela família, o preconceito que parte justamente do meio em que a criança convive. Como refere um diretor:

Depende de como é trabalhada a criança, pois muitas vezes a rejeição já vem de casa. A família é quem passa essa rejeição, demora levar para um diagnóstico ou quando a criança copia as atitudes dos adultos, muitas vezes os adultos são quem não querem que as crianças se aproximem das crianças com NEE para não tirar a atenção (Apêndice 13) (D2).

A preocupação maior é no início da sociabilidade das crianças com NEE com as demais, quando acontece o processo de adaptações de convivência com as diferenças das crianças, a atitude é **de entreaajuda**, como é afirmado por uma professora (“ajudam no desenvolvimento das tarefas”) (Apêndice 18) (P4).

Nesse processo **de interação** “as crianças aprendem com as diferenças, e a diferença está nos solidários, e as outras crianças tanto ensinam como aprendem com os colegas a língua de sinais, nome de animais etc.” (Apêndice 18) (P4). É o que Facion diz “o processo de inclusão exige também a consciência da necessidade de luta por uma sociedade mais sensível que deseje conviver com a diversidade e com ela aprender” (2008, p.121).

Dificuldades sentidas com a Inclusão de Alunos com NEE

Quando nos reportamos à quarta categoria que trata das **dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE**, estas estão relacionadas com vários fatores que dificultam o processo como a **falta de recursos didáticos em sala de aula**.

A gente sabe que o decreto foi de 2008 para ser implementada em 2009, e os recursos materiais chegarem a partir de 2010. Então, sabemos que não dispomos dos recursos materiais e nem humanos suficientes para fazer a inclusão acontecer (Apêndice 13) (D2).

Por não haver a efetivação prática das políticas públicas no que diz respeito à inclusão e o que estava assegurado no decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008 e revogado pelo de Decreto de nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, que tratava das condições de acessibilidade dos alunos com NEE no ensino comum, torna-se uma preocupação dos professores por não ter se concretizado nas escolas e pelo fato de que “o material existente não é satisfatório por não ser adaptado para trabalhar a inclusão” (Apêndice 20) (P6).

Outro fator que preocupa é a **inexistência de capacitação para os professores**, pois “nem todos tiveram acesso aos cursos de capacitação que foram ministrados pela Secretaria Municipal de Educação. Dependendo da necessidade de cada criança os professores não estão preparados” (Apêndice 17) (P3). Por isso, é que **não têm correspondência com os decretos do governo federal**, como relata um pelo diretor:

Desde a última diretriz da educação especial, que é datada de setembro de 2008, o governo federal decreta e os estados e municípios acatam para trabalhar de acordo com os decretos, mas há um distanciamento entre os decretos e a realidade das escolas, portanto não está sendo trabalhados como deveria, desde a portaria de avaliação, os recursos materiais, a oferta de cursos e a instalação de sala multifuncional, então tudo isso são medidas para a implementação da legislação entre em vigor (Apêndice 13) (D2).

E pelo fato da escola não dispor condições necessárias para trabalhar a inclusão é que os diretores referem **o atraso nas aprendizagens dos outros alunos**. E isso acontece por se dedicarem apenas aos alunos considerados de NEE, dificultando o ensino aprendizagem dos demais. Há, também, **as superficialidades na articulação entre os órgãos de gestão**, que quase não acontece e, em muitos casos, fica restrita apenas à equipe pedagógica, sendo atividades para desenvolver em sala de aula com os alunos considerados de NEE, para que os mesmos continuem na escola a preocupação dos diretores **está relacionada com as dificuldades do aluno** no que diz que: “quando é

incluído desde cedo, não dificulta a aprendizagem dos alunos ditos normais e nem dos alunos com NEE, pois o índice de discriminação é menor” (Apêndice 13) (D2).

A falta de capacitação dos professores é outro ponto que preocupa os diretores no tocante ao desenvolvimento do processo pedagógico em sala de aula com os alunos em situação de inclusão. O professor necessita **saber adequar material à problemática do aluno**, até porque “os materiais não são adaptados para se trabalhar em sala de aula com alunos de NEE” (Apêndice 14) (D 3). Por seu lado, os professores alegam **a falta de especialistas que façam o diagnóstico dos alunos** por entender que não é papel do professor dar o parecer. E como forma de atender as necessidades dos alunos em muitos casos, a dificuldade **atenua-se se o professor utilizar trabalho em grupo**.

As dificuldades, de um modo geral, prendem-se com aspectos muito práticos que têm a ver com o ensino e a aprendizagem. Repetem-se estereótipos, como o número de alunos por turma, sabem identificar deficiências ou falta de conhecimento, o que significa claramente que o modelo de inclusão ainda não está consolidado.

Estratégias implementadas para a Inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular

Na quinta categoria **estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE, por parte dos professores do ensino regular**, as mesmas estão “coladas” às orientações da Secretária Municipal de Educação. Enquanto isso, os professores realizam **trabalhos em grupos** como estratégia de proporcionar a inclusão dos alunos com deficiência que pode ou não ser facilitador da inclusão. Depende do modo como é implementado.

Na visão dos diretores, os professores, procuram **adaptar a sala de aula de acordo com as necessidades dos alunos**, onde são feitas as adaptações de acordo com cada necessidade, e sempre procurando falar direcionado aos discentes com NEE para que possa facilitar o entendimento dos mesmos.

Entretanto, os docentes consideram que, na **organização da sala de aula**, o professor desenvolve sua metodologia, levando em consideração as suas necessidades. Um processo de integração social está nas **brincadeiras em comum**, onde não há diferenciação de brincadeiras, como a professora (P4) ressalva que:

É realizado com todos juntos, sem distinção, até porque o recreio é um momento de socialização e vemos que as crianças portadoras de NEE e/ou deficiências brincam com as demais normalmente, apenas ficamos observando para não colocar as crianças em risco (Apêndice 18) (P4).

Então, devem-se **aproveitar os recreios para que os alunos brinquem uns com os outros**, favorecendo a integração de alunos com necessidade especiais e os ditos normais no mesmo espaço.

Em muitos casos, faz-se essencial a **adaptação nas práticas pedagógicas** como são orientados os professores da EA – Escola Ativa, que é direcionada a uma metodologia destinada ao meio rural, onde funcionam as escolas com o multisseriado para favorecer uma aprendizagem em conjunto de todos os alunos de séries diferentes. Como explica Moraes (2008, p.35) “a escola ativa, ao contrário da tradicional pressupõe-se a colaboração no trabalho... em função da liberdade na realização dos trabalhos em classe, proporciona a existência de um ambiente cooperativo em sala de aula”.

Na visão dos professores com **distribuição de tarefas** em sala de aula todos os alunos sentem-se iguais, favorecendo o desempenho no ensino aprendizagem. Já os diretores consideram que é necessário **adaptar o material para a socialização das aulas**. Isso de acordo com as informações referentes à legislação quando são repassadas, pois na medida em que a escola vai tomando conhecimento referente às mudanças, os professores vão fazendo as adaptações e buscando novas dinâmicas para a sala de aula. Dessa forma, a escola passa a **atender às necessidades dos alunos** como explica o diretor (D1) quando diz que: “a sala de aula deve ser organizada para atender as necessidades de cada aluno, de forma que possa socializar a turma com trabalhos em grupos, brincadeiras, dinâmicas para que contribua tanto para o ensino aprendizagem como para a socialização”.

Para que isso aconteça no ensino aprendizagem e na socialização dos alunos, o professor deve **adequar metodologia que facilite a aprendizagem**, que segundo um diretor, fazem-se necessárias estratégias para que atenda cada tipo de NEE de forma que possa facilitar o ensino aprendizagem, contribuindo, assim, para **utilizar atividades diferenciadas em sala de aula** com metodologias adequadas a cada necessidade dos alunos. Isso desde que possa **adequar currículos** em todos os níveis da educação.

E favorece a integração de forma que o aluno possa sentir-se incluído aos demais sem extinção, desde as **brincadeiras em comum**, onde todos possam brincar juntos e socializar-se, de forma que seja observado para que não coloquem em risco, as crianças com NEE como nos diz o professor (P4). A **adaptação nas práticas pedagógicas** favorece para que o aluno com NEE aprenda com os colegas, já os professores do meio rural, onde trabalham a metodologia da Escola Ativa, já observaram que realmente acontece a aprendizagem, como é exposto pelo professor (P) que: “...escola ativa nos orienta, e observo que eles aprendem muito com os colegas”. Com a **distribuição de tarefas em sala de aula** distribuindo funções por iguais aos alunos, desde as atividades em sala até mesmo a **organização das brincadeiras** “que eles possam participar e sintam-se incluídos”

(Apêndice 19) (P5). Devem-se **adaptar atividades de acordo com as necessidades dos alunos**, contribuindo de forma que possam **levar os alunos com NEE a participar das aulas**, como explica o professor (P1) “fazer com que eles participem das aulas e sintam-se incluídos na turma.” No atendimento individualizado o professor (P3) diz que só “é normal com o apoio individualizado aqueles que têm dificuldades de aprendizagem e/ou NEE.”

O **acompanhamento nas práticas pedagógicas** não é diferenciado das demais, apenas quando se trata de crianças com NEE e/ou dificuldades de aprendizagem os professores fazem um acompanhamento individualizado, como relata o professor (P3) “é normal, como é realizado com as demais crianças, só que tem um acompanhamento individual”. Isso ocorre até mesmo na **visitas de estudos em comum** que “os alunos com NEE vão normalmente juntos com os outros colegas”.

A escola adota práticas metodológicas para **a socialização das leituras** com os alunos de NEE juntos aos demais, sem que haja diferenças na apresentação, da qual todos compartilham juntos, já para **a realização de atividades escolares e extra-escolares**, os professores incentivam a participação dos alunos com deficiência a participarem juntos aos demais colegas do ensino regular. Como orienta Rodrigues (2006, p. 253): “os alunos com NEE devem ter a oportunidade de trabalhar em grupo e de participar em atividades extra-escolares e em eventos comunitários, sociais e recreativos”, ressaltando que os alunos com NEE e/ou deficiente são pessoas que não devemos tratar com diferença, devemos apenas ajudá-los a superar as barreiras das necessidades de aprendizagem, contribuindo no processo de inclusão juntos aos demais, sem fazer distinção em sala de aula. Como estratégia que possa **dispor a sala em círculo**, contribui para que o aluno possa sentir integrado, como afirma o professor (P6) quando diz que podemos: “arrumar a sala em forma de círculo onde o aluno possa sentir-se parte integrante da sala de aula e de preferência ficando próximo ao quadro e ao professor”.

Muitos dos professores inquiridos na pesquisa têm conhecimento legal de como trabalhar a inclusão, porque **a socialização do cumprimento da legislação** é destinada aos professores que têm alunos com deficiência e/ou com NEE em sala de aula e as informações são “socializadas nas capacitações, através de palestras promovidas pela Secretaria Municipal de Educação” (Apêndice 20) (P6). Na escola do meio rural, os professores sempre estão participando de capacitação da metodologia da Escola Ativa para trabalhar a inclusão e são orientados a **atribuir funções nas visitas das escolas** com os alunos de NEE, para que possa desenvolver o ensino aprendizagem socialmente. Então, os professores procuram “atribuir funções aos alunos de inclusão colocando para fazer parte dos comitês de recepção, de orientação e meio ambiente e assim fazemos com que ele sintam-se importante no meio em que está inserido” (P6).

Dessa forma, os alunos com NEE participam normalmente junto aos demais e sentem-se parte integrante da sala de aula, onde o professor apenas orienta o papel que cada aluno deve exercer junto à comunidade diante da função que está desempenhando.

Estratégias utilizadas para a Inclusão de alunos com NEE por parte dos professores de Educação Especial

As **estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE** remetem para a Educação Especial, para Instituições como a APAE, cujo trabalho aparentemente se desconhece.

Por se tratar de um processo de parcerias entre as escolas do ensino regular e a APAE, escola de educação especial, cada uma exerce o seu papel diante do processo de inclusão. A escola de educação especial trabalha com o diagnóstico e as terapias necessárias para cada deficiência e “eles fazem mais um acompanhamento clínico, com profissionais especialistas para atender as crianças com deficiências e/ou NEE e trabalham as atividades adotadas de acordo com as necessidades dos alunos, e o trabalho é desenvolvido com terapia” (P5).

As atividades pedagógicas para serem desenvolvidas com os alunos de NEE na instituição de ensino especial **são planejadas a cada bimestre** para trabalhar de acordo com as necessidades de cada aluno. Ao contrário da escola regular que não tem essas discussões de como está ocorrendo a inclusão em sala de aula, como também não é levantado o questionamento se realmente a inclusão está acontecendo de forma satisfatória no ensino regular, e quais são as dificuldades apresentadas pelos alunos para poder ser trabalhadas em sala de aula.

Faz-se necessário a **estruturação da escola para o atendimento aos alunos com NEE**, com equipamentos adequados, com ambientes que proporcionem o prazer de frequentar para que os profissionais possam fazer um trabalho que possibilite o envolvimento de todos os profissionais e comunidade escolar no processo educativo, faz-se necessário realizar **um planejamento adequado**, com a **organização da turma** onde os professores “eles são capacitados e trabalham de acordo com as necessidades apresentadas, porque dispõem de material adequado” (P4), para as tarefas desenvolvidas na instituição de educação especial.

4. REFLEXÕES FINAIS

As escolas públicas passam por uma reestruturação nas modalidades de ensino e consequentemente a exigir mais dos profissionais que dela fazem parte. A oferta da educação inclusiva de pessoas que apresentam NEE ou deficiência no ensino regular caracteriza uma mudança que vem se evoluindo nos últimos tempos e, em função disso, está começando a ser entendida pelos profissionais que nela atua.

Muitas são as conquistas para a realização do processo de inclusão de alunos com NEE no ensino regular, objetivando a garantia dos direitos, por acreditar que a escola é o espaço de construção da cidadania através do acesso ao conhecimento, onde todos podem aprender a conviver com as diferenças.

Dentre esta contemporaneidade na organização educacional das políticas públicas de inclusão de pessoas que apresentam deficiências, vem ultrapassando vários fatores em nossa sociedade seja social, político, cultural, pedagógico ou até mesmo religioso. Porém, ainda se faz necessário aperfeiçoar mais o desempenho na organização pedagógica escolar e das políticas públicas que se destinam a oferta da inclusão nas escolas do ensino regular.

No desempenho da pesquisa deste estudo, foi perceptível a implementação e garantia das políticas públicas de inclusão nas escolas da rede municipal de ensino de Caicó, em obediências às reestruturações educacionais pelas quais vêm passando o Brasil nas últimas décadas, ultrapassando os antigos modelos de ensino. Que de acordo com Mantoan (2008, p.60) “superar o sistema tradicional de ensinar é um propósito que temos de efetivar urgentemente nas salas de aula. As escolas são as incubadoras do novo e têm um papel inestimável na formação dos cidadãos deste milênio que desponta”.

Durante a pesquisa, houve a fundamentação de alguns autores brasileiros relacionados ao tema de inclusão que contribuíram para o entendimento dos conceitos: Almeida (2008), Jesus (2009), Mantoan (2006, 2008), Selau (2009), Ramos (2008, 2010), e outros autores portugueses Sanches & Teodoro (2006), Silva (2008, 2009, 2011) e Poizat (2004) que nos enriqueceram teoricamente o estudo. Para o estudo das representações sociais, fundamentou-se nos conceitos de Moscovici (2003), Silva (2009), Santos (2005), Rangel (2004), Que serviram de especificidades no contexto das relações sociais que são essenciais no nível da dinâmica dos processos individuais. Sendo possível entender como os professores compreendem que acontece a inclusão de pessoas com NEE ou deficiências nas escolas do ensino regular e, que a inclusão não só beneficia o aluno com deficiências, mas também os considerados normais, pois aprendem a conviverem com as diferenças no mesmo espaço. Assim, também favorece aos professores que buscam inovar suas práticas, a direção que procura apoiá-los com estratégias que favorecem não só à inclusão, mas à

permanecia na escola, e os próprios pais que não permanecem padecendo dos preconceitos impostos pela perfeição da sociedade, afinal todos aprendem com as diferenças.

O processo de inclusão é uma realidade nas escolas pesquisadas, embora seja reconhecido pelos professores e diretores que ainda estão em fase de buscas de novos conhecimentos para o planejamento das ações educativas para que possa favorecer cada vez mais à inclusão e permanência do aluno em sala de aula na escola do ensino regular. Nessa perspectiva, é que levantamos os seguintes objetivos para a concretização do estudo:

- Perceber como os entrevistados percebem a inclusão de alunos com NEE.
- Destacar as atitudes mais significativas que os entrevistados se auto-atribuem e atribuem aos seus colegas, aos alunos com e sem NEE e à população em geral
- Identificar dificuldades dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos, à organização da sala de aula e à prática pedagógica que desenvolvem.

Optou-se por trabalhar a pesquisa documental que contribuiu para levantamentos de conceitos para o embasamento do referencial teórico e das entrevistas realizadas, destacamos como dificuldades:

- A falta de capacitação dos profissionais para atuarem em sala de aula com alunos com NEE no ensino regular, haja vista que os cursos que a SEMECE – Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte oferecem cursos apenas para os professores que no ano em curso têm alunos com NEE ou deficiência em sala de aula;
- A falta de recursos para o desenvolvimento de ações de trabalho para cada NEE ou deficiência em sala de aula;
- Saber adequar o material a problemática do aluno com NEE ou deficiência.

Mesmo com essas dificuldades sentidas pelos diretores e professores em relação à inclusão, fica evidenciada a preocupação de buscarem como trabalhar para superá-las. Assim, consideram que a educação avançou no sentido de receber alunos com deficiência ou considerados com necessidades educacionais especiais nas escolas do ensino regular, pois as mudanças se efetivaram em sala de aula com resultados positivos. O que é perceptível nas falas dos professores e diretores é que ambos se esforçam para alcançar uma educação inclusiva de qualidade no ensino regular. E é perceptível quando referenciam que a inclusão:

- É necessária;
- É um avanço;

- Ensina os alunos a respeitar todos;
- Permite a aprendizagem de todos.

É nesse contexto, em que os professores e diretores entendem que a inclusão de alunos com NEE possibilita grandes avanços na educação brasileira, pois vivemos em uma sociedade de diversidade em que temos de aprender a conviver com as diferenças. Para Silva “a educação inclusiva pretende que o ensino seja para todos e que todos aprendam com todos, no contexto do grupo-turma” (2011, p.18). E assim, sendo obrigatório por lei, cabe à escola se adaptar a exigências previstas para fazer as adaptações necessárias para a inclusão destes alunos. As mudanças têm que ser feitas desde as partes arquitetônicas dos prédios, com toda adaptação e até mesmo a construção do currículo adaptado à realidade dos alunos para que possa garantir o acesso, a aprendizagem e a permanência dos alunos na escola.

Seria necessário que a Secretária Municipal de Educação buscasse atender as necessidades das escolas, oferecendo capacitações de educação continuada a todos os funcionários das escolas, principalmente aos professores que atuam na sala de aula independente se no ano em curso tem ou não alunos com deficiências.

A inclusão de aluno que tem Necessidade Educaiconal Especial deve ser discutida no âmbito escolar para que possa melhorar cada vez a concepção do que seja inclusão, pois mesmo considerado pelos inquiridos como sendo necessário, porque permite a aprendizagem de uns com os outros, ainda existem dificuldades de como deve ser conduzido metodologicamente a sala de aula do ensino comum. E, como adequação para a inclusão de alunos com NEE destacam-se alguns pontos essenciais para o melhoramento do processo inclusivo no ensino regular nas escolas.

As estratégias levantadas pelos inquiridos são algumas contribuições para a escola superar as dificuldades destacadas pelos profissionais que atuam em sala de aula do ensino comum, com alunos com NEE ou com deficiência. Dessa forma, podemos também superar o preconceito no ambiente escolar por parte dos colegas que são considerados normais, já que a convivência dos alunos PNEs e os demais possibilitam um desenvolvimento social, onde todos aprendem juntos com a heterogeneidade na sala de aula. Proporcionando para todos os alunos e professores, com e sem NEE, a prática educativa e saudável na convivência com a diversidade, tornando-se um aspecto gratificante para todos. Mantoan explica que:

Para que a diversidade nas práticas educativas se efetive, faz-se necessário um clima global sensível, que possibilite melhorar a situação de cada membro da comunidade educativa, pautada no compromisso e nas atitudes, em que aluno e professor se percebam partícipes de uma comunidade na qual possam encontrar apoio mútuo (2008, p.144).

A escola deve conduzir a responsabilidade de modificar os conflitos e conceitos discriminatórios quanto aos preconceitos com as diferenças, transformando em um novo modelo de educação, contribuindo para o desenvolvimento de trabalho que seja de unanimidades a todos que dela fazem parte.

Na realização desta pesquisa, alguns obstáculos foram enfrentados para a efetivação da coleta dos dados, a omissão de alguns colegas professores em responder a entrevista, o mau atendimento da secretaria municipal de educação em nos receber e comunicar aos diretores das escolas escolhidas que iríamos desenvolver o trabalho de pesquisa, haja vista, não entenderem a finalidade do estudo. Elegendo como ponto positivo, foi a recepção pelos diretores e professores envolvidos na entrevista, além do enriquecimento pelos conhecimentos adquiridos nas trocas de idéias favoráveis na realização do trabalho, nos possibilitou também ampliar a visão de como realmente acontece a inclusão no município.

A pesquisa da representação social de professores sobre a educação inclusiva foi pioneira no município. Muito embora outros estudos sobre inclusão já tenham sido desenvolvidos em nível de graduação e de cursos de especialização. Mas, nunca se esgota as possibilidades de novas pesquisas como aprofundamento no tema, para que possa favorecer novos resultados de estudos. A continuidade de investigação sobre o tema será necessária, pois novas possibilidades de mudanças podem surgir, haja vista que nossa sociedade está constantemente se evoluindo em todos os aspectos, sejam sociais, políticos e/ou educacionais. E quando se trata de educação precisamos estar atentos como se processa as mudanças para que possamos efetivar uma educação de qualidade e para todos, sem que haja distinção de qualquer que seja o aluno.

Um aspecto gratificante foi perceber que embora ainda exista o preconceito e o medo de trabalhar o diferente, expressos nas atitudes dos entrevistados, mas demonstram a preocupação em buscar novos métodos de como trabalhar as deficiências. Isso demonstra mudanças nos comportamentos sociais e acima de tudo reflete na conquista de uma educação de direito e qualidade. Pois, o processo de inclusão está se evoluindo e contribuindo para o final de um modelo educacional baseado apenas na segregação de alunos com deficiências.

Os obstáculos e desafios ainda são muitos para superarmos a sociedade excludente. Porém, a escola tem a responsabilidade de transformar os antigos conceitos de inclusão num processo educacional que atenda a todos de forma igualitária para que as crianças sintam-se no desejo de estarem juntas no mesmo espaço educacional.

Portanto, espera-se que os resultados levantados pela pesquisa sirvam de reflexão e possam redimensionar as análises sobre o que realmente é entendido por inclusão de

alunos com NEE ou com deficiência no município, favorecendo, assim, para os novos conceitos de mudanças que se faz necessário na educação inclusiva, garantido a efetivação de um ensino de qualidade a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, M. A. (2008). *Temas em Educação Especial: múltiplos olhares*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES – PROESP.
- Alves, F. (2005). *Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio*. Rio de Janeiro: Wak Ed.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed.70.
- Bartalotti, C. C. (2006). *Inclusão social das pessoas com deficiências: utopia ou possibilidade?* São Paulo: Papirus.
- Brasil. (1995). Ministério da Educação e do Desporto. *O processo de integração escolar dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais no sistema educacional brasileiro*. Séries diretrizes nº 11. Brasília: Secretaria de Educação Especial (SEESP).
- Brasil. (1996). Ministério da Educação e do Desporto. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996*.
- Brasil. (1988). Presidência da República. *Constituição da República Federativa do Brasil*.
- Brasil. (1989). *Lei nº 7853*. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de deficiência-CORDE.
- Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas (1994). Lisboa II – E, Doc. Anexo à Revista Inovação n. 1, V.7. Lisboa.
- Decreto de nº 6.571/2008 de 17 de setembro. Atendimento Educacional Especializado. Presidência da República.
- Decreto de nº 7.611/2011 de 17 de novembro. A Educação Especial, O Atendimento Educacional Especializado. Presidência da República.
- Correia, M. C. P. G. (2003). *Sinais de Inclusão. A Deficiência e as representações sociais dos professores do Ensino Básico: Um Estudo de Caso*. 137 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Lisboa – Portugal.
- Facion, J. R. (2008). *Inclusão escolar e suas implicações*. 2º Ed. Curitiba: Ibpex.
- Fernandes, M. R. (2000). *Mudança e inovação na pós-modernidade*. Perspectivas curriculares. Porto: Porto.
- Ferracine, L. (1990). *O professor como agente de mudança social*. São Paulo: EDU.
- Fortunati, J. (2007). *Gestão da Educação Pública: caminhos e desafios*. Porto Alegre: Artmed.
- Franco, M. F. P. B. (2008). *Análise de Conteúdo*. 3 ed. Brasília: Liber livros editora.
- Freitas, A. L. S. de. (2010). *Capacitação docente: um movimento que se faz compromisso*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Garcia, C. M. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto - Portugal.
- Glat, R. (2007). *Educação Inclusiva: Cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Sete Letras.
- Honora, M. & Frizanco, M. L. (2008). *Esclarecendo as deficiências: aspectos teóricos e práticos para contribuição com uma educação inclusiva*. São Paulo, SP: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.
- Jesus, L. N. de. (2009). *Inclusão do deficiente auditivo: alicerces: família, escola e sociedade*. Rio de Janeiro: E-perpers.
- Kahlmeyer-Mertens, R. S. (2007). *Como elaborar projeto de pesquisa: linguagens e métodos*. Rio de Janeiro: FVG.
- Kronbauer, S. C. G. & Simionato, M. F. (2008). *Formação de Professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Paulinas. (coleção docente em formação).
- Laville, C. & Dione J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artemed.
- Leite, R. S. (1999). *Formação de professores: Aquisição de conceitos ou competências?* Ministério da Educação e do Desporto. *Revista Criança do professor de educação infantil*. Nº 30.
- Lopes, J. (2006). *O fazer do trabalho científico em Ciências sociais aplicadas*. Recife: Ed.Universitária da UFPE.
- Ludke, Menga, et al (2007). *O professor e a Pesquisa*. 5ª Ed.Campinas, SP: Papirus.
- Macedo, M. M. K. & Carrasco, L. K. (2005). *(Com)textos de entrevistas: olhares diversos sobre a interação humana*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Meksenas, P. (2007). *Sociologia da Educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. São Paulo, SP: 13ª ed. Loyola.
- Mantoan, M. T.E. (org.). (2008). *O desafio das diferenças nas escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mantoan, M. T. E. (2006). *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?*. 2ª ed. São Paulo: Moderna.
- Moraes, M. A. C. de. (2008). *PROEM: vencendo as dificuldades de aprendizagem na escola*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais, investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Neto, A. V. (2007). *Foucault & a Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica.
- Neves, E. B. & Domingues, C. A. (2007). *Manual de Pesquisa Científica*. Rio de Janeiro: EB/CEP.
- Pádua, E. M. de. (2007). *Metodologia da Pesquisa: Abordagens teórico-prático*. 13ª Ed. Campinas, SP: Papirus.

Poizat, D. (2004). *Os indicadores internacionais para a educação inclusiva: entre a estratégia ambígua e a convergência dos sistemas de informação*. Rev. Lusófona de Educação. nº 03, p. 41-51. ISSN 1645 7250.

Ramos, R. (2008). *Passos para a INCLUSÃO: Algumas orientações para o trabalho em classes regulares com crianças com necessidades especiais*. 4ª ed. São Paulo: Cortez.

Ramos, R. (2010). *Inclusão e prática: Estratégias eficazes para a educação inclusiva*. São Paulo: Sumus.

Rangel, M. (2004). *A pesquisa de representação social como forma de enfrentamento de problemas socioeducacionais*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Reis, L. G. (2008). *Produção de monografia: da teoria a prática*. 2ª Ed. Brasília: Senac.

Rodrigues, D. (2006). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: SUMMUS.

Romanowski, J. P. (2007). *Formação e profissionalização docente*. 3ª Ed. Curitiba: Ibpex.

Sanches, I. & Teodoro, A. N. D. (2006). *Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos*. Revista Lusófona de Educação. nº. 8, p.63-83. ISSN. 1646-401X.

Santos, M. de F. de S. & Almeida, L. M. de. *Diálogo com a teoria da representação Social*. Recife – PE: Ed. Universitária da UFPE.

Selau, B. & Hammes, L. J.. (2009). *Educação Inclusiva e Educação para a Paz: relações possíveis*. São Luiz – MA: EDUFMA.

Silva, M. O. E. da. (2011a). Educação inclusiva: Um novo paradigma da escola. *Revista Lusófona de Educação*, nº 19, p. 119-134. ISSN:1645-7250 disponível no dia 01/11/2012 no site: <http://revistaulusofana.pt/index.php/rleducacao/article/view/2845/2162> b

Silva, M. O. E. da. (2011). *Gestão das aprendizagens na sala de aula inclusiva*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. (coleção ciências da educação: aprendizagem e formação) Coleção nº 01.

Silva, M. O. E. da. (2009). Da Exclusão à Inclusão: Concepções Práticas. *Rev. Lusófona de Educação*, nº 13, p. 135-153. ISSN 1645-7250.

Silva, M. O. E. da. (2008). *Saber, saber ser, saber fazer e saber viver com os outros: o desafio da escola para o Século XXI*. (Comunicação apresentada na Conferência Internacional: “Educando o Cidadão Global, Globalização, Educação e Novos Modos de Governança” disponível no dia 29/12/2009 no site: www.grupolusofona.pt/.../506F9A42BB365C96E040A8C01E086367).

Silva, M., O., E. (2008). “O Professor de Educação Especial: um Mediador para a Inclusão de Alunos considerados com tendo Necessidades Educativas Especiais no Ensino Regular”. *Actas, XVI Colóquio da AFIRSE*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Silva, N. de M. A. (org). (2009). *Representações Sociais em Educação: determinantes teóricos e pesquisas*. Blumenau: Edifurb.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 – GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Blocos	Objectivos Específicos
A Confidencialidade	Garantir confidencialidade
B INCLUSÃO	Perceber como os entrevistados percebem a inclusão de alunos com NEE; Destacar as atitudes mais significativas que os entrevistados se auto-atribuem e atribuem aos seus colegas, aos alunos com e sem NEE, aos órgãos de gestão e aos supervisores e coordenadores e à população em geral; Perceber como perspectivam a legislação que enquadra a inclusão destes alunos; Compreender se há diferenças significativas entre as representações dos professores que lecionam em meio urbano e em meio rural, sobre a inclusão de alunos de NEE; Indagar sobre como perspectivam o futuro dos alunos; com NEE a nível profissional.
C Dificuldades sentidas	Identificar dificuldades dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito: -à identificação das próprias dificuldades dos alunos; -à prática pedagógica que desenvolvem; -à implementação de medidas decorrentes da legislação; -à gestão das aprendizagens de todos os alunos, sempre que têm alunos com NEE nas suas turmas; -à organização da sala de aulas; -à relação com os encarregados de educação; -Aos recursos existentes (humanos e materiais); -Relativamente à articulação com os órgãos de gestão e supervisores e instituições de educação especial.
D Estratégias implementadas	-Identificar estratégias que os entrevistados utilizam para incluir os alunos: -na sala de aula; -nos recreios; -sempre que haver visitas de estudos; -com a comunidade em nível de escola; - nas reuniões com os encarregados da educação; -com os professores de educação especial; -com instituições de educação especiais.

APÊNDICE 02 – FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES E DIRETORES

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

FIP – FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Estimado professor e diretor, esse roteiro de perguntas tem como objetivo coletar dados que subsidie o desenvolvimento de uma pesquisa para a escrita de uma dissertação, aonde irá se identificar a inclusão de alunos em situação de deficiência em escolas públicas do município de Caicó – RN. Suas respostas e opiniões são muito importantes para o aprofundamento de reflexões sobre esta temática.

Pesquisador:

Local da pesquisa

Identificação

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) E DIRETOR(A)

1. Sexo 1 Masculino

1 Feminino

2. Idade

1 19 a 29 anos

1 30 a 39 anos

1 40 a 49 anos

1 50 a 59 anos

1 acima de 60 anos

3. Anos de docência _____

4. Formação Acadêmica

Graduação 1

Especialização 1 Qual? _____

Mestrado 1

Outra 1 Qual? _____

5. Possui experiência com alunos com NEE?

SIM 1

NÃO 1

6. Que ano/série você leciona? _____

7. Tem participado de alguma formação continuada no âmbito da educação inclusiva?

SIM 1 Qual? _____

NÃO 1

APÊNDICE 03 – SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

ESCOLA 1 DIRETOR 1

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Depende da acessibilidade da escola;
- Só acontece porque é obrigatório por lei;
- Necessita de ajuda de especialista;
- Nem sempre é bem compreendida pelo professor.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- De receio por falta de preparação;
- De angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno com NEE;
- Deixa a desejar.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- De aceitação

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- O atraso nas aprendizagens dos outros alunos;
- A falta de recursos.

ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.

- Articular com outros atores;
- Adaptar o material para a socialização das aulas;
- Atender às necessidades dos alunos;
- Adaptar a sala de aula de acordo com as necessidades dos alunos.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- São desconhecidas;
- Trabalho multiprofissional.

APÊNDICE 04 – ESCOLA 2 DIRETOR 2

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Ainda é excludente;
- Não é possível;
- Só acontece, porque é obrigatório por lei;
- Necessita de ajuda de especialistas;
- Depende da confiabilidade do professor;
- Nem sempre é bem compreendida pelo professor.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- De angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno com NEE;
- Deixa a desejar.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- Nem sempre são de aceitação;
- Depende de como são preparados para receber os seus colegas com NEE.

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Estão relacionadas com as dificuldades do aluno;
- Não têm correspondência com os decretos do governo federal;
- A falta de recursos.

ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.

- Articular com outros atores;
- Adequar metodologia que facilite a aprendizagem;
- Adaptar a sala de aula de acordo com as necessidades dos alunos;
- Adequar currículos;
- Utilizar atividades diferenciadas em sala de aula;
- Aproveitar os recreios para que os alunos brinquem uns com os outros;
- São planejadas a cada bimestre.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- Decorrem de um trabalho especializado.

APÊNDICE 05 – ESCOLA 6 DIRETOR 3

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Depende da acessibilidade da escola;
- É comum;
- Necessita de ajuda de especialistas;
- Só acontece, porque é obrigatório por lei.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- De angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno com NEE.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- Nem sempre são de aceitação.

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- A falta de capacitação dos professores;
- Saber adequar material adequado à problemática do aluno.

ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.

- Articular com outros atores;
- Trabalhar em grupo;
- Aproveitar os recreios para que os alunos brinquem uns com os outros.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- Decorrem de um trabalho especializado;
- Trabalho multiprofissional.

APÊNDICE 06 – ESCOLA 1 PROFESSOR 1

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- É necessária;
- Depende da acessibilidade;
- Necessita de ajuda de especialistas;
- Não é consensual;
- Sendo obrigatório por lei, nem sempre é conhecida pelos professores.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- De receio por falta de preparação;
- De angústia por medo de não saber trabalhar com os alunos;
- Nem sempre são perceptíveis.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- Nem sempre são de aceitação.

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- A necessidade de ter especialistas que façam o diagnóstico dos alunos;
- Atenua-se de o professor utilizar trabalho em grupo;
- O número de alunos por turma;
- A falta de recursos.

ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.

- O diagnóstico feito por um especialista;
- Atender as necessidades dos alunos;
- Trabalhar em grupo;
- Articular com outros atores;
- Adaptar atividades de acordo com as necessidades dos alunos;
- Levar os alunos com NEE a participar das aulas.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- São desconhecidas pelo entrevistado;
- Articulação com a instituição de educação especial.

APÊNDICE 07 – ESCOLA 2 PROFESSOR 2

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Não é consensual;
- Depende da acessibilidade da escola;
- Necessita da ajuda de especialistas;
- Só acontece, porque é obrigatório por lei;
- Não é desconhecida pelos professores.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE.

- De angústia por medo de não saber trabalhar com os alunos;
- De insegurança por falta de preparação;
- De preocupação.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE A INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- Nem sempre são de aceitação;
- De entreaajuda.

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Identificar as deficiências;
- A falta de recursos didáticos em sala de aula;
- Organizar a sala de aula.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR

- Conhecer o aluno;
- Manter o diálogo com os pais;
- Trabalhar em grupo;
- Dar mais atenção nos recreios, aos alunos com NEE.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL.

- Estruturação da escola para o atendimento aos alunos com NEE;
- Articular com outros atores;
- Estimular a aprendizagem de todos os alunos.

APÊNDICE 08 – ESCOLA 3 PROFESSOR 3

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- É um avanço;
- Oferece suporte ao processo de aprendizagem;
- É necessária;
- Depende da acessibilidade da escola;
- Sendo obrigatório por lei, nem sempre é conhecida pelos professores;
- Necessita de especialistas;
- Ensina os alunos a respeitar todos.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- De insegurança;
- De apreensão.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- De aceitação.

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- A inexistência de capacitação para os professores;
- Insuficiência de material.

ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR

- Atendimento individualizado;
- Articulação com outros atores e instituição;
- Organização da sala de aula;
- Acompanhamento nas práticas pedagógicas;
- Os trabalhos em grupos e individuais;
- Brincadeiras com todos os alunos;
- Visitas de estudo em comum.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- Planejamento;
- Articulação com a instituição de educação especial.

APÊNDICE 09 – ESCOLA 4 PROFESSOR 4

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Não é consensual;
- Sendo obrigatório por lei, nem sempre é conhecida pelos professores;
- Depende da acessibilidade da escola;
- Sendo obrigatório por lei, nem sempre o aluno é recebido pela escola;
- Necessita de ajuda de especialistas;
- Nem sempre inclui por razões legais e sim porque faz a diferença.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- De medo;
- De Insegurança por falta de preparação.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- Nem sempre é de aceitação;
- De entreajuda;
- De aprendizagem com as diferenças.

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- A inexistência de capacitação para os professores;
- Não conseguir desenvolver as práticas pedagógicas;
- Falta de recursos didáticos em sala de aula;
- As superficialidades das articulações dos órgãos de gestão;
- Trabalhar o aluno com NEE.

ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.

- Atender as dificuldades de todos;
- Cumprir a legislação;
- A organização da sala de aula;
- As adequações metodológicas;
- A socialização das leituras;
- Brincadeiras em comum;
- A realização das atividades escolares e extra-escolares.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- Turmas de acordo com a deficiência;
- Articulação com a instituição de educação especial.

APÊNDICE 10 – ESCOLA 5 PROFESSOR 5

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Não é consensual;
- Depende da acessibilidade da escola;
- Necessita de ajuda de especialistas.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- De medo;
- De preocupação;
- Estão correlacionadas com a ajuda da equipe pedagógica.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- De entreajuda.

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- A falta de conhecimento;
- Estão relacionadas com as necessidades do aluno;
- A insuficiência do material;
- A falta de capacitação;
- As superficialidades nas articulações entre os órgãos de gestão.

ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.

- Articular com outros atores;
- Trabalhar em grupo;
- Adaptações nas práticas pedagógicas;
- Distribuição de tarefas em sala de aula;
- Organização das brincadeiras;
- A integração no meio social.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- São desconhecidas pelo entrevistado.

APÊNDICE 11 – ESCOLA 6 PROFESSOR 6

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Permite a aprendizagem de todos;
- Depende da acessibilidade;
- Necessita de especialistas;
- Só acontece, porque é obrigatório por lei.

ATITUDES DOS PROFESSORES RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- Da angústia por medo de não saber trabalhar;
- Nem sempre são percebidas.

ATITUDES DOS ALUNOS RELATIVAMENTE À INCLUSÃO DOS SEUS COLEGAS COM NEE.

- Nem sempre é de aceitação.

DIFICULDADES SENTIDAS COM A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE

- A inexistência de capacitação para os professores;
- Falta de recursos.

ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR.

- A socialização do cumprimento da legislação;
- Trabalhar em grupo;
- Dispor a sala em círculo;
- Atribuir funções nas visitas das escolas.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE POR PARTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- São desconhecidas pelo entrevistado;
- Atender as necessidades de cada aluno.

APÊNDICE 12 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

ESCOLA 1 DIRETOR 1

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
A inclusão se alunos com NEE	- depende da acessibilidade da escola	- Está adaptada para receber alunos com NEE
	- Só acontece porque é obrigado por lei.	- Por razões legais, mas não por que acha que acontece a aprendizagem.
	- Necessita de ajuda de especialista.	- O professor não pode dar um diagnóstico, mas pode observar as suas características e encaminhar para os especialistas.
	- Nem sempre é conhecido pelo professor.	- As informações são repassadas através de encontros pedagógicos, reuniões e capacitações, mas isso acontece para os professores que têm alunos com NEE e no ano seguinte quem assume a sala de aula é justamente o professor que não foi capacitado.
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE	- De angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno com NEE.	- Muito angustiado, porque não somos preparados para trabalhar o diferente.
	- Deixa a desejar.	- Porque os professores ficam apavorados que mesmo tendo o material, eles não conseguem trabalhar a inclusão. Na verdade, eles devem desprender-se da rotina e dinamizar as aulas adaptando para o desenvolvimento da inclusão em sala de aula.
Atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE	Depende de como são preparados para receber os seus colegas com NEE	- Brincam e se tornam até amigos.
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	- Atraso na aprendizagem dos outros alunos.	- Porque os professores alegam que, às vezes, acontece o atraso de aprendizagem dos demais alunos pelo motivo de voltarem a atenção apenas para os alunos com NEE.
	- Falta de recursos.	- Os recursos existentes são

		insuficientes, pois os professores não são preparados para adaptarem os materiais às necessidades de cada aluno.
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular	- Articular com outros atores	- Através de reuniões, de encontros pedagógicos e cursos de capacitação.
	- Adaptar o material para a socialização das aulas	- Quando são repassadas as informações referentes à legislação, fazemos adaptações no material para trabalhar em sala de aula e buscamos dinâmicas para a socialização.
	- Atender as necessidades dos alunos	- A sala de aula deve ser organizada para atender as necessidades de cada aluno, de forma que possa socializar a turma com trabalhos em grupos, brincadeiras, dinâmicas para que contribua tanto para o ensino aprendizagem como para a socialização.
	- Adaptar a sala de aula de acordo com as necessidades dos alunos	- É feito algumas adaptações na sala de aula, utilizando estratégias como colocando o aluno com NEE na frente, próximo ao quadro, falando sempre em frente ao aluno.
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE na Educação Especial.	- São desconhecidas	- Por ser uma instituição de educação especial, no caso da APAE, eles são treinados para trabalhar a inclusão com profissionais da área, como fisioterapeuta, psicólogos, psicopedagogos etc.
	- Trabalho multiprofissional	- As instituições de educação especial são preparadas e trabalham com material todo adaptado às necessidades de cada aluno, portanto possuem

		um corpo de funcionário multiprofissional para trabalhar apenas a parte clínica com os alunos com NEE.
--	--	--

APÊNDICE 13 – ESCOLA 2 DIRETOR 2

A inclusão se alunos com NEE	- Ainda é excludente	- Estão obrigados a receber, mas também não oportunista o aluno com NEE a permanecer com sucesso na escola. Apesar de estarmos no momento de transição da escola inclusiva, percebemos que ainda é excludente, por falta de instrumentos necessários para que a inclusão aconteça, mesmo assim estamos fazendo as adequações necessárias para que a inclusão aconteça.
	- Não é impossível	- Eles pensam a inclusão como sendo algo difícil, alegando que a escola não é adaptada, que a família não ajuda, que os professores não são preparados e, por isso, não há condições de fazer a inclusão no ensino regular de alunos com NEE.
	- Necessita de ajuda de especialista	- O professor não pode caracterizar no sentido de diagnosticar, porque a tarefa do professor é pedagógica, mas todo professor com curso de licenciatura estuda em psicopedagogia o desenvolvimento humano. Então, ele pode identificar como está ocorrendo as dificuldades, e o aluno não está conseguindo superar e se perpetua ao longo da idade. Então, o professor pode contribuir para identificar a NEE, porque as pessoas com NEE não só é as que têm dificuldades de aprender, mas as que têm altas habilidades de desenvolvimento.
	- Depende da confiabilidade do professor	- Identificar uma criança com NEE vai depender mais da confiabilidade do professor do que da própria formação.
	-Só acontece, porque é obrigado por lei.	- A maioria inclui por razões legais, poucos acreditam que a criança com NEE tem possibilidade de aprender, pois são pessoas com dificuldades, mas com várias possibilidades de aprender, porque temos várias formas de ensinar e também várias formas de aprender.
	- Nem sempre é do conhecimento do professor.	- Alguns sim têm conhecimento, porque já estudaram sobre o

		assunto e outros já fizeram cursos, mas a maioria não tem conhecimento, pois educação especial passou a ser uma modalidade dentro da escola regular, tem professor que busca informações e outros, não.
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE	- De angústia por medo de não saber trabalhar o aluno com NEE.	- No primeiro momento é de angústia, e tem todo direito de se angustiar pela falta de capacitação, mas depois que lutar, aprender e caminhar, e isso muitos conseguem superar e quando termina o ano letivo, o professor vai ser o professor diferente dos outros, mais preparados, pois cada aluno é um caso diferente.
	Deixa a desejar	- Com certeza sempre vai acontecer rejeição, acredito que vai amenizando na medida em que se vai favorecendo à inclusão. Então, os professores irão compreender mais, pois somos nós que temos que brigarmos com a sociedade para que a inclusão aconteça.
- Atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE	- Nem sempre é de aceitação.	- Depende de quando o aluno entra na escola, se esse aluno estuda desde o ensino infantil, então eles se socializam mais rápido e aceitam normalmente, mas quando entra mais tarde na escola causa certa rejeição até que eles se acostumem com a diferença, depois aceitam normalmente.
	- Depende de como são preparados para receber os seus colegas com NEE	- Depende de como é trabalhado a criança, pois muitas vezes a rejeição já vem de casa, a família é quem passa essa rejeição, demora levar para um diagnóstico ou quando a criança copia as atitudes dos adultos, porque muitas vezes os

		adultos são quem não querem que as crianças se aproximem das crianças com NEE para não tirar a atenção.
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	Estão relacionados com as dificuldades dos alunos	- Quando é incluído desde cedo, não dificulta a aprendizagem dos alunos ditos normais e nem dos alunos com NEE, pois o índice de discriminação é menor.
	Não tem correspondência com os decretos do governo federal	- Desde a última diretriz da educação especial que é datada de setembro de 2008, o governo federal decreta, e os estados e municípios acatam para trabalhar de acordo com os decretos, mas há um distanciamento entre os decretos e a realidade das escolas, portanto não está sendo trabalhados como deveria, desde a portaria de avaliarão, os recursos materiais, a oferta de cursos e a instalação de sala multifuncional. Então, tudo isso são medidas para que a implementação da legislação entre em vigor.
	- A falta de recursos.	- A gente sabe que o decreto foi de 2008 para ser implementada em 2009, e os recursos materiais chegarem a partir de 2010. Então, sabemos que não dispomos dos recursos materiais e nem humanos suficientes para fazer a inclusão acontecer.
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores	-Articular com outros atores.	- É socializada nos cursos de capacitação, enquanto que

do Ensino Regular		outros professores buscam através do estudo.
	- Adequar a metodologia que facilite a aprendizagem.	- O professor deve adequar uma metodologia com estratégias para cada tipo de NEE que facilite a aprendizagem em sala de aula.
	- Adaptar a sala de aula de acordo com as necessidades do aluno.	- A sala de aula que tem aluno com NEE tem que ser organizada de acordo com as adequações curriculares, como por exemplo, as adequações de grande porte que é de responsabilidade do ministério da educação, da secretária de educação e da própria sala de aula que é de responsabilidade exclusiva dos professores.
	- Adequar currículos.	- As adequações têm que ser feitas em nível de currículos, em nível de conteúdos, em nível de avaliação, portanto todas essas adequações devem ser organizadas para atender as necessidades desses alunos. Quando a escola faz essas adequações, contribuirá para adequá-las ao desenvolvimento educacional da criança.
	- Utilizar atividades diferenciadas em sala de aula.	- Fazendo atividades diferenciadas, utilizando uma metodologia adequada para os alunos com NEE.
	Aproveitar os recreios para que os alunos brinquem uns com os outros	- Não existe diferença entre os espaços dos recreios de alunos, ditos normais e alunos com NEE. Hoje, percebemos que os alunos ditos normais já veem o aluno com NEE diferente de

		antes, eles socializam-se e brincam normalmente e tratam de forma amistosa
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE na Educação Especial.	- É desconhecido pelo entrevistado	- Os professores da educação especial antes da política atual trabalhavam de outra forma porque a educação especial não era oferecida pela escola regular, e hoje, ela é modalidade da escola regular, pois as adequações foram tanto para a escola comum como para a escola especial, pois tivemos que organizar porque os alunos tiveram que ser encaminhados para a escola comum.
	- São planejados a cada bimestre.	- A instituição de ensino especial no caso da APAE, a cada bimestre, são chamados para conversar sobre os alunos de inclusão, saber como está acontecendo a inclusão, como está o desenvolvimento do aluno, mas partindo da escola regular não vemos essa articulação.
	- Decorrem de um trabalho especializado.	- A escola especial permaneceu apenas com o atendimento especializado, com o apoio das atividades complementares dentro da instituição especial. A escola especial é para encaminhar esse aluno para a escola regular, para isso teve que mudar sua metodologia de trabalho para oferecer um suporte para o desenvolvimento do aluno e não oferecer a escolarização.

APÊNDICE 14 – ESCOLA 6 DIRETOR 3

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	- Depende da acessibilidade da escola	- Por que temos acessibilidade e aceitamos todos os alunos que nos procuram e não devemos rejeitar nenhum tipo de aluno.
	- É comum	- Eles consideram normalmente, apenas a maioria pensa que precisa de capacitação para trabalhar com alunos de NEE.
	Necessita de ajuda de especialista	- Deve ser diagnosticado por um médico e/ou por uma equipe multiprofissional.
	Acontece por que é obrigado por lei.	Por razões legais.
- Atitudes dos professores relativamente a inclusão de alunos com NEE	- De angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno com NEE	- Ficam angustiados quando sabem que vão ter alunos com NEE, porque não são preparados para trabalhar com esses tipos de alunos.
- Atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE	- Nem sempre são de aceitação	- No início rejeitam e colocam até apelido, mas depois vão se acostumando e socializando normalmente.
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	- Falta de capacitação dos professores.	- Os professores não são preparados para desenvolver suas atividades com os alunos com NEE.
	- Saber adequar o material à problemática do aluno.	- Os materiais não são adaptados para trabalhar em sala de aula com alunos de NEE.
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular	- Articular com outros autores.	- É através dos encontros pedagógicos realizados pela Secretária Municipal de Educação que é repassado apenas a teoria, e a prática fica por conta do professor em sala de aula que busca ajuda na equipe pedagógica.
	- Trabalhar em grupos	- Agrupar os alunos para não diferenciar as atividades dos alunos com NEE, com certeza, contribuirá para o ensino aprendizagem dos alunos.
	- Aproveitar os recreios para que os alunos brinquem uns com os outros.	- É normal e brincam juntos com os outros alunos. Não deixar isolados dos outros, procurarem sempre incluí-los nas atividades juntos aos colegas.
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores da educação especial	- Decorrem de um trabalho especializado.	- São capacitados para trabalharem de acordo com a necessidade de cada aluno.
	-Trabalho multiprofissional	- No caso da APAE faz o acompanhamento clínico, mas os alunos são matriculados nas escolas do ensino regular.

APÊNDICE 15 – ESCOLA 1 PROFESSOR 1

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	- É necessária	-Eles pensam que a inclusão é necessária.
	- Depende da acessibilidade da escola	- Por que temos acessibilidade e recebemos todos os alunos que nos procuram.
	- Necessita de ajuda de especialistas	- Não é papel do professor, caracterizar deficiente e/ou NEE. Ele pode pedir ajuda à especialista.
	- Não é consensual	- Muitos acreditam que os alunos têm possibilidade de aprenderem juntos, mas muitos professores ainda incluem por razões legais.
	- Sendo obrigatório por lei, nem sempre é conhecido pelo professor.	- Alguns sim, mas a grande maioria não. A prioridade (da socialização da informação) é apenas para professores que têm alunos com deficiência em sala de aula.
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE	- De receio por falta de preparação	- Têm medo, porque não estão preparados.
	- De angústia por medo de não saber trabalhar com o aluno	- Sente-se angustiado e inseguro com medo de não saber trabalhar com o aluno.
	- Nem sempre são perceptíveis	- Se o professor rejeita, não deixa transparecer.
- Atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE	Nem sempre são de aceitação	- Aceitam, mas em alguns casos não respeitam, apelidando.
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	A necessidade de ter especialista que façam o diagnóstico do aluno	- Quando as deficiências são físicas, auditivas, no entanto, o aluno com NEE precisa de um parecer de um especialista.
	- Atenua-se de o professor utilizar trabalho em grupo.	- Acho que pode até ajudar através dos trabalhos em grupos onde um ajuda ao outro.
	- O número de alunos por turma	- O número elevado de alunos pode dificultar o trabalho
	- A falta de recursos didáticos em sala de aula	- A maioria dos professores não são capacitados, e os recursos são quase inexistentes.
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular	- Partir de um diagnóstico feito por um especialista	- Acho que o professor deve ter um diagnóstico do aluno e com a ajuda de um profissional especialista desenvolver.
	- Atender as necessidades dos alunos	- de acordo com as necessidades dos alunos
	- Trabalhar em grupo	- Acho que os alunos com NEE

		devem ser inseridos igualmente com outros alunos. Isso contribui para o ensino e aprendizagem de ambos.
	- Articular com outros atores	- Encontros bimestrais realizados por instituições de educação especial no caso da APAE.
	- Adaptar atividades de acordo com as necessidades dos alunos.	- É feito algumas adaptações nas atividades, dependendo das necessidades do aluno.
	- Levar os alunos com NEE a participar das aulas	-É fazer com que eles participem das aulas e sintam-se incluídos na turma.
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores da educação especial	- São desconhecidas pelo entrevistado	- Por ser de instituições especiais, eles têm ajuda de especialistas para fazer o acompanhamento desses alunos.
	- Articulação com a instituição de educação especial.	- Quando as famílias têm conhecimento de que o aluno tem deficiência, acredito que é feito um trabalho coletivo: família e instituição.

APÊNDICE 16 – ESCOLA 2 PROFESSOR 2

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
A inclusão se alunos com NEE	- Não é consensual	- Porque pensam que a inclusão não contribui para o desenvolvimento do aluno.
	- Depende da acessibilidade da escola	- Porque a escola tem acessibilidade com rampas de acesso e sala de recursos.
	- Necessita de ajuda de especialistas	- Não é papel do professor, caracterizar dificuldades e/ou NEE.
	- Só acontece, porque é obrigatório por lei.	- É por questões legais, porque se não fosse obrigatório os professores não aceitariam a inclusão.
	- Não é desconhecida pelos professores	- Porque são socializados através de cursos de capacitação, e muitos não participam.
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE	- Da angústia por medo de não saber trabalhar.	- Ficam angustiados por preocupação em saber das dificuldades para poder ver em que poderiam contribuir para o potencial do aluno.
	- De insegurança por falta de preparação.	- A maioria pensa que a inclusão é algo que não contribui para que o aluno avance e, com isso, sinta-se inseguro.
	- De preocupação	- Depois, ficam preocupados em saber das dificuldades para contribuir com o potencial do aluno.
Atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE	Nem sempre é de aceitação	- Em muitos casos, pode acontecer uma rejeição.
	- De entreajuda	- Muitas vezes eles procuram até ajudar as crianças com deficiências
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	- Identificar as deficiências	- Não é difícil, porque no dia a dia vão sendo identificadas as deficiências, só não pode ser diagnosticadas.
	- A falta de recursos didáticos em sala de aula.	- O professor deve deixar de trabalhar apenas o livro didático e passar a inserir outros recursos didáticos adaptados.
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular	- Organização da sala de aula	- A sala, de qualquer forma, deve ser organizada para atender as necessidades de

		todos os alunos.
	- A articulação com outros atores	- Estamos sempre em contato com os supervisores, coordenadores, professores, secretaria de educação e APAE para favorecer à inclusão.
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE na Educação Especial	- Estruturação da escola para o atendimento aos alunos com NEE	- A escola está bem estruturada com sala multifuncional para receber os alunos com NEE, os professores estão sempre buscando aprender a trabalhar com a realidade dos alunos.

APÊNDICE 17 – ESCOLA 3 PROFESSOR 3

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
A inclusão de alunos com NEE	- É um avanço	- Pensam como sendo um avanço, porque tem como propósito principal facilitar a transição dos estudantes da escola especial à escola comum.
	- Oferece suporte ao processo de aprendizagem.	- Contribui para assegurar que as diferenças não se transformem em desigualdades educacionais.
	- É necessário	- Para a aprendizagem e a participação de todos na vida social.
	- Depende da acessibilidade da escola	- Porque atendemos a todos que nos procuram por iguais.
	- Sendo obrigatório por lei, nem sempre é conhecida pelos professores.	- Está garantido por lei o acesso das crianças com NEE na escola.
	- Necessita de especialistas	- Os professores estão para atender as crianças e não para diagnosticar.
	- Ensina os alunos a respeitar todos.	- Que os alunos ajudam ao colega, e os mesmos aprendem a respeitar o companheiro.
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE	- De insegurança por falta de preparação	- Os professores sentem insegurança por não terem sido capacitados para lidar com as diferenças
	- De apreensão.	- No primeiro ano que tive alunos de inclusão, fiquei muito apreensiva, mas tive ajuda em sala de aula de uma auxiliar que dava direito por lei. E na época participei de alguns cursos de inclusão.
Atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE	- De aceitação	- Os alunos não têm rejeição alguma, são muito carinhosos com os mesmos, brincam normalmente e acolhem com carinho.
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	- A inexistência de capacitação para os professores.	- Pois nem todos tiveram acesso aos cursos que foram ministrados pela Secretaria Municipal de Educação. Dependendo da necessidade de cada criança, os professores não estão preparados.
	- A insuficiência de material	- O material não é satisfatório
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular - Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE na Educação Especial	- Atendimento individualizado	- É normal com o apoio individualizado àqueles que têm dificuldades de aprendizagem e/ou NEE.
	- Articulação com outros atores	- Através de encontros pedagógicos e cursos de capacitação. - Alguns encontros com os

		coordenadores da APAE.
	Organização da sala de aula	- Quanto à organização deve ser de maneira que atenda a cada necessidade dos alunos em sala de aula.
	- Acompanhamento nas práticas pedagógicas	- É normal como é realizado com as demais crianças, só que tem um acompanhamento individual.
	- Trabalhos em grupos	- Com a ajuda dos colegas, que já sabem ler, e o professor.
	- Brincadeiras com todos os alunos.	- Todos brincam juntos.
	- Visitas de estudo em comum.	- Os alunos com NEE vão normalmente junto com os outros colegas.
	- Planejamentos	Elaborado voltado para cada aluno com sua necessidade específica.
	- Articulação com a instituição de educação especial.	- No caso da APAE, só se trabalha com os diagnósticos e acompanhamento clínico especializado, buscando incluir os alunos no meio social, através de oficinas, psicólogo e assistente social.

APÊNDICE 18 - ESCOLA 4 PROFESSOR 4

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE.	- Não é consensual	- Alguns pensam que a socialização de alunos com deficiência e/ou NEE ajuda no desenvolvimento social e até cognitivo, mas a maioria não vê a inclusão com bons olhos, porque não querem se adaptar às ações pedagógicas que venham a atender as suas necessidades.
	- Sendo obrigatório por lei, nem sempre é desconhecido pelos professores.	- Alguns conhecem, e outros buscam informações de como trabalhar através de cursos de capacitações promovidos pela Secretaria Municipal de Educação e através de leituras.
	- Depende da acessibilidade da escola	- Porque recebemos todos que nos procuram e tentamos atender as suas necessidades. Além da escola já ser adaptada arquitetonicamente, deve ser organizada para atender as necessidades, como por exemplo, a parte física da escola e a arquitetônica têm que dar condições de locomoção às crianças.
	- Sendo obrigatório por lei, nem sempre o aluno é recebido pela escola.	- Conheço pessoas que reclamam de escolas que não recebem alunos com NEE, mas não citam nomes.
	- Necessita de ajuda de especialistas.	- O professor não pode definir qual o tipo de deficiência, mas pode conversar com os pais e com a escola para encaminhar para uma instituição especializada.
	- Nem sempre inclui por razões legais e sim porque faz a diferença.	- A maioria inclui por razões legais, mas não podemos generalizar por que sabemos que alguns acreditam que a inclusão faz a diferença a essas crianças com NEE.

- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE.	- De medo	- Será que vai ter rejeição por parte das outras crianças? Algumas rejeitam, mas com o tempo eles aprendem com a diferença, podendo se tornar um aprendizado.
	- Insegurança por falta de preparação.	- De não saber trabalhar com as crianças com NEE.
- Atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE.	- Nem sempre é de aceitação.	- De início existe diferença, mas dependendo da ação do professor as demais crianças findam acolhendo.
	- De entreajuda	- Ajudam no desenvolvimento das tarefas
	- De aprendizagem com as diferenças.	- As crianças aprendem com as diferenças, e a diferença está nos solidários, e as outras crianças tanto ensinam como aprendem com os colegas as línguas de sinais, nome de animais etc.
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE.	- A inexistência de capacitação para os professores.	- Quando o professor não tem conhecimento e não sabe se comunicar com o aluno, como por exemplo, os DA.
	-Não consegue desenvolver as práticas pedagógicas.	- O professor procura desenvolver suas práticas de forma que venham atender as dificuldades de todos. Nem sempre consegue, porque a dificuldade está no professor. - Por não ser preparado e não ter nenhum curso de capacitação, muitas vezes, vai aprendendo com a própria criança ou buscando ajuda de quem já passou pela experiência.
	- Falta de recursos didáticos em sala de aula.	- O material não é satisfatório para atender as necessidades da escola, e o professor não pode assumir esse compromisso sozinho.
	- As superficialidades das articulações dos órgãos de gestão.	- Muito superficial pouco acrescenta os encontros para essa articulação com os

		órgãos de gestão e a instituição de educação especial. Esses encontros devem propor sugestões de atividades para o professor desenvolver na sala de aula para que o aluno possa continuar frequentando.
	- Trabalhar o aluno com NEE.	A maior dificuldade do professor é saber o que vai trabalhar para melhorar a sala de aula.
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular	- Atender as dificuldades de todos	- O professor procura desenvolver suas práticas de forma que venham atender as dificuldades de todos.
	- Cumprir a legislação	- Na medida do possível, a escola tenta fazer o que pede a legislação, procurando não colocar na mesma sala diferentes deficiências. - Não colocando salas numerosas. - Fazemos as matrículas antecipadas.
	- A organização da sala de aula.	- O professor desenvolve sua metodologia, levando em consideração as suas necessidades, como por exemplo, o DA deve ser colocado em lugar estratégico, falar em frente para ele e utilizar a libra quando necessário.
	- As adequações metodológicas	- O professor adota práticas criativas na sala de aula, fazendo as adequações metodológicas.
	- A socialização das leituras	- O professor mobiliza a socialização, e o processo de participação quando vai para a sala de leitura e o trabalho é feito por igual aos demais.
	- Brincadeiras em comum.	- É realizado com todos juntos, sem distinção, até por que o recreio é um momento de socialização e vemos que as crianças portadoras de NEE e/ou deficiências brincam com as demais normalmente, apenas ficamos observando para

		não colocar as crianças em riscos.
	- A realização das atividades escolares e extra-escolares	- É a mesma estratégia utilizada com os outros alunos em todas as atividades realizadas dentro e fora da escola. Fazemos questão que as crianças com deficiências participem.
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores da Educação Especial	- Turma de acordo com a deficiência.	- Eles são capacitados e trabalham de acordo com as necessidades apresentadas. Pois, dispõem de material adequado.
	- Articulação com a instituição de educação especial.	- O trabalho é desenvolvido com o pessoal capacitado e os especialistas para orientar. - Precisa de maior integração familiar nas instituições de educação especial.

APÊNDICE 19 – ESCOLA 5 PROFESSOR 5

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	Não é consensual	- Por pensarem que é obrigatório, eles aceitam os alunos com NEE em sala de aula, mas muitos não acreditam que acontece o ensino aprendizagem.
	- Depende da acessibilidade da escola	- Porque temos acessibilidade e recebemos todos os alunos com deficiência que nos procuram.
	- Necessita de ajuda de especialista	- O professor pode perceber que o aluno tem algum problema e encaminha para o especialista.
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE	- De medo	- Por não estarem preparados.
	- De preocupação	Na nossa escola aceitamos, mas a preocupação é com as outras escolas, pois, já vi depoimentos de professores dizendo que não aceitam.
	- Estão relacionadas com a ajuda da equipe pedagógica.	- Busca ajuda de toda a equipe da escola para superar as dificuldades de trabalhar com as diferenças.
- Atitudes dos alunos relativamente à inclusão de alunos com NEE	- De entreajuda	- Eles ajudam a locomoverem esses alunos de um espaço para outro.
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	- Falta de conhecimento	- Quando o professor não tem conhecimento da dificuldade do problema do aluno.
	- Estão relacionadas com as necessidades do aluno.	- Às vezes atrapalha, dependendo da necessidade do aluno. Mas, quando a necessidade é um DA, com certeza, não atrapalha.
	- Insuficiência do material	- Não são satisfatórios, pois os materiais não existem.
	A inexistência de capacitação para os professores.	- Pois o professor ainda precisa se preparar muito para trabalhar com a inclusão.
	-A superficialidade nas articulações entre os órgãos de gestão.	- Existe, mas não é suficiente, pois demora muito acontecer e quando acontece é com a equipe pedagógica da escola.
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular	- Articular com outros atores	- Nos encontros promovidos pela secretária Municipal de Educação, nas semanas pedagógicas e na semana do deficiente promovido pela

		UFRN.
	- Trabalhar em grupo	- Trabalho o aluno igual aos demais, apenas procurando trabalhar sempre em grupos, onde uns ajudam aos outros. - Pois, o grupo ajuda na socialização do aluno e, com certeza, contribuirá no ensino aprendizagem do aluno.
	- Adaptações nas práticas pedagógicas.	- São feitas algumas adaptações, e trabalhamos muito em grupo, até porque a metodologia da escola ativa nos orienta, e observo que eles aprendem muito com os colegas.
	- Distribuição de tarefas em sala de aula	- É tratá-los iguais e atribuir-lhes funções em sala de aula.
	- Organização das brincadeiras	- Que eles possam participar e sintam-se incluídos.
	- A integração no meio social	- Colocando os alunos para fazer parte do colegiado estudantil nos comitês de recepção e de informação, para que eles possam se sentir capazes e parte integrante do meio social.
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE na Educação Especial.	- São desconhecidas pelo entrevistado	- Eles fazem mais um acompanhamento clínico com profissionais especialistas para atender as crianças com deficiências e/ou NEE e trabalham as atividades adotadas de acordo com as necessidades dos alunos, e o trabalho é desenvolvido com terapia.

APÊNDICE 20 – ESCOLA 6 PROFESSOR 6

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
INCLUSÃO DE ALUNOS COM NEE	- Permite a aprendizagem de todos.	- Eles pensam que as crianças com NEE têm condições de aprender juntos com as crianças do Ensino Regular.
	- Depende da acessibilidade	- Porque a escola sempre está trabalhando o grupo social e recebe todas as crianças que procuram a escola, tendo em vista a escola ser adaptada arquitetonicamente para receber crianças com deficiência e/ou NEE.
	- Necessita de ajuda de especialista	- Porque só quem deve diagnosticar os alunos com NEE são os especialistas.
	- Só acontece, porque é obrigatório por lei.	- A grande maioria inclui por razões legais.
- Atitudes dos professores relativamente à inclusão de alunos com NEE	- Da angustia por medo de não saber trabalhar	- Fico angustiada, porque nunca fui trabalhada para receber alunos com NEE e, por isso, não me sinto preparada.
	- Nem sempre são perceptíveis.	- Se o professor rejeita, mas não deixa transparecer.
- Atitudes dos alunos relativamente a inclusão de alunos com NEE	- Nem sempre é de aceitação	- No início rejeitam e colocam apelidos, mas depois passam a aceitar normalmente.
- Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	A inexistência de capacitação para os professores.	- Falta de capacitação prática para desenvolver o trabalho em sala de aula, haja vista ser repassado apenas a teoria.
	- Falta de recursos didáticos em sala de aula	- O material existente, mas não é satisfatório por não ser adaptado para trabalhar a inclusão.
- Estratégias implementadas para a inclusão de alunos com NEE por parte dos professores do Ensino Regular	- A socialização do cumprimento da legislação	- É socializada nas capacitações, através de palestras promovidas pela Secretária Municipal de Educação.
	- Trabalhar em grupo	- Trabalhar nos grupos, proporciona a socialização entre as crianças. - Devemos incluir juntos aos demais alunos através de grupos. - Não devemos trabalhar de forma isolada, dando sempre atenção especial ao aluno e

		mostrar que ele é capaz de desenvolver as tarefas juntos aos demais alunos.
	- Dispor a sala em círculo	- Arrumar a sala em forma de círculo, onde o aluno possa sentir-se parte integrante da sala de aula e de preferência ficando próximo ao quadro e ao professor.
	- Atribuir funções nas visitas das escolas	- Atribui funções aos alunos de inclusão, colocando para fazer parte dos comitês de recepção, de orientação e meio ambiente e assim fazemos com que ele sinta-se importante no meio em que está inserido.
- Estratégias utilizadas para a inclusão de alunos com NEE na Educação Especial.	- São desconhecidas pelo entrevistado	- Por ser uma instituição especial como APAE eles trabalham com o diagnóstico das crianças e atendem a parte clínica com multiprofissionais especialistas, e o ensino aprendizagem acontece nas escolas do ensino regular.
	- Atende as necessidades de cada aluno	- Por ser de instituição especial, os professores são capacitados teoricamente e na prática para desenvolver atividades adequadas para cada deficiência.

APÊNDICE 21 – PROTOCOLO DAS ENTREVISTAS COM OS DIRETORES

ESCOLA 1 DIRETOR 1

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: Eles se acham preocupados, por que não estão preparados para assumir a sala de aula com alunos com NEE.

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim

3. Por que acha que é?

Resposta: Porque está adaptada para receber alunos com NEE.

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Não...porque é lei, então eles são obrigados a receber.

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: Sim. Ele não pode dar um diagnóstico, mas pode observar as suas características e encaminhar para o especialista.

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: É por razões legais, mas não por que acha que acontece a aprendizagem.

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costuma ter?

Resposta: Ficam todos preocupados porque não se sentem preparados para assumir a sala de aula com alunos com NEE.

8. E no seu caso especial, o que sentiu?

Resposta: Também preocupada.[...].muito angustiada.[...].porque não somos preparados para trabalhar o diferente.[....].

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: E.1 – D.1 – E.1 – P.3 – Sim.[...].brincam e se tornam até amigos.[....].

10. Há alguma rejeição por parte das crianças?

Resposta: Não.[...].de início eles ficam isolados, mas depois se socializam e torna-se amigos.

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Não.[...].de início ficam preocupados...mas depois começam aprender com eles [...].

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Alguns, sim.[...].

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: Através de reuniões, de encontros pedagógicos e de cursos de capacitação.

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: Sim.[..]. As dificuldades são dos professores por não se sentirem preparados para trabalhar com eles.

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Deixa muito a desejar.[...]. Pois os professores ficam tão apavorados que mesmo tendo o material, eles não conseguem trabalhar a inclusão. [...]. Na verdade, eles devem se desprender da rotina e dinamizar as aulas, adaptando-as para o desenvolvimento da inclusão em sala de aula. [...].

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Quando são repassadas as informações referentes à legislação, fazemos adaptações no material para trabalhar na sala de aula e buscamos dinâmica para a socialização.

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Não. Mas os professores alegam que às vezes acontece o atraso de aprendizagem dos demais alunos pelo motivo de voltarmos as atenções apenas para os alunos com NEE.

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E se isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: A sala de aula deve ser organizada para atender as necessidades de cada aluno[...]. De forma que possa socializar a turma com trabalhos em grupos, [...], brincadeiras, [...], dinâmicas para que contribuam tanto para o ensino aprendizagem como para a socialização na sala de aula.

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: Os recursos existentes ainda são poucos.[...]. Pois, os professores não são preparados, e os materiais não são adaptados para o trabalho que atenda as necessidades dos alunos. [...].

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: Sim, acontece através de encontros pedagógicos.[...]. Reuniões e capacitações. [...]. Mas, isso só acontece para quem tem alunos com NEE, no ano seguinte, quem assume a sala com alunos com NEE é justamente o professor que ainda não participou de nenhuma capacitação.

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: São feitas algumas adaptações na sala de aula, [...] dependendo da necessidade de cada aluno,[...] utilizando estratégias como: colocando o aluno com NEE na frente, próximo ao quadro, [...] falando sempre em frente ao aluno. [...].

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: São utilizadas estratégias de socialização para mostrar que somos todos diferentes...mas temos os mesmos direitos e somos capazes de aprendermos com as diferenças [...].

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: A nossa escola não possui recreios por falta de espaço físico. A recreação é desenvolvida na sala de vídeo com jogos. [...]. Filmes educativos são desenvolvidos normalmente para todos.

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: Através da sensibilização com os demais,[...] atribuindo funções e colocando sempre na frente das atividades...na comunidade quando acontece, dependendo da NEE, buscamos ajuda da família.

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Por ser uma instituição de educação especial, no caso da APAE, eles são treinados para trabalhar a inclusão com profissionais da área como: fisioterapeuta, [...] psicólogos, [...] psicopedagogos etc.

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: As instituições são preparadas e trabalham com material todo adaptado às necessidades de cada aluno.[...]. Portanto, possui um corpo de funcionário multiprofissional para trabalhar apenas a parte clínica com os alunos com NEE.

ESCOLA 2 DIRETOR 2

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: Eles pensam a inclusão como sendo algo difícil, alegando que a escola não é adaptada, que a família não ajuda, que os próprios professores não são preparados e, por isso, não há condições de fazer a inclusão no ensino regular de alunos com NEE.

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim

3. Por que acha que é?

Resposta: Porque estão obrigadas a receber, mas também oportuniza o aluno com NEE a permanecer com sucesso na escola.....apesar de estarmos no momento de transição da escola inclusiva, percebemos que ainda é excludente.....por falta de instrumento necessário para que a inclusão aconteça.....mesmo assim estamos fazendo as adequações necessárias para que a inclusão aconteça.....

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Na escola pública não.[...].mas a escola privada muitas delas alegam que não têm as adequações necessárias para receber o aluno...por isso é que a maioria dos alunos com NEE estão nas escolas públicas.[.....].

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: Caracterizar no sentido de diagnosticar não pode.[.....].porque a tarefa do professor é pedagógica.[...].mas todo professor com curso de licenciatura estuda em psicologia o desenvolvimento do ser humano, então ele pode identificar como está ocorrendo as dificuldades, e o aluno não está conseguindo superar, e se perpetua ao longo da idade, portanto o professor pode contribuir para identificar a NEE.[.....].porque as pessoas com NEE não só são as que têm dificuldades de aprender, mas as que têm altas habilidades de desenvolvimento.[.....].identificar uma criança com NEE vai depender mais da confiabilidade do professor do que da sua própria formação.[.....].

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: A maioria inclui por razões legais....poucos acreditam que a criança com NEE tem possibilidade de aprender.[...].pois são pessoas com dificuldade.[...].mas com várias possibilidades de aprender.[.....].pois temos várias formas de ensinar e também temos várias formas de aprender.[...].

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costuma ter?

Resposta: No primeiro momento é de angústia.[...]e tem todo direito de se angustiar pela falta de capacitação.[...]mas depois tem que se levantar e lutar.....aprender a caminhar e isso muitos conseguem superar.[.....].e quando termina o ano letivo ele vai ser o professor diferente dos outros.[.....].mais preparados, pois para cada aluno é um caso diferente.[.....].

8. E no seu caso especial, o que sentiu?

Resposta: Não senti nenhum impacto.[...]pois foi uma escolha minha em trabalhar com crianças com NEE, haja vista que alguns professores sentiam-se angustiado.[...]e eu resolvi estudar e me preparar para trabalhar com o aluno com NEE.

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: Depende de quando o aluno entrou na escola.[.....].se esse aluno estuda desde do ensino infantil, então eles se socializam mais rápido e aceitam normalmente.[.....].mas quando entra mais tarde causa uma certa rejeição até que eles se acostumem com a diferença.[...].depois aceitam normalmente.

10. Há alguma rejeição por parte das crianças?

Resposta: Não.[..].depende de como são trabalhadas as crianças .[...].pois muitas vezes a rejeição já vem de casa.[..].a família é quem passa essa rejeição.[..].demora levar para um diagnóstico.[..].ou quando a criança copia as atitudes do adulto.[..].porque muitas vezes os adultos é quem não quer que as crianças se aproximem das outras crianças com NEE para não tirar a atenção.[.....].

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Com certeza....sempre vai acontecer.[...].acredito que vai amenizando....na medida que vai favorecendo à inclusão, então os professores irão compreender mais .[...]. Pois somos nós que temos que brigar com a sociedade para que a inclusão aconteça.

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Alguns sim, porque já estudaram sobre o assunto, e outros já fizeram cursos.[...]. Mas a maioria não tem conhecimento. [...]. Pois a educação especial passou a ser uma modalidade dentro da escola regular. Tem professor que busca informação e outros, não.

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: É socializada nos cursos de capacitação, enquanto que outros professores buscam através do estudo.

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: Muitas vezes a inclusão de aluno com NEE não é feita porque justamente o professor não tem conhecimento para identificar as dificuldades.[.....]. O professor quando não tem conhecimento, ele não vai acompanhar estas dificuldades e trabalhar a inclusão. Muitas vezes, a dificuldade se instala e perdura pela falta de conhecimento que o professor não tem. [...]. E achou que era normal. [...]. Logo que o professor tem conhecimento e identifica a dificuldade do aluno, passa a procurar soluções.

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: O professor deve adequar uma metodologia com estratégias para cada tipo de NEE que facilite a aprendizagem em sala de aula.

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Desde as últimas diretrizes de educação especial que é datada de setembro de 2008.[...]. É o governo federal decretando, e os estados e municípios acatam e trabalham de acordo com os decretos, [...]. Mas, há um distanciamento entre os decretos e a realidade das escolas. [...]. Portanto, não estão sendo trabalhados como deveria. [...]. Desde a portaria de avaliação, os recursos materiais, a oferta de cursos e a instalação de sala multifuncional. [...]. Então, tudo isso são medidas para que a implementação da legislação entre em vigor.

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Quando é incluído desde cedo, não dificulta a aprendizagem dos alunos ditos normais nem dos alunos com NEE, pois o índice de discriminação é menor.[....].

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E se isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: A sala de aula que tem alunos com NEE tem que ser organizada de acordo com as adequações curriculares, como por exemplo as adaptações de grande porte, que são de responsabilidade do Ministério da Educação, da Secretaria de Educação e da própria escola; já as de pequeno porte são as adaptações da sala de aula que é de responsabilidade exclusiva dos professores.[...]. As adequações têm que ser feitas em nível de currículos, de conteúdo, de metodologia, de organização da sala de aula, de avaliação. Portanto, todas essas adequações devem ser organizadas para atender as necessidades desse aluno. [...]. Se essas

adequações não acontecem, então não está contribuindo para o ensino aprendizagem da criança, e quando a escola faz essas adequações contribuirá adequadamente para o desenvolvimento educacional da criança. [...]. E assim todos aprendem.

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: A gente sabe que o decreto foi de 2008 para ser implantado em 2009, e os recursos materiais chegarem a partir de 2010. Então, sabemos que não dispomos dos recursos materiais nem humanos suficientes para fazer a inclusão acontecer. [...].

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: A instituição de ensino especial, no caso da APAE, a cada bimestre somos chamados para conversar sobre os alunos de inclusão.[...]. Saber como está acontecendo a inclusão, como está o desenvolvimento do aluno. [...]. Mas, partindo da escola não vemos muito essa articulação, isso acontece esporadicamente. [...]. A escola é mais receptiva e não ativa na minha concepção. [...]. Deveria ser mais ativa. [...]. Correndo através dos avanços, procurando os professores, diretores e professores para que a inclusão aconteça... e não esperar que as instituições chamem.[...].

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Fazendo atividades diferenciadas, utilizando uma metodologia adequada [...], mas os alunos não têm aprendido.[...] sempre aparece reclamação dos pais.[...].

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: Estratégia para cada tipo de NEE.

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: Não existe diferença entre os espaços dos recreios de alunos ditos normais e com NEE.[...]. Hoje percebemos que os alunos ditos normais já veem o aluno com NEE diferente de antes. [...]. Eles socializam-se e brincam normalmente e tratam-se forma amistosa.

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: Quando saímos para fazermos uma visita a uma escola comum.[...]. Quando tem alunos com NEE, eles são bem observados... Mas mesmo assim levamos todos por iguais, [...] desde que eles tenham condições de adentrar. [...]. Como por exemplo, tem deficientes físicos que não podem subir escadas e assim por diante, [...] mas quando há condições até atribuímos funções para que eles sintam-se incluídos. [...] tanto na escola, como nas visitas à comunidade. [...].

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Os professores da educação especial, antes da política atual, trabalhavam de outra forma, [...] porque a educação especial não era oferecida pela escola regular.[...]. E hoje, ela é modalidade da escola regular... Pois as adequações foram tanto para a escola comum, como para a escola especial, porque tiveram que se organizar uma vez que os alunos tiveram que ser encaminhados para a escola comum.

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: A escola especial permaneceu apenas com o atendimento especializado [...], com o apoio das atividades complementares dentro da instituição especial. [...]. A escola especial para encaminhar esse aluno para a escola regular teve que mudar sua metodologia de trabalho para oferecer um suporte para o desenvolvimento do aluno, e não oferecer a escolarização.

ESCOLA 6 DIRETOR 3

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: Eles consideram normalmente.....apenas a maioria pensa que precisa de capacitação para trabalhar com esses alunos.

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim

3. Por que acha que é?

Resposta: Porque aceitamos todos os alunos que nos procuram e não devemos rejeitar nenhum tipo de aluno.

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Não.[...].pode existir, mas não conheço

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: Não.[...].deve ser um diagnóstico do médico e/ou de uma equipe multiprofissional.

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: Por razões legais.

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costuma ter?

Resposta: Ficam angustiados quando sabem que vão ter alunos com NEE, por que não são preparados para trabalharem com esses tipos de alunos.

8. E no seu caso especial, o que sentiu?

Resposta: Senti medo.[...].porque não era preparada para trabalhar com esses tipos de alunos

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: Sim.[...].brincam, sem nenhuma rejeição.

10. Há alguma rejeição por parte das crianças?

Resposta: No inicio rejeitam e colocam até apelido, mas depois vão se acostumando e socializam-se normalmente.

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Pode até ter professores que rejeitam.[...].mas não conheço...até porque tem que abraçar a causa.[...].

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Sim.[...].

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: É através do encontros pedagógicos realizados pela Secretaria Municipal de Educação.

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: Sim.[..]. E muitas por falta de capacitação do professor.

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Agrupar os alunos para não diferenciar as atividades dos alunos com NEE e/ou deficientes.[...].

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: É repassada a teoria nos encontros pedagógicos, e a prática fica por conta do professor em sala de aula, buscando sempre ajuda da equipe pedagógica.

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Não dificulta, as crianças aprendem juntas.[..].

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E se isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: Devemos incluir juntos aos outros alunos, para trabalhar em grupo.[...]. Com certeza contribuirá para o ensino aprendizagem dos alunos.

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: Não, porque os professores não são preparados para desenvolver suas atividade com esses tipos de alunos, e a questão do material não existe adequadamente para trabalhar em sala de aula com esses tipos de alunos.

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: Existe a teoria que é repassada nos encontros promovidos pela Secretaria Municipal de Educação com toda a equipe da escola.

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: O trabalho em grupo.[...].

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: Não deixá-lo isolado dos outros.[...]. Procurar sempre incluí-lo nas atividades juntos aos outros. [...].

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: O recreio normal, [...] brincando juntos com os outros alunos.[...]. Não deixando isolados dos outros, procurando sempre incluí-los nas atividades juntos aos demais.

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: Dentro da metodologia da escola ativa, existem os comitês...portanto colocamos sempre esses alunos de NEE para atribuí-los funções tanto nas visitas de escolas, como na própria comunidade.[...].

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: São todos capacitados para trabalharem de acordo com a necessidade de cada aluno [...].

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: É realizado o acompanhamento clínico.[...]. Temos a APAE, que faz o acompanhamento, mas que os alunos são matriculados nas escolas do ensino regular.

APÊNDICE 22 – PROTOCOLO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

PROFESSOR 1 DA ESCOLA 1

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: Eles pensam que a inclusão é necessária, mas tem muitos professores que não se sensibiliza com a inclusão.

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim

3. Porque acha que é?

Resposta: Por que temos acessibilidade e recebemos todos os alunos que nos procuram.

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Não conheço nenhuma escola

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: Não é papel de o professor caracterizar deficiência e/ou NEE, ele pode, sim, pedir ajuda a especialistas.

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: Muitos acreditam que os alunos têm possibilidade de aprenderem juntos, mas muitos professores ainda incluem por razões legais.

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costuma ter?

Resposta: Tem medo, porque não estão preparados.

8. E no seu caso, especialmente, o que sentiu?

Resposta: Senti-me angustiada e insegura, com medo de não saber trabalhar com o determinado aluno.

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: Aceitam, mas em muitos casos não respeitam, apelidando.

10. Há alguma rejeição de parte das crianças?

Resposta: não existe rejeição.

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Se os professores rejeitam, não deixam transparecer.

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Alguns sim, mas a grande maioria, não.

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: Sim. Nos cursos, mas por ter um número determinado de participantes, a prioridade é apenas para quem tem alunos com deficiência em sala de aula, ficando a grande maioria sem participar.

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: Quando as deficiências são físicas, auditivas; no entanto, os alunos com NEE precisam de um parecer de um especialista para que o professor possa trabalhar essas necessidades.

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Acho que o professor deve ter um diagnóstico do aluno e com a ajuda de um profissional especialista possa desenvolver práticas pedagógicas que atenda as necessidades do aluno.

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: De acordo com as necessidades do aluno, nos encontros pedagógicos, os professores procuram atender a esse aluno de acordo com a necessidade que ele tem.

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Não. Acho que pode até ajudar através dos trabalhos em grupos onde um ajuda ao outro.

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E se isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: Acho que os alunos com NEE devem ser inseridos igualmente aos outros alunos, isso contribui para o ensino aprendizagem de ambos, pois um ajuda ao outro, o que devemos ter cuidado apenas é com o número de alunos com NEE em cada sala de aula, porque o número elevado de alunos pode dificultar o trabalho.

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: Não. A maioria dos professores não são capacitados e os recursos são quase inexistentes.[...].

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: Através de encontros bimestrais realizados por instituições de educação especial no caso da APAE.

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: São feitas algumas adaptações nas atividades. Dependendo das necessidades do aluno, utilizo de estratégias diferentes, procurando inovar para a melhor forma de ensino aprendizagem desse aluno.

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: Tratá-los da mesma maneira que tratamos os demais alunos, procurar fazer com que eles participem das aulas e sintam-se incluídos na turma.

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: A nossa realidade. [...] a escola não possui recreio por falta de espaço físico.

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: As duas situações devem ser feitas através de sensibilização para que os alunos possam participar das atividades por igual.

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Por ser de instituições especiais, eles têm ajuda de especialista para fazerem o acompanhamento desses alunos.

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Como as famílias têm conhecimento de que o aluno tem deficiência e/ou NEE, acredito que é feito um trabalho coletivo: família e instituição [...], trabalhando especificamente as deficiências.

PROFESSOR 2 DA ESCOLA 2

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: A maioria pensa que a inclusão é algo que não contribui para que o aluno avance e, com isso, sentem-se inseguros. [...]

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim.

3. Por que acha que é?

Resposta: Porque a escola tem acessibilidade com rampas de acesso e sala de recursos.

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Não, porque é lei.

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: Não, porque o professor não pode caracterizar a criança com deficiência e/ou NEE.

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: É por razões legais. [...], pois se a lei não obrigasse, não acontecia a inclusão.

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costumam ter?

Resposta: Ficam angustiados

8. E no seu caso especial, o que sentiu?

Resposta: Também angustiada, sempre preocupada em saber as dificuldades para poder ver em que eu poderia ajudar para poder contribuir com o seu potencial.

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: Sim. Pode acontecer uma rejeição independente da deficiência. [...]. Tem dia de eles serem amigos de um e de outros não [...].

10. Há alguma rejeição de parte das crianças?

Resposta: Não. Referente à deficiência não, muitas vezes eles procuram até a ajudar as crianças com deficiência.

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Não.

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Sim. [...]

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: É socializada através dos cursos de capacitação promovidos pela Secretaria Municipal de Educação.

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: As identificações das deficiências das limitações não são fáceis... Mas não é difícil [...]. No dia a dia vão sendo identificadas, mas nada de diagnóstico.

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: O professor deve deixar de se prender apenas ao livro didático. [...] e passar a trabalhar mais com recursos apropriados [...].

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Na medida do possível [...] de forma precária.

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Não dificulta. [...].

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E se isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: A sala de aula de qualquer forma deve ser organizada para que atenda a necessidade de todos os alunos.

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: A escola está bem estruturada com a sala multifuncional para receber os alunos com NEE, os professores estão sempre buscando aprender a trabalhar com essa realidade. Na verdade, deveria haver mais cursos e ter mais profissionais habilitados como fonoaudiólogo, psicólogos e demais especialistas.

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: Estamos sempre em contato os coordenadores, supervisores, professores, secretaria de educação e a APAE. O objetivo dessa articulação é favorecer a inclusão.

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Colocando os alunos na frente. [...] e os recursos para atender não apenas os alunos deficientes. [...], mas, sim, todos os alunos, de maneira que estimule a aprendizagem de todos os alunos.

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: Nós, professores, procuramos conhecer o aluno, manter o diálogo com os pais, para poder atender melhor as necessidade dos alunos e trabalhar sempre em grupo, para que ele sinta-se incluído.

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: O recreio acontece normalmente [...]. Procuramos dar mais atenção ao aluno com deficiência [...]. Todos os funcionários procuram dar uma contribuição [...] sem que nada de específico aconteça.

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: Quando os alunos têm muita dependência, nós procuramos a ajuda das famílias para acompanhar nestes eventos. [...].

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Os professores dessas instituições são treinados para trabalhar com esses alunos e desenvolvem diferentes terapias para cada deficiência. [...].

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: No caso a APAE, ela busca fazer essa inclusão de forma que os alunos participem. [...]. E busca estratégias para expandir essa inclusão. [...]. Até porque eles têm material específico e toda adaptação.

PROFESSOR 3 ESCOLA 3

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: Pensam como sendo um avanço, porque tem como propósito principal facilitar a transição dos estudantes da escola especial à escola comum e oferecer suporte ao processo de aprendizagem, contribuindo para assegurar que as diferenças não se transformem em desigualdades educacionais e, sim, em aprendizagem e participação de todos na vida social.

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim.

3. Por que acha que é?

Resposta: Atendemos a todos que nos procuram por igual.

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Não tenho conhecimento. [...]. Até porque está garantido por lei o acesso das crianças com NEE à escola.

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: Não. [...] os professores estão para atender as crianças e não, para diagnosticar.

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: Todas as crianças, que estão incluídas nas escolas, têm sim, condições de avançarem. Para isso, faz-se necessário o acompanhamento do professor e da equipe pedagógica na escola.

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costumam ter?

Resposta: Os professores sentem insegurança... Por não terem sido capacitados para lidar com as diferenças. [...].

8. E no seu caso, especialmente, o que sentiu?

Resposta: No primeiro ano que tive alunos de inclusão fiquei muito apreensiva, mas tive ajuda em sala de aula de uma auxiliar que ajudava direito. E na época participei de alguns cursos de inclusão oferecidos pela prefeitura.

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: Sim. [...] os alunos não têm rejeição alguma, são muito carinhosos com os mesmos e brincam normalmente. [...].

10. Há alguma rejeição de parte das crianças?

Resposta: Não. [...] elas acolhem estas crianças com carinho.

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Não. [...] nunca ouvi falar que na escola alguma criança com NEE tenha sido rejeitada por professor.

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Alguns têm conhecimento mais da LDB 9394/96, só que não é socializado na escola.

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: É socializada nos encontros pedagógicos e nos cursos de capacitação quando aparece alguma novidade que regulamenta a inclusão. [...].

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: Sim. [...], pois nem todos tiveram acesso aos cursos que foram ministrados pela Secretaria Municipal de Educação. [...].

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Normal. [...] com apoio individualizado aqueles que têm dificuldade de aprendizagem e/ou NEE.

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Através de encontros pedagógicos e cursos de capacitação. [...].

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Não. [...], pois os alunos ajudam ao colega, e os mesmos aprendem a respeitar o companheiro. [...].

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E se isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: Quanto à organização deve ser de maneira que atenda a cada necessidade dos alunos em sala de aula. [...].

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: Não. [...] depende da necessidade de cada criança. [...], pois os profissionais não estão preparados, e o material não tem satisfatório. [...].

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: Sim. [...], temos alguns encontros com os coordenadores da APAE. [...].

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Normal. [...] como realizo com as demais crianças. [...], só que tem um acompanhamento individual. [...].

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: Com os trabalhos em grupos, e individual com a ajuda dos colegas que já sabem ler e o professor. [...].

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: Todos brincam juntos. [...].

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: Nas visitas os alunos com NEE vão normalmente junto com as outras crianças. [...].

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Elaboram um planejamento voltado para cada aluno com sua necessidade específica. [...].

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: No caso da APAE, só se trabalha com os diagnósticos e acompanhamento clínico especializado, buscando incluir os alunos no meio social, através de oficinas pedagógicas, psicólogos e assistentes sociais. [...].

PROFESSOR 4 ESCOLA 4

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: Alguns pensam que a socialização de alunos com deficiência e/ou NEE ajuda no desenvolvimento social e até cognitivo. [...], mas a maioria não vê a inclusão com bons olhos porque não querem se adaptar às ações pedagógicas que venham atender as suas necessidades.

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim.

3. Por que acha que é?

Resposta: Porque recebemos todos que nos procuram e tentamos atender as suas necessidades... Além da escola já ser adaptada arquitetonicamente.

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Não. [...], mas conheço pessoas que reclamam de escolas que não recebem. [...], porém não citam nomes.

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: O professor pode perceber no dia a dia através das atividades desenvolvidas e pelo comportamento apresentado [...] que as crianças apresentam algumas características diferentes... Ele não pode definir qual o tipo da deficiência, mas pode conversar com os pais e com a escola para encaminhar para uma instituição para constatação desta dúvida.

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: A maioria inclui por razões legais. [...], mas não podemos generalizar, porque sabemos que alguns acreditam que a inclusão faz a diferença a essas crianças com NEE.

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costumam ter?

Resposta: Tem medo. [...] insegurança. [...] depois vêm os questionamentos... Será que vai dá certo? Vou saber trabalhar com essa criança? [...] será que vai ter rejeição por parte das outras crianças.

8. E no seu caso, especialmente, o que sentiu?

Resposta: De inicio senti insegurança. [...], mas busquei ajuda de especialista para desenvolver uma prática que pudesse incluí-los na sala de aula.

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: De inicio existe uma diferença, mas dependendo da ação docente do professor, as demais crianças findam acolhendo e brincando com eles. [...]. Até ajudam no desenvolvimento das tarefas.

10. Há alguma rejeição por parte das crianças?

Resposta: Existe. [...] muitas vezes eles usam apelidos pejorativos como, por exemplo: doido, aleijado, mudo. [...], mas, dependendo da ação do professor finda os alunos socializados com os de NEE e/ deficiente.

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Alguns rejeitam. [...], mas com o tempo, eles aprendem que com a diferença pode se tornar um aprendizado.

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Alguns sim. [...] outros buscam informações de como trabalhar.

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: É socializada através dos cursos de capacitação promovidos pela Secretaria Municipal de Educação e através de leituras. [...].

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: Sim. [...] quando o professor não tem conhecimento e não sabe até mesmo se comunicar com o aluno... Como, por exemplo, os DA.

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: O professor procura desenvolver suas práticas de forma que venha atender as dificuldades de todos, nem sempre ele consegue, porque as dificuldades estão nele. [...], porque não foi preparado e não tem nenhum curso de capacitação e, muitas vezes, vai aprendendo com a própria criança ou buscando ajuda com quem já passou pela experiência.

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Na medida do possível a escola tenta fazer o que pede a legislação, procuramos não colocar na mesma sala diferentes deficiência. [...] como, por exemplo, um DA. [...] um DM... E colocando sala numerosa para que o professor possa trabalhar de forma mais segura. [...], fazendo as matrículas antecipadas.

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Não. [...] as crianças aprendem com as diferenças. [...] e as diferenças estão nos solidários, e as outras crianças tanto ensinam como aprendem com eles. [...] as línguas de sinais. [...] nomes de alguns animais. [...].

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: A escola deve ser organizada para atende as necessidades. [...]. Como por exemplo, a parte física da escola. [...] a parte arquitetônica tem que dá condições de locomoção para a criança. [...].

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: Não. [...] O professor não se sente preparado para assumir esse compromisso; em termos de material não é satisfatório para atender as necessidades da escola.

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: Sim. [...], mas muito superficial. [...] pouco acrescenta os encontros para essa articulação com os órgãos de gestão e a instituição de educação especial. Esse encontro deve propor sugestão de atividade para o professor desenvolver na sala de aula para que o aluno possa continuar frequentando. Pois, a maior dificuldade do professor é saber o que vai trabalhar para melhorar a sala de aula.

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: O professor desenvolve sua metodologia levando em consideração as suas necessidades, como por exemplo, o DA deve ser colocado em lugar estratégico e falar em frete para ele. [...] utilizar a libra quando necessário. [...].

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: - O professor adota prática criativa na sala de aula. Ele faz as adaptações em suas metodologias. [...] o professor mobiliza a socialização e o processo de participação. [...] quando vai para a sala de leitura, o trabalho de lá é feito da mesma forma dos demais. [...].

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: É realizado com todos juntos, sem distinção, até porque o recreio é um momento de socialização, e vemos que as crianças portadoras de deficiências brincam com as demais normalmente. [...] apenas ficamos observando para não colocar as crianças em riscos. [...].

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: É a mesma estratégia utilizada com os outros alunos. [...] em todas as atividades realizadas dentro e fora da escola é a mesma, e fazemos questão que as crianças com deficiência participem. [...] a não ser que elas não queiram participar. [...] muitas vezes elas dizem que não quer.

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Eles são capacitados e trabalham de acordo com as necessidades apresentadas. [...]. Pois dispõem de material adequado e precisa de uma maior integração com a família.

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Nas instituições de educação especial, as turmas são formadas de acordo com as deficiências apresentadas, como por exemplo, as de DA, só com DA. Diferente das escolas, nas instituições especiais, eles dispõem de material adequado, e tem o pessoal capacitado e os especialistas a disposição que pode orientar.

PROFESSOR 5 ESCOLA 5

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: Por pensarem que é obrigatório, eles aceitam os alunos com NEE em sala de aula, mas muitos não acreditam que acontece o ensino aprendizagem.

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim.

3. Por que acha que é?

Resposta: Porque recebemos alunos com deficiência, e a escola é toda adaptada para alunos portadores com necessidade educacionais especiais.

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Não. [...], mas conheço pessoas que reclamaram porque a escola não recebeu.

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: Não. [...] ele pode perceber que o aluno tem algum problema e encaminhar para o especialista diagnosticar. [...].

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: Alguns professores acreditam que os alunos têm possibilidade de aprenderem juntos. [...] outros são por razões legais. [...].

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costumam ter?

Resposta: Têm medo. [...], pois não se sentem preparados. [...].

8. E no seu caso, especialmente, o que sentiu?

Resposta: Também senti medo. [...], mas busquei ajuda de toda a equipe para superar essas dificuldades de trabalhar com o diferente. [...].

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: Sim. [...] eles até ajudam a locomover esses alunos de um espaço para outro.

10. Há alguma rejeição por parte das crianças?

Resposta: Não.

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Não. Nesta escola aceitamos, mas já vi depoimento de professores de outras escolas dizerem que não aceitam. [...].

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Sim.

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: É através de encontros na Secretária Municipal de Educação. [...] de conversa formal e nos encontros pedagógicos. [...].

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: Sim. [...] quando o professor não tem conhecimento da dificuldade e/ou problema do aluno. [...].

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Trabalho o aluno igual aos demais. [...] apenas procurando trabalhar sempre em grupos. [...] onde uns ajudam aos outros. [...].

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: São nos encontros promovidos pela Secretaria Municipal de Educação. [...] nas semanas pedagógicas e na semana do deficiente promovida pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. [...].

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Depende da necessidade do aluno. [...] às vezes atrapalha. [...] quando são deficiências como o DA, por exemplo, com certeza não atrapalhará. [...].

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: Trabalhar em grupo ajuda muito na socialização do aluno. [...] e com certeza contribuirá no ensino aprendizagem do aluno.

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: Não são satisfatórios. [...], pois o professor ainda precisa se preparar muito para trabalhar com a inclusão, e os materiais não existem.

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: Existe. [...], mas não é o suficiente, pois demora muito a acontece e quando acontece é com a equipe pedagógica da escola.

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: São feitas algumas adaptações, e trabalhamos muito em grupos... Até por que a metodologia da escola ativa nos orienta isso e o que já observei foi que eles aprendem muito com os colegas. [...].

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: É tratá-los iguais. [...] e atribuir funções em sala de aula. [...].

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: Sim. [...] são organizados com brincadeiras que eles possam participar e sentirem-se incluídos. [...].

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: Colocando esse aluno para fazer parte do colegiado estudantil. [...] nos comitês de recepção... de informação. [...] para que ele possa sentir-se capaz e parte integrante do meio social. [...].

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Eles trabalham com atividades adaptadas para desenvolver as atividades de acordo com as necessidades dos alunos. [...] o trabalho é feito, mas com terapia. [...].

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Eles fazem mais um acompanhamento clínico, mas possuem os profissionais especialistas para fazerem o acompanhamento das crianças consideradas com deficiências e/ou NEE. [...] e não mais o trabalho de ensino aprendizagem.

PROFESSOR 6 ESCOLA 6

1. Como pensa que os professores consideram a inclusão de alunos com NEE no ensino regular?

Resposta: Eles pensam que as crianças com NEE têm condições de aprenderem juntos com as crianças do ensino regular... Apenas acham que precisam ser mais capacitados para fazerem a inclusão acontecer de forma concreta na sala de aula...

2. Esta escola é receptiva?

Resposta: Sim.

3. Por que acha que é?

Resposta: Porque a escola sempre está trabalhando o grupo social e recebe todas as crianças que procuram a escola, tendo em vista a escola ser adaptada arquitetonicamente para receber crianças com deficiências e/ou NEE.

4. Conhece escolas que procuram não receber alunos com NEE?

Resposta: Não.

5. Acha que os professores podem caracterizar uma criança com deficiência e/ou NEE?

Resposta: Não. [...], porque só quem deve diagnosticar são os especialistas. [...].

6. A grande maioria inclui, por razões legais, ou pensa que os professores consideram que os alunos com NEE têm possibilidade de fazer aprendizagem no ensino regular?

Resposta: A grande maioria inclui por razões legais. [...].

7. Quando sabem que vão ter alunos incluídos, que reação poderia dizer que os professores, no geral, costumam ter?

Resposta: Ficam angustiados e, em muitos casos, eles pedem auxiliar para a sala de aula.

8. E no seu caso, especialmente, o que sentiu?

Resposta: – Fico angustiada..., porque nunca fui trabalhada para receber alunos com NEE. [...] não me sinto preparada.

9. Os alunos, em geral, aceitam os seus colegas com NEE? Brincam com eles?

Resposta: No início não. [...], mas na medida em que vão sendo trabalhados em sala de aula, eles aceitam e brincam com eles. [...].

10. Há alguma rejeição por parte das crianças?

Resposta: No início rejeitam e colocam apelidos, mas depois passam a aceitar naturalmente.

11. E os professores? Acha que alguns rejeitam?

Resposta: Sim. [...], mas não deixam transparecer.

12. Os professores têm conhecimento da legislação e/ou decreto que regulamenta a inclusão de alunos com NEE em sala de aula do ensino regular?

Resposta: Sim.

13. E essa formação é socializada? De que modo?

Resposta: É socializada. Capacitações através de palestras promovidas pela Secretaria Municipal de Educação. [...].

14. Há dificuldade relativamente à inclusão de alunos com NEE, no que diz respeito à identificação das próprias dificuldades dos alunos em sala de aula?

Resposta: Sim. [...] pelo fato de não ter conhecimento dessas dificuldades e não estarem preparados. [...], apesar da escola ativar sem trabalhar o grupo, mas quando fala de inclusão é algo novo que precisa de muita capacitação.

15. Como acha que são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: Trabalhamos através de grupos, proporcionando a socialização entre as crianças. [...].

16. De que forma são implementadas as medidas decorrentes da legislação no que diz respeito à inclusão de alunos com NEE?

Resposta: São através dos cursos de capacitação, de forma que são repassados apenas a teoria. Na prática, ficamos buscando ajuda da equipe pedagógica da escola.

17. Acha que dificulta a aprendizagem de todos os alunos, sempre que tem alunos com NEE nas turmas do ensino regular? De que forma?

Resposta: Não. [...] de forma que os contextos do dia a dia em sala de aula, os alunos estão avançando o ensino aprendizagem de forma coletiva.

18. Como acha que deve ser organizada a sala de aula quando tem alunos com NEE? E isso contribui para o ensino aprendizagem de todas as crianças?

Resposta: Devemos incluí-los juntos aos demais, através de grupos, arrumando a sala em forma de círculos onde o aluno possa sentir-se parte integrante da sala e de preferência ficando próximo ao quadro e ao professor.

19. Os recursos existentes (materiais e pessoais) são satisfatórios na escola para o trabalho de inclusão de alunos com NEE? De que forma?

Resposta: Não. [...] os professores precisam de capacitação prática para desenvolver o trabalho em sala de aula, haja vista ser repassado apenas a teoria. [...] e o material existente não é satisfatório, pois os materiais não são adaptados para trabalhar a inclusão. [...].

20. Acha que acontece algum tipo de articulação entre os órgãos de gestão, supervisores, coordenadores e instituição de educação especial junto aos professores do ensino regular com alunos com NEE?

Resposta: Existe. [...], mas não é suficiente. [...], ficando muito a desejar, pois repassam apenas as teorias e não articulam oficinas práticas para que possamos inovar a sala de aula. [...].

21. Como são desenvolvidas as práticas pedagógicas em sala de aula do ensino regular com alunos considerados com NEE?

Resposta: O trabalho em grupo, de forma que um ajuda ao outro. [...] colocar o aluno de inclusão em lugar estratégico para que possa facilitar o ensino aprendizagem.

22. Quais são as estratégias utilizadas para que os alunos com NEE sintam-se incluídos na sala de aula?

Resposta: Não trabalhar de forma isolada..., dando sempre uma atenção especial ao aluno e mostrando que ele é capaz de desenvolver as tarefas juntos aos demais. [...].

23. Como são organizados os recreios para inclusão de alunos com NEE e os alunos do ensino regular?

Resposta: Recreio normal. [...] ficam livres para socializar-se com as demais...

24. Acha que se utiliza de qual estratégia para incluir os alunos com NEE nas visitas de escolas? E na comunidade escolar como acontece?

Resposta: Atribuir funções aos alunos de inclusão. [...], colocando-os para fazer parte dos comitês de recepção, [...] de orientação e meio ambiente e, assim, fazendo com que ele sinta-se importante no meio em que está inserido. [...].

25. Como pensa que os professores de educação especial trabalham relativamente para a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: Eles são capacitados teoricamente e na prática, para desenvolverem atividades adequadas para cada deficiência. [...].

26. Como acha que as instituições de educação especial trabalham a inclusão de alunos com NEE?

Resposta: No caso da APAE, eles trabalham com o diagnóstico das crianças e atendem a parte clínica por multiprofissionais especialistas. [...] o ensino aprendizagem acontece nas escolas do ensino regular. [...].